J. C. FREITAS
ENCADERNADOR
LISBOA

RESERVADO
523
B. N. L

Res
523

MICROFILMADO
10 / 8 / 90

Res
5-23

ALBUM DAS GLORIAS

HOMENS D'ESTADO, POETAS, JORNALISTAS,
DRAMATURGOS, ACTORES, POLITICOS, PINTORES, MEDICOS, INDUSTRIAES, TYPOS DAS SALAS,
TYPOS DAS RUAS, INSTITUIÇÕES, ETC.

DESENHOS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

TEXTO DE JOÃO RIALTO

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP

NEVOEIRO organisado em estadista. Suspiro d'uma brisa com assento no conselho d'estado. Miragem seductora erguida na presidencia do conselho.

O sr. Anselmo Braamcamp, que, pela ordem da escala constitucional, preside n'este momento aos destinos do paiz, não é propriamente o que na prosaica linguagem politica se chama um estadista: é um sonho pallido de sobrecasaca preta.

Gerado na phantasia do partido progressista, creado pela imaginação ardente do mais audacioso dos grupos constitucionaes, o seu modo de ser tem todas as virtudes das coisas ficticias, sem nenhum dos vicios da materia organisada.

Suppondo que o partido progressista é Romeu, e sua magestade el rei a quem elle implora o poder, Julieta; o murmurio supplicante que Romeu sólta dos labios, é um murmurio de chapeu alto, com a fórma do sr. Anselmo Braamcamp...

Não tem inimigos, nem os póde ter. Os seus adversarios, quando acontece quererem desfazer-se d'elle, varrendo-o com um golpe das eminencias do poder, passam-no a fio de espada pela cintura e não acham nada! Dão-lhe em seguida uma cutilada d'alto a baixo, e examinando depois a lamina de aço, apenas lhe encontram, em vez de manchas de sangue, algumas palhinhas da cadeira!

Já aconteceu mesmo, n'uma sessão parlamentar, o sr. conselheiro Arrobas sentar-se por descuido no logar occupado pelo sr. Braamcamp, e o sr. Marianno de Carvalho pedir em seguida a palavra para demonstrar que o mesmo espaço póde ser occupado por dois corpos ao mesmo tempo.

Como miragem, o sr. Braamcamp vae para onde as aspirações dos seus partidarios o levam. Ora está fóra, ora está dentro da orbita constitucional. Ora se levanta aos pés do throno, ora fluctua nos horisontes da demagogia.

Ha pouco tempo ainda, quando se realisou o pacto da Granja, que deu em resultado a fusão do partido progressista com o reformista, a maior difficuldade a vencer foi aquilatar devidamente o peso politico dos dois grupos, para bem se determinarem as garantias reciprocas. Estava de um lado o sr. bispo de Vizeu, tudo quanto ha de mais episcopal e de mais terreno; do outro lado o sr. Anselmo Braamcamp, tudo quanto ha de mais hypothetico e de mais translucido.

Trazida uma balança, e postos os dois chefes do partido, um em cada prato, tirou-se primeiro o chapeu e o baculo de marmelleiro ao reverendo bispo, e vestiu-se uma pesada toga de panno piloto ao sr. Braamcamp; ainda assim a differença de peso era atterradora! Despojou-se o sr. bispo de Vizeu das sandalias ferradas e da sobrecasaca de pontifical, lançando-se aos hombros do sr. Anselmo Bramcamp a responsabilidade do programma progressista, e ainda assim a differença de peso era manifesta. Para se chegar a um simulacro d'equilibrio, foi preciso obrigar o sr. bispo de Viseu a lançar sobre um compendio de civilidade do sr. João Felix toda a franqueza de portuguez velho que abrigava nas visceras, e juntar, como contrapeso, ao sr. Anselmo Braamcamp a palavra vehemente e atrabiliaria do sr. Luciano de Castro.

E o pacto foi então assignado.

O actual presidente do conselho não tem odios — nem tem logar aonde os abrigue. É uma penumbra consagrada pelo respeito publico, e é a mais nitida expressão das aspirações d'um partido metaphysico-constitucional.

Como chefe de partido que tem um programma, está dispensado, na sua qualidade de sombra, de ter uma palavra. Entretanto a imaginação popular attribue-lhe, de quando em quando, um discurso que ninguem ouve, e que os tachigraphos, n'um momento de somnambulismo parlamentar, chegam a escrever.

O sr. Anselmo Braamcamp representa em todo o caso, no nosso paiz, uma das mais sympaticas ficções do constitucionalismo. Sahe sempre immaculado das tempestades politicas, como um nevoeiro da manhã das tempestades do mar, e quando o paiz, de quando em quando, o vê desapparecer dos horisontes do poder, tem logo a certeza de que um raio de sol o derreteu.

Este sol é de ordinario o sr. Fontes. Talvez não tarde muito que rompa outra vez a aurora.

João Rialto.

TRANSPARENTE COMO O VIDRO

ALBUM DAS GLORIAS

HOMENS D'ESTADO, POETAS, JORNALISTAS,
DRAMATURGOS, ACTORES, POLITICOS, PINTORES, MEDICOS, INDUSTRIAES, TYPOS DAS SALAS,
TYPOS DAS RUAS, INSTITUIÇÕES, ETC.

DESENHOS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

TEXTO DE JOÃO RIALTO

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

GLORIA portugueza com o posto de general de brigada no exercito. Edade incerta, austeridade certa, costumes exemplares, trajes severos, e, sob o ponto de vista dos destinos portuguezes, carregado com uma responsabilidade que lhe impõe a obrigação de carregar o sobr'olho nas solemnidades publicas.

O sr. Fontes é, n'este momento historico, o mais feliz dos estadistas portuguezes, o que implica de certa fórma a condição de ser dos mais habeis. Como homem de guerra, póde dizer-se inteiramente creado para a paz: como homem de paz, o seu modo de ser, aprumado e methodico, torna-o perfeitamente apto para a pasta da *guerra*.

Os seus partidarios, áparte as virtudes civicas e pessoaes que ninguem lhe contesta, attribuem-lhe todos os caminhos de ferro, todas as estradas, todos os canaes, todos os majores, todas as reprezas, todas as pontes, todos os tenentes, todos os viaductos e todos os alferes de que hoje estão cortados o solo e a sociedade portugueza, não concedendo sequer á iniciativa dos seus contrarios nem um palmo d'estrada nem uma pollegada de sargento.

A paixão partidaria gera d'estes exageros, e os que encaram os estadistas debaixo de ponto do vista critico teem obrigação de cortar rente em similhantes demasias.

Suppor que, dada a suppressão do sr. Fontes na historia constitucional portugueza, a constituição, debaixo do ponto de vista de viação accelerada, seria intransitavel como os relatorios nacionaes, e sob o ponto de vista de segurança publica, perigosa como a Serra Morena, é dar demasiado credito á theoria dos homens providenciaes hoje regeitada na historia.

Sobretudo se não se demonstra que foi á custa do suor do seu rosto que o sr. Fontes fez as linhas ferreas do norte e leste e tornou o exercito portuguez apto para figurar condignamente na parada do dia 24 de julho.

O sr. Fontes é um parlamentar habil e um estadista intelligente. Poz-se á frente da sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo XIX, e deixa-a ir para onde ella muito bem quer, para a gloria ou para a bancarrota, sem a contrariar nos seus designios. Tem sobretudo a suprema sciencia de lhe saber fazer as vontades. Ella não tem a comprehensão dos seus destinos, o sr. Fontes deixa-a viver n'esta doce ignorancia. Ella não gósta de pagar mais decimas, o sr. Fontes pede emprestado aos visinhos. Ella gosta da marcha cadenciada dos porta-machados, o sr. Fontes proporciona-lhe paradas.

É uma especie de pae benigno que, levando o seu menino a passeio, se mostra complacente até ao ponto de, quando elle se deita no chão, pedir um vintem emprestado a um visinho, indo a uma loja comprar dois bolos para conseguir que o pequeno se levante.

Quando estes meninos birrentos possuem a ineffavel dita de ter um papá que se chama Pombal ou Bismark' o mais que conseguem, quando se deitam teimosamente no caminho, não é apanhar dois bolos, é *abiscoitar* dois açoites.

De resto, o sr. Fontes, pela sua educação e pelo seu temperamento, teria vontade de pertencer á escola politica auctoritaria. O seu desejo supremo, quando pela manhã se vê ao espelho, seria calçar a luva dos cesares e tomar a bengala do despotismo, vindo para o Terreiro do Paço esmagar sob a sua manopla de pellica preta as aspirações revolucionarias do seculo XIX. Isto, porém, causar-lhe-hia um incommodo da fortuna, e na verdade não está já para massadas.

Em logar de esmagar as sociedades prefere ir á noite fazer uma partida de voltarete nas casas das suas relações. Desejaria dar um codilho no pensamento moderno, mas acha menos incommodo dal-o n'um parceiro.

A educação sedentaria dos nossos homens publicos produz d'estes dualismos estranhos entre as tendencias e os habitos. Vê-se um estadista, que muitas vezes teria vontade de tomar o freio da revolução, limitado a tomar unicamente chá e torradas!

«CARO» COMO O OIRO

O sr. Fontes tem sido ministro e presidente do conselho muitas vezes e continuará a sel-o ainda por largos annos. É chefe do partido regenerador, e ao mesmo tempo que é chefe, é elle proprio o programma, o que lhe dá uma vantagem manifesta sobre o partido progressista seu adversario principal. Em logar de estar obrigado a uma lista de preceitos exarados em meia folha de papel almasso, está unicamente obrigado ao cumprimento da sua vontade, o que lhe deixa muito maior liberdade d'acção.

Feitas todas as estradas que constam do plano geral do ministerio das obras publicas, e promovidos a generaes de brigada todos os que, pelo uso inalteravel do bigode e pera durante trinta annos, se mostrem aptos para subir a tal posto, o papel politico do sr. Fontes, — segundo o modo critico porque a sua personalidade deve ser encarada — estará findo na historia.

Passará então ao estado chronico de reliquia, e quando nossos netos, cheios de profundo respeito, lhe comtemplem o retrato dependurado na casa de jantar, uma mão amiga lhes pousará paternalmente no hombro, murmurando gravemente, com uma commoção respeitosa, as seguintes palavras: — Meus filhos, é áquelle que estaes vendo a quem o commercio deve a estrada do Carregado ás Caldas, e a hygiene nacional a barca *Vasco da Gama*, aonde a mamã vos levou hoje ao banho.

Mais tarde, d'aqui a largos annos, o sr. Fontes entrará no reino da gloria. O seu primeiro acto, ao achar-se na presença do Padre Eterno, será pedir a palavra e mandar para o throno do Altissimo os dois seguintes projectos de lei: — 1.º para ser auctorisado a contrahir um emprestimo destinado a transformar a *via lactea* n'uma linha ferrea de via reduzida; — 2.º para levantar os fundos necessarios para chamar ao serviço as reservas das milicias celestiaes.

João Rialto.

PERFIS PUBLICADOS

N.º 1 — Anselmo José Braamcamp.

N.º 2 — Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

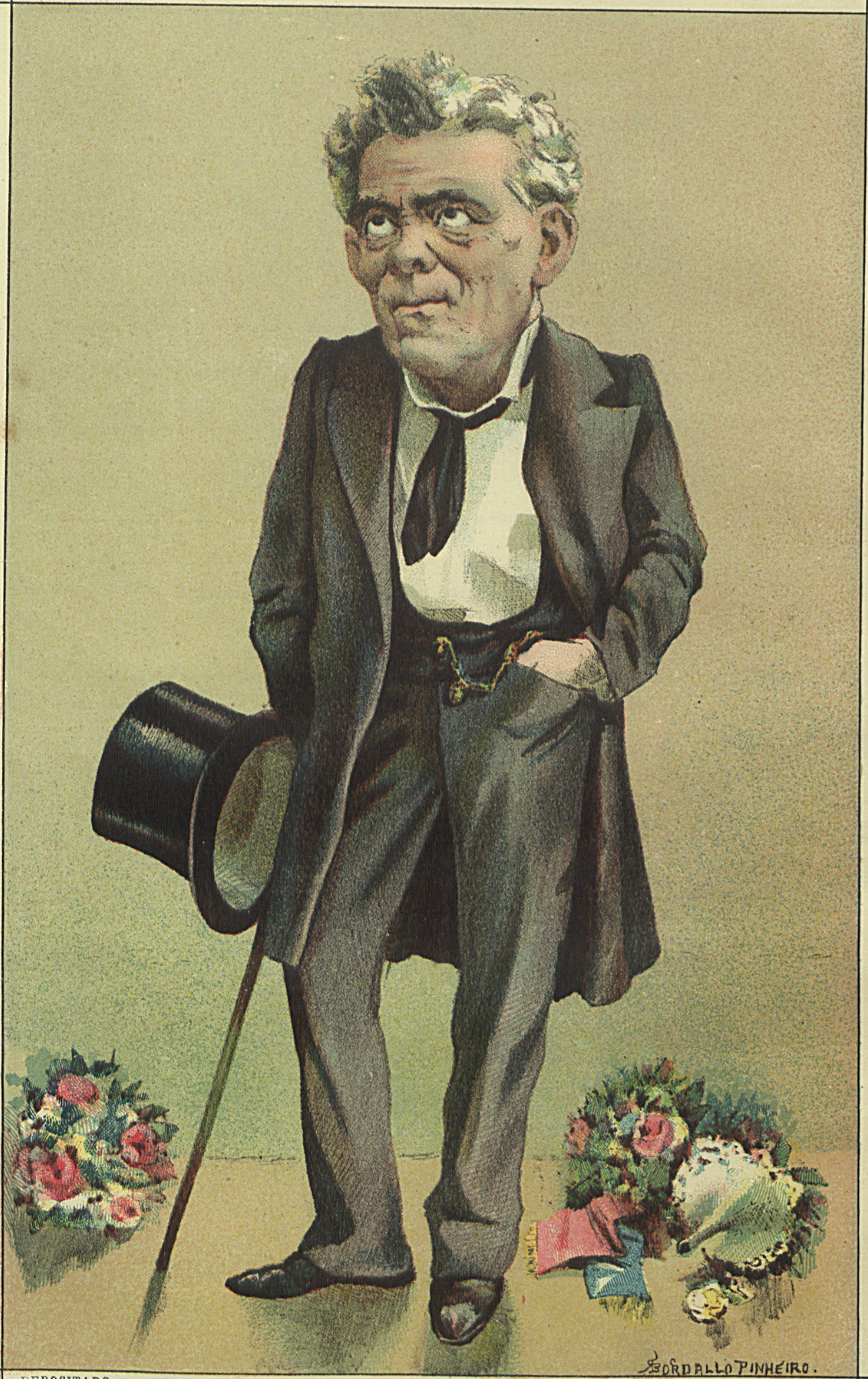
Publica se regularmente um numero cada semana, sem dia determinado.

Recebem-se as assignaturas no escriptorio da empreza, rua de Vasco da Gama, 9; na Livraria de Mattos Moreira & C.ª, Rocio, 67; e J. Guedes & C.ª, rua Augusta, 21.

Preços da assignatura: — Por 12 numeros 1$200 réis. — Avulso 120 réis.

Não se recebem assignaturas por menos de 12 numeros.

1924 — TYP. EDITORA, ROCIO, 67



DEPOSITADO

LISBOA-LITH. JUSTINO GUEDES

O HOMEM QUE FAZ RIR

O ACTOR TABORDA

NÃO ha exemplo d'um homem tão serio, que tenha feito rir tanto!

Taborda *deu* um dia na sociedade portugueza como um raio de sol dá na cella de um anachoreta. Desde que isto aconteceu, o bolor dos cerebros desfez-se um quasi nada, e d'um povo que já não sabia luctar fez-se um povo que, ao menos, á noite, ainda sabe rir alguma coisa.

Alguns biographos teem chegado a determinar uma certa terra da provincia como berço do grande actor, e a marcar mesmo o dia em que elle veio á luz. Até hoje, entretanto, ainda não appareceram documentos que comprovem tão impertinentes asserções. Taborda não é um homem, é uma instituição, e como tal não se lhe póde estrictamente assignalar um *berço:* e como em vez de ser outorgado á maneira da Carta, n'um dia prefixo, foi produzido por uma extranha corrente do espirito publico enfastiado, claro está que a hora e o dia do seu nascimento não pódem ser determinados como a d'esses meninos illustres que a providencia destina para as orgias do meio *grog* ou para as insomnias do tribunal de contas.

Os processos pelos quaes Taborda evoca a gargalhada publica são dos mais honestos e dos mais simples. Reveste-se de seriedade e principia a fazer cocegas n'essas invisiveis solas de pés que todo o mortal abriga dentro de si. Estudou a anatomia do espirito humano e sabe qual a corda que tem de vibrar para tocar em nós a aria da hilaridade. Do embate da sua expressão originalissima com uma certa disposição dos nossos nervos resalta a faisca do riso, que é a sua grande apotheose.

O destino quiz que elle fosse feio, e em obediencia ao destino foi feio a valer; mas d'essa fealdade original que é o segredo das physionomias extranhas, e que, muitas vezes decide dos destinos d'um homem. Se tem nascido *bonito* na accepção romantica d'esta palavra, estava provavelmente a estas horas major reformado, em vez de estar celebridade em activo serviço, ou em vez de calçar o cothurno dos semideuses da scena, tinha simplesmente enfiado a manga d'alpaca dos officiaes de secretaria.

Abençoada sejas tu, ó Providencia, que, além do genio, lhe deste ainda bexigas!...

Taborda póde considerar-se hoje o homem mais popular do seu paiz. Todos, desde o Cabo da Roca até ao cabo da guarda (perdão pelo trocadilho, meu Deus! mas foi impossivel resistir-lhe!) se teem contorcido em gargalhadas homericas, escutando-o nos seus momentos de comica inspiração, e póde dizer-se que todas as *corôas* lhe teem rendido vassallagem desde a que, por commodidade, se enfia no braço, até á que, por um dever de pragmatica, se costuma pôr na cabeça.

Sobretudo elle teve sempre o condão de deixar ver atravez do manto do *José do Capote* e da guedelha hirsuta do *Amor pelos cabellos,* um grande fundo de honestidade, que é o dom supremo do homem e do artista, e, nos tempos modernos, a sua grande força e o seu grande poder — sem comtudo prejudicar um instante o caracter das suas creações. É esta uma das suas grandes qualidades theatraes. Quando représenta *veste* o personagem por cima da sua personalidade e ordena-lhe que falle, que se mova, que gesticule, emquanto elle Taborda repousa.

Ha tempos principiou a correr um extranho boato na cidade. Dizia-se por toda a parte que o grande actor tinha ensurdecido de repente, e que lhe era impossivel ouvir o que se dizia em volta d'elle. Isto, que muitos reputavam uma calamidade, só podia, entretanto, tomar-se como uma consagração final. Taborda, não ouvindo a semsaboria publica, encerrava-se definitivamente na sua gloria, e punha todos os seus esforços ao serviço da arte; não se ouvindo a si, escusava de se distrahir, podendo pensar melhor em distrahir os outros.

No dia em que a voz de Taborda emmudecesse os echos do theatro portuguez chorariam de tristeza. É essa voz a nota alegre que tem cortado da monotonia do nosso viver nos ultimos vinte annos. Quando ella se extinguir, poderemos ainda rir em face das instituições d'uma fórma não menos ruidosa, porém muito menos honesta.

E quando um dia, em fins do seculo xx, o grande actor entrar no reino da gloria, com aquelle ar circumspectamente comico, com que hoje entra no Gymnasio, o venerando porteiro do reino dos ceus, pousando as chaves ao lado, e batendo-lhe prasenteiramente no hombro, ha de ter com elle este colloquio intimo:

— «Bem, ó seu Taborda, agora não me faça rir, aliás as almas perdem-me o respeito, e Deus Nosso Senhor multa-me.»

João Rialto.

DEPOSITADO

LISBOA-LITH. JUSTINO GUEDES

A VOL D'OISEAU

A PRINCEZA RATTAZZI

Aos seis annos, dizem alguns dos seus biographos, costumava ella sentar-se nos joelhos de Chateaubriand. N'aquella epocha, quando o cantor do *Atala* tinha deixado de ser um inspirado para ser unicamente, ao que se vê, uma especie de *fauteuil* proporcionado á commodidade das creanças, n'aquella epocha as narinas dilatadas que tinham aspirado á beira do deserto o sopro das grandes inspirações dos *Martyres*, absorviam porções fabulosas de simonte das quaes uma parte se diluia no intimo do venerando patriarcha do renascimento litterario, e outra parte cahia sobre a fronte innocente dos pequeninos que n'elle se *sentavam*.

Eis o baptismo litterario de Maria Letizia. Na physionomia tem o sello fatal da belleza de sua mãe, no seu caracter litterario e individual ha alguns atomos do rapé dos genios!

Dizer quando a princeza Rattazzi nasceu, quando se casou, quando partiu para o exilio — viuva gloriosa, quando volveu de novo á patria — matrona dedicada, quando deu a mão de esposa a um estadista illustre, quando escreveu o seu primeiro romance, quando por causa do seu primeiro pamphleto o seu consorte venerando levou a primeira estocada, seria uma tarefa ardua propria de cyclopes versados em archeologia. A vida da princeza Rattazzi póde definir-se da seguinte fórma:

É um turbilhão vestido com o melhor estofo.

É ingleza por seu pae, corsa por sua mãe, franceza pelo seu nascimento, allemã pelo seu primeiro marido, italiana pelo segundo, e hespanhola pelo terceiro.

D'esta maneira, como corsa, usa um pequenino frasco de saes, em fórma de punhal, pendente ao lado; como franceza uma longa cauda de seda de Lyão, como allemã uma elegante myopia, como italiana um olhar languido, e como hespanhola uma mantilha ds rendas.

Além d'isso, como turbilhão, usa o desalinho compativel com a innegavel distincção do seu porte. A seda de Lyão rompe-se ás vezes de se prender nos espinhos do caminho e ella não se dá á preoccupação burgueza de a mandar coser. Vê-se bem que é uma senhora que não tem a noção da agulha e da linha nem professa o culto da symetria. Calça dois sapatos differentes, comtanto que sejam de setim, com a simplicidade com que professa duas opiniões diversas — comtanto que não sejam suas.

O recente livro da princeza Rattazzi, *Le Portugal à vol d'oiseau*, levantou entre nós uma celeuma extranha e até certo ponto insensata. Como este livro tem de ficar, queremos fazer aos colleccionadores a fineza de lhes offerecer um perfil authentico da senhora cuja physionomia tem até hoje sido tão falseada pelos photographos, como as intenções da escriptora pela cegueira patriotica. É este desejo que nos move a collocar o retrato da princeza no *Album das glorias*, e esta opinião a respeito da sua individualidade em face da sua caricatura.

Comprehendida a escriptora estaria comprehendida a sua obra, mas a maior parte dos que lhe acceitam o champagne não lhe acceitam os juizos, como se não fosse tudo o contheudo da mesma garrafa!

A Princeza Rattazzi é principalmente uma phantasista que viaja pelas nações com a despreoccupação com que viaja pelas letras. Julga os paizes como quem julga um *beef* — á mesa do hotel. Compõe as suas opiniões conforme o gosto d'aquelles que a cercam, e veste as suas *toilettes* conforme a arte das modistas que lhe vão a casa.

Com relação ao *Portugal à vol d'oiseau*, isto é, ao *beef* julgado n'este livro, basta cheiral-o para logo se conhecer que foi cá temperado.

Sim, a pimenta e a cebolla deitamos-lh'a nós.

Os lances romanticos da existencia da Princeza Rattazzi não estão certamente prestes a cessar, pois que ella, parecendo uma creatura feita por Deus, parece ao mesmo tempo composta por Ponson du Terrail! A cada passo da sua existencia se abre um capitulo mais interessante e mais inesperado. É uma sucia de personagens a entrar e a sahir que é da gente endoidecer!

Por isso o que admiraria se ella, ámanhã, tirando do pescoço o collar de perolas negras que tornam tão invejado o collo d'alabastro, que, oriundo do imperio, passou pela *restauração* — fizesse d'ellas umas camandulas, entregando-se á vida da oração e da penitencia!...

Tornando-se esposa do Senhor estava dentro do seu papel. Tinha simplesmente o inconveniente de não poder enviuvar com facilidade.

João Rialto.

1983 — TYP. EDITORA, ROCIO, 67

DEPOSITADO Lith. Guedes, Rua de Vasco da Gama, 9.

JÁ SEI, JÁ SEI

SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL

É hoje o unico imperador americano, gozando da suprema vantagem de ser, ao mesmo tempo, no resto do mundo, um imperador *unico.*

O sr. D. Pedro d'Alcantara, conforme elle se chama quando viaja na Europa de chapeu baixo, é nas quentes regiões da America livre e democratica o mesmo que os ananazes são nas frias regiões da Europa, — um imperador d'estufa. Somente na atmosphera feudal do velho continente o frondoso roble da realeza conseguiu avigorar-se: tudo isto em virtude da lei providencial das compensações que dá a uns em testas coroadas o que distribue a outros em bananas.

No seu paiz o sr. D. Pedro d'Alcantara é pois um monarcha sem raizes na tradição. A sua coroa não chega bem a ser um symbolo; é um expediente que os povos lhe pozeram na cabeça e que amanhã podem mandar forrar de pêllo, transformando a n'um chapeu alto e collocando-a na cabeça de qualquer influente do Rio Grande ou de Pernambuco, como signa da suprema magistratura civil e democratica.

Quando a hora da republica soar para o Brazil, todo o problema politico se reduzirá a esta obra de chapelaria. Em vez de derramamento de sangue, quando muito haverá algum derramamento d'estopa.

Todos os leitores conhecem de sobra a vida e obras do augusto personagem que hoje figura no *Album das Glorias,* para dispensarem a futilidade de ouvirem contar outra vez como elle veio ao mundo, como engatinhou pelos degraus do throno, e como, por direito heriditario, occupou o logar em que, nas horas vagas, está sentado no solio brazileiro.

O sr. D. Pedro d'Alcantara é um principe sobrio e illustrado e, sobretudo, ha uma virtude que ninguem lhe contesta, — a da honestidade.

Como principe sobrio, sustenta-se apenas d'aves, odes saphicas, lacticinios, classicos, e algum hebraico em dias de festa; como principe illustrado toma logo pela manhã, ao levantar da cama, uma gemmada feita com o ultimo ovo posto pela sciencia, de maneira que sabe primeiro do que ninguem o principio e fim de todas as coisas, o que explica satisfatoriamente a phrase habitual que, posta nos seus labios, deixou por assim dizer de ser uma phrase para ser antes uma simples contracção, — *já sei, já sei!*

Claro está que sendo o sr. D. Pedro d'Alcantara um monarcha illustrado, com uma alta comprehensão do seu meio e do seu tempo, a carta constitucional do Brazil não podia deixar de lhe merecer as mais decididas provas d'affecto e de cortezia. Visto por fóra é um reflexo exacto da constituição, áparte uma certa necessidade de benzina de que uma vez por outra não estão izemptas tanto as sobrecasacas reinantes como os codigos politicos vigentes.

Visto por dentro, os medicos que o têem observado dizem que Sua Magestade tem a exacta conformação de um autocrata, o que não repugna acreditar em obediencia as leis que regem todos os intestinos, não só os dos imperios como os dos imperadores.

Na America do Norte, por ocasião da ultima exposição de Philadelphia, Sua Magestade chegou a ser o heroe do dia. Em New-York esteve até para se formar uma sociedade por acções, para lhe offerecer a corôa dos Estados Unidos por tres annos, mas o capitalista que estava á frente da empreza abandonou a idéa por lhe ter sido offerecido com mais vantagem um negocio d'exploração de cortiças. A não ser isto o sr. D. Pedro d'Alcantara estaria talvez hoje na *Casa branca*, com vinte contos d'ordenado e a prespectiva d'uma loja de pannos, caso os eleitores não lhe *renovassem* a corôa no trienio seguinte.

Depois da sua viagem á America o sr. D. Pedro d'Alcantara, grato a tantas provas d'affecto, deligenceia sempre ser o mais *yankee* que lhe é possivel, se bem que os habitos d'um *yankee* se não compadeçam muito com os costumes d'uma testa coroada.

E esta testa corôada, em toda a sua magestade symbolica, é-a o sr. D. Pedro d'Alcantara, pelo menos uma vez cada anno, com um manto de pennas de tucano, — amarello e verde! — aos hombros, meia de seda e calção, corôa na cabeça, e grande sceptro na dextra; — quando vae assistir á abertura das côrtes.

Reparem bem: pennas de tucano, meia de seda, e corôa na cabeça! — É do proprio Brazil e Portugal morrerem a rir vendo isto feito pelo actor Vasques ou pelo actor Taborda, quanto mais pelo proprio imperador que ainda recita o discurso da abertura mais ao vivo do que qualquer dos dois inemitaveis comicos!...

Reinando n'uma região aonde a planta democratica se dá tão bem como a do café, a republica nunca assustou todavia o sr. D. Pedro d'Alcantara. Quando tem noticia de que algum republicano lhe anda a espiar o Paço de S. Christovam, não o manda embora nem lhe faz fogo: faz lhe simplesmente, *pst! pst!...*

Os republicanos no Brazil, sendo d'ordinario cortezes, poucas vezes resistem a este signal; aproximam-se, e Sua Magestade então fal-os senadores com setenta mil réis fracos por dia.

Ao sr. D. Pedro d'Alcantara quer parecer que em quanto os jacobinos do imperio estiverem entretidos em beber o sangue do thesouro não hão de ter vontade de beber o do seu monarcha.

Sua Magestade é muito dado á musica ao som da qual faz sempre, no theatro lyrico, as melhores sonécas do seu reinado. É elle que se encarrega de bater o compasso tanto na politica como nas operas, o que d'ordinario desnorteia os chefes da orchestra e os da situação, obrigando-os na maioria dos casos a largar a batuta e a irem-se embora. Nos intervallos de cada acto é servida a Sua Magestade, no camarote imperial, uma canja de gallinha sem distincção de côr politica, tanto faz que seja de gallinha preta como de gallinha vermelha. Esta canja é uma das mais substanciaes instituições que um estomago reinante póde dever á munificencia d'um soberano, depois das onze e meia — quando o theatro acaba ás duas.

O sr. D. Pedro d'Alcantara contará ainda porventura largos annos de reinado, e se nos fôsse dado interrogar os arcanos da providencia a tal respeito, quando o Supremo Ordenador dos imperios se curvasse para lêr no livro dos destinos a data em que estava escripto que o Deffensor Perpetuo do Brazil teria de ir dar contas do uso que fez da constituição temporaria, sentir-se-ia nas regiões do Cruzeiro uma vózinha de timbre aflautado bradando para cima, com grande espanto do Altissimo, — *já sei, já sei!*

João Rialto.

2058 — TYP. EDITORA, ROCIO, 67

DEPOSITADO

Lith. Guedes, Rua de Vasco da Gama, 9.

GRANDE ESTYLO NA «TOILETTE» E NA ESCRIPTA

RAMALHO ORTIGÃO

Elle entrou um dia na cidade com uma grande consciencia do seu poder e um grande *Panamá* posto na cabeça.

Quando Lisboa o avistou percebeu logo que não tinha diante de si um homem que lhe viesse pedir votos; e que pelo contrario podia muito bem ser capaz de lhe vir dar piparotes.

Era um *dessidente* que chegava. Os arruamentos da cidade advinharam logo que entre a çôr das opiniões d'uns e a côr do xadrez do outro, havia uma incompatibilidade invencivel. Entre a forte personalidade que chegava do norte e a cordata população que demora ao sul, cavava-se um abysmo que o proprio *Panamá* não podia prehencher, e que, pelo contrario, era o primeiro a *cavar.*

Lisboa estava, desde quarenta e tantos, na posse mansa e pacifica d'uma rhethorica perfeitamente adquada aos seus uzos e costumes, uma rhetorica de olheiras cavadas e cabelleiras ungidas em oleo d'amendoas dôces, uma rhetorica com que *descia* ao parlamento e com que costumava *subir* á sepultura. Esta rhetorica manifestando-se debaixo de diversos aspectos, sob a calça côr de flor d'alecrim nos individuos e sob o

Quero fugir-te mas não posso ó Virgem,

nas almas, tinha penetrado todas as camadas sociaes. Os logistas, da mesma fórma que as donzelas, estavam sob o seu dominio, e despojar as almas d'aquellas calças, e os costumes d'aquelles devaneios, afigurava-se a alguns uma tarefa sobrehumana.

Ramalho Ortigão foi o Hercules que tomou sobre os seus hombros a tarefa de limpar os curraes d'Augias que entre nós se conheciam sob os pseudonimos de educação, costumes, civilidade, parlamentarismo, e outros epithetos mais ou menos discretos. Auxiliado por Eça de Queiroz compoz um solido basculho a que deu o nome de *Farpas,* formado de cardos e de constellações, e principiou a varrer com denodo as teias d'aranha dos cerebros, derramando petulantemente faiscas de luz nas consciencias. Viram-se então por esse tempo grandes bandos de parasitas de toda a ordem,—aranhões politicos, ratazanas, donzeis, lagartixas, e virgens palidas,— fugindo açodadas por todos os lados, escoando-se por todos os intersticios, internando-se por todas as fisgas. Depois de seis annos de trabalho insessante as consciencias já tinham outro aspecto e na moral respirava-se outro ar! Ramalho Ortigão fôra um espanejador olimpico. Passára uma esponja sobre quarenta annos de sensibilidade patria, e submettera as instituições a um banho de chuva collocando-lhe um raio de luz em cima do barrete de dormir. A sua penna transformara-se em uma picareta de oiro, rija e sonora, que deluira pelos alicerces o velho casebre aonde os antigos inspirados da administração e do amor suspiravam de noite ao luar!

Foi elle o primeiro homem que se atreveu a proclamar que, pela manhã, para passeio, fica incomparavelmente melhor uma grande rosa fresca e vermelha posta na carcella do que a commenda da Conceição!

Muitos ornamentos dignos da cidade se levantaram de começo contra estas demasias inauditas, contra estas doutrinas preversas que atacavam pela raiz as instituições, cortando ao mesmo tempo cerces, pelo pé, os dignatarios de Christo. O author das *Farpas* era apontado aos odios da cidade como uma entidade preversa que ousava apupar a sobrecasaca nacional,—não a usando nunca, e contestar os discursos da coroa,— enfarinhando-os sempre.

As *Farpas* são uma das grandes obras meritorias dos tempos modernos. Ensinaram primeiro a demolir, e deram depois o exemplo da edificação. Como escola d'obreiros, de que necessita a sociedade portugueza, ainda não houve outra mais util e mais proveitosa nos nossos dias.

D'aqui a dez, vinte, trinta annos, estará ainda intacta a ultima edição da Carta: as *Farpas* serão sempre procuradas como um livro precioso, como o documento mais claro e mais expressivo da nossa educação e dos nossos costumes.

Ramalho Ortigão possue todas as qualidades do homem honesto e varonil, servidas pelo estylo mais vigoroso e mais nitido do nosso tempo. A sua escripta larga e serena, em que ha todos os clangores guerreiros e todos os arrulhos pacificos, parece traçada com uma penna d'aguia... arrancada da aza d'uma pomba. Sobretudo, já o disse uma vez Eça de Queiroz, tem o *genio decorativo.* O programma das festas do Centenario de Camões é principalmente d'elle, e é a obra talvez de que elle mais se orgulha. Este programma que primeiro despertou um riso de desdem levou depois atraz de si as corporações, depois as escolas, depois as instituições, depois as familias, depois a propria Carta!

Deve-se a elle definitivamente o ultimo triumpho alcançado pelos *Luziadas* no espirito das populações, e por aqui se prevê que o seu *genio decorativo,* animado pelo exito, depois de vencer a teimosia mais rebelde na pessoa da rotina nacional, ha de animar-se de certo a commetimentos mais largos.

E advinha-se que a gloria suprema de Ramalho Ortigão seria que o Padre Eterno, para fazer um espectaculo assombroso, se lembrasse um dia de o encarregar do programma do *Juizo Final!...*

João Rialto.

2081 — TYP. EDITORA ROCIO, 67

DEPOSITADO

LITH. GUEDES R. DE VASCO DA GAMA, 9.

O TRINCA-FORTES

LUIZ DE CAMÕES

Morreu ha trezentos annos, mas coisa extranha! n'este momento está muito mais vivo do que quando expirou! E não se sabendo bem aonde nasceu, nem sendo coisa perfeitamente garantida quaes sejam os seus ossos, acontece que ainda não houve ninguem que tivesse a sua identidade mais reconhecida, nem individuo que tivesse mais popularisado o seu perfil!

Nos azares da guerra, em Africa, perdeu um olho. Depois d'isto succeder principiou a ser um *vidente!* É exactamente quando cega que o seu olhar penetra a sombra das idades!

Luiz de Camões, ou o *sublime epico* — segundo o pseudonimo por que n'este momento é conhecido nas circulares dos corpos administrativos — apenas em vida, ha tres seculos, logrou que lhe chamassem o *Trinca-Fortes*, e alem d'isso o — *Diabo.* Já ao Dante succedera quasi a mesma desgraça quando ao passar pelas ruas de Florença as mulheres o apontavam a dedo, dizendo: olha o maldito! parece que vem do inferno!

Foi escrivão dos defuntos e auzentes de Macáu e o rei de Portugal, em recompensa do seu engenho, estabeleceu-lhe durante tres annos uma tença de quinze mil réis, ou tanto seja em globo, réis quarenta e cinco mil.

É na verdade pouquissimo, mas devemos attender a que os tempos não melhoraram muito. Em Portugal no tempo presente não ha ninguem que se atreva a dar dez libras pelo genio mais garantido e de melhor qualidade.

Como escrivão dos defuntos e auzentes de Macáu, Luiz de Camões em vez de escrever assentamentos e trazer a sua escripturação em dia, sentindo-se mais propenso para a immortalidade do que para Escrivão do civel, deixava frequentes vezes a repartição e ía metter-se na gruta de Macáu a escrever versos.

Os amanuenses do ministerio da fazenda costumam hoje fazer a mesma coisa, mas nem por isso em compensação de não expedirem os officios a tempo, nos dão uns *Luziadas* de quando em quando. Ha quem desconfie que é por não terem no Terreiro do Paço uma gruta de Macáu á mão.

Seja como fôr, o que é certo é que, por Luiz de Camões se sentir inspirado, em vez de se sentir Escrivão, que nós temos hoje o inventario das nossas glorias escripto n'um volume sublime.

Se a providencia em vez de lhe ter cingido a fronte com uma aureola de luz, lhe tem enfiado definitivamente no braço uma manga d'alpaca, Portugal, a respeito das suas tradicções gloriosas, tinha uma consciencia egual pouco mais ou menos á dos pelles vermelhas.

Os defuntos e auzentes de Macáu estariam talvez a esta hora n'uma situação risonha, podendo cada vez que quizessem obter uma certidão em papel sellado, dos seus interesses garantidos. Assim levou-lhe, o demonio os bens, mas nós ficamos com uma epopeia que é a certidão da nossa existencia historica.

Um dos pontos em que mais teem insistido os biographos de Camões é nos seus pretendidos amores com Catharina d'Athayde. Aqui a lenda fez do grande épico um personagem excessivamente romantico, e por um pouco que não lhe attribuem aquelles sentidos versos tão nossos conhecidos:

Era de noite quando a imagem tua
Á luz da lua seductora vi!...

Em quanto ao mais, n'estes amores de Camões, o trovador soldado não représenta, segundo a tradicção sentimental, um papel muito mais épico do que qualquer trovador de lanceiros.

No momento em que se celebra o centenario do cantor das nossas glorias, no instante em que elle passa pela rua do Oiro que nunca vira, e que em compensação ella só ha pouco principiou a ler, era justo que o *Album das Glorias* abrisse um parenthesis entre as celebridades do dia para dar um logar aquelle que, se fosse vivo nos nossos dias, estaria quando muito director d'um ministerio, mas que assim, morto ha tres seculos, está director da consciencia nacional!

Luiz de Camões reconstruido segundo o criterio historico, sem rhetorica cingida na fronte sob a forma d'uma corôa de loiros, ahi fica em toda a sua personalidade humana. Se o representassemos pedindo a palavra depois da ordem do dia para combater ou applaudir as medidas do governo, ou vestido para representar n'uma recita de curiosos, comprehende-se que o devessemos patentear de grinalda de verdura na fronte, com uma clamyde constitucional traçada ao hombro. Assim damos um *homem* que pode ser um eleito da immortalidade, em vez de darmos um bardo que podia ser eleito das ilhas adjacentes.

João Rialto.

2081 — TYP. EDITORA ROCIO, 67

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

CALVARIO DE CONDECORAÇÕES

DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

Conta-se que as fadas reunidas um dia, n'uma das ilhas adjacentes, em volta d'um modesto berço, aonde vagia um tenro infante, approvaram em assembléa geral, sem discussão, as seguintes propostas:

Elle será commmendador.
Elle será conde.
Elle será presidente.
Elle será gran-cruz.
Elle será magestoso.
Elle será duque.
Elle será principe.
Elle será tudo.

Estas disposições estão quasi todas cumpridas. Aquelle que ha cerca de meio seculo veio para o continente simples Antonio José, graças a uma tenacidade heroica, a uma norma de vida pertinaz, a uma gravidade intransigente, está hoje tudo o que as fadas quizeram que elle fosse e mais tudo o que elle muito bem quiz ser.

É uma *vontade* enrolada dentro de um corpo enrolado n'um *pardessus* em cima do qual se enrola um *cachenez*. Foi crescendo, crescendo, crescendo, e hoje já está maior que Portugal! Deitado ao comprido n'este *jardim da Europa*, já fica com os pés de fóra! É o homem mais condecorado do mundo e comtudo vive n'um dos paizes mais pequenos do universo! É presidente da companhia do canal de Suez e todavia é filho d'um paiz que só com esse presidente concorreu para a abertura do canal. Não ha no mundo outro homem que presida a maior numero d'emprezas financeiras e todavia não ha estado onde as finanças sejam mais precarias. Evidentemente só póde attribuir-se a um engano o elle ter nascido no torrão luso. Portugal havia encommendado um estadista para paiz pequeno e a providencia equivocou-se na medida dotando-nos com um estadista de quasi dois metros, quando o mais que lhe exigiamos era um politico de $1^m,50$.

O sr. Duque d'Avila e de Bolama é a encarnação da *respeitabilidade publica* no que essa respeitabilidade tem de mais burocratico, mas ao mesmo tempo de mais legitimo. É um homem de caracter e de boa fé. Modesto na sua vida, singello nos seus habitos, nunca usou uma gala exterior sem que o levasse a isso o convencimento de que procedia no interesse do seu paiz. Está plenamente persuadido de que os povos necessitam tanto de duques como de pão para a boca, e de que o brilho das nações se engrandece á medida que augmenta o *brilho* dos seus estadistas. «Moralidade, carachás e economia» é a sua divisa.

Deem-lhe uma fatia de pão com manteiga, mas entreguem-lhe ao mesmo tempo o *Tosão d'oiro* e ficará satisfeito, por si e pela sua terra. É convicção do que escreve estas linhas de que elle, por baixo das calças, usa liga de seda para se dar o prazer intimo e secreto de suppôr de que nem a propria *Jarreteira* lhe falta.

O sr. Duque d'Avila e de Bolama preside hoje ao mesmo tempo a tudo quanto ha em Portugal de destinos e d'assembléas geraes. Em momentos d'afflicção é com elle que nos achamos, porque a Providencia afflicta com os negocios complicados que n'este seculo de lucta e d'actividade trazem a sua attenção dividida por tantos lados não nos póde na verdade dispensar muitas horas. O sr. duque é pois em Portugal uma especie de *vice-providencia*, da mesma forma que, por longos annos, foi vice-presidente da nossa academia. E, diga-se a verdade, pelo zelo com que se tem desempenhado dos deveres d'este cargo, é legitima a sua ambição de ainda um dia ser provido na effectividade do logar — quando a Providencia numero um, por motivo de desgostos, pedir a demissão.

Em horas de crise, quando as contingencias partidarias permittem, para felicidade d'este povo, que o paiz esteja sem ministerio, é sempre do nobre duque que o poder moderador se soccorre, havendo mesmo entre a Ajuda e a rua do Thesouro Velho um signal combinado que indica a gravidade da situação.— «*Bolama, nau do estado bolandas. Venha segurar leme.*»

O sr. Duque sae então de casa com o ministerio já *formado* atraz de si e dirige-se a Ajuda a apresentar os seus respeitos ao poder moderador. Segue depois para as secretarias a recommendar aos chefes de repartição que ponham o expediente em dia, e ás tres da tarde dá entrada no seio da representação nacional aonde explica que, pugnando desde 1828 pelas idéas liberaes, não póde deixar de fazer á patria o novo *sacrificio* que d'elle exigem o rei, a ordem e a liberdade.

Foi uma vez, depois de fazer um discurso d'estes, que mandou fechar as conferencias do Casino.

Á tardinha quando vae para casa, á esquina do largo das Duas Egrejas, elle e o ministerio fazem então o programma do governo e concluido este, cada um vae para sua casa deliciar-se com a respectiva sôpa. Communidade de crenças não implica communidade de terrina.

Homem dotado d'uma sinceridade antiga, o sr. duque não trepidaria um só instante em acceitar o cargo de presidente da republica, se a patria desvairada amanhã a proclamasse. A sua missão *presidencial* impunha-lhe esse dever sagrado, e é até facil de comprehender de que maneira elle seria um quasi nada demagogo se Portugal amanhã cahisse nos excessos da demagogia. Os demagogos haviam de, por ventura, n'um certo momento, necessitar d'um homem que salvasse a situação e n'esse caso competia ao nobre duque dizer: «Cá estou eu, cidadãos... se a patria exige de mim mais esse sacrificio eu desde 1828 que pugno pela demagogia, *ordem*, liberdade, etc...»

Como elle findaria contente a sua carreira no mundo se tivesse a certeza absoluta de que no dia do juizo final presidiria á assembléa geral do julgamento, em consequencia do Padre Eterno não ter cabeça para dirigir os trabalhos da meza!...

Ia apostar em como já se deve ter ensaiado em casa para dizer no tom mais grave e cavernoso que lhe fôr possivel:— Sr. secretario, toque a trombeta e declare aberta a sessão...

João Rialto.

2136 — TYP. EDITORA ROCIO, 67

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

«HONNY SOIT QUI MAL Y PENSE»

EÇA DE QUEIROZ

Quando elle, ha alguns annos, soltou os primeiros vagidos nos folhetins da *Gazeta de Portugal*, houve antigos escriptores cheios de circumspecção que morreram de ataques apopleticos!

Eça de Queiroz era um *inspirado* estranho que vinha, no concerto ameno da litteratura familiar, tocar uma nota desuzada e quasi incomprehensivel para muitos espiritos educados no *amor e melancholia*.

Elle acabava de percorrer a Terra Santa; sentára-se a scismar no Jardim das Oliveiras, e d'esse jardim não trouxera simplesmente a *crença* que constitue o fundo unico de tantas declamações romanticas; do Jardim das Oliveiras arrancára uma pernada com que principiou a desancar a antiga rhetorica do paiz, desthronando os velhos tropos e lançando os fundamentos d'aquelle estylo *photographico* que é o seu grande poder e uma das suas grandes glorias.

No Oriente não viajára só. A memoria de Chateaubriand acompanhara-o, e Lecomte de Lisle e Charles Baudelaire, que então eram triumphadores, fizeram com elle o precurso da Terra Santa. D'esta camaradagem estranha resultou a original feição que Eça de Queiroz imprimiu nas figuras biblicas tão nossas conhecidas e que então, pela vez primeira, se apresentavam deante de nós fallando uma linguagem meia apocalyptica e meia humana, que estava muito longe de ser a linguagem official do velho christianismo classico

O destino fez d'elle em seguida administrador do concelho de Leiria. Assim como o Jordão lhe revelára a antiguidade, o Liz revelára-lhe a *realidade*. O mystico sublime morrera; principiava o author do *Crime do Padre Amaro*. O Eça de Queiroz d'hoje data d'aquelle decreto de nomeação, e é por ventura ao senhor Bispo de Vizeu que nós devemos algumas obras primas modernas!

O vidente transformou-se n'um anatomista. Dentro da sociedade portugueza existiam coizas de que alguns já teriam suspeitado mas que ninguem ainda trouxera claramente á superficie. O Libaninho, a creada Juliana e o conselheiro Acacio foram então expostos á luz do dia, em toda a hediondez do seu organismo; e dissecados pelos processos simples e sinceros que assignalam a derradeira phase litteraria do nosso tempo.

A collaboração das *Farpas* com Ramalho Ortigão não constitue para Eça de Queiroz um titulo de gloria inferior ao que lhe concedem os seus romances. N'essa dança macabra da fantasia ha verdadeiros arrojos de funambulismo litterario. Nunca em Portugal se haviam realisado taes jogos malabares de graça e de bom senso, fazendo girar no espaço, n'um circulo vertiginozo, os ridiculos e os preconceitos d'uma sociedade enferma e estupefacta.

Nos ultimos tempos Eça de Queiroz tem vivido na Inglaterra. O seu estylo prismatico em que ha todos os tons do colorido e todas as vibrações do som, não tem de forma alguma sido prejudicado pela fria serenidade das paisagens britannicas. A palheta do romacista está sempre iriada das mesmas cores nitidas e penetrantes e a disciplina dos seus processos ganhou na convivencia dos methodicos paisagistas inglezes a suprema sciencia de fazer, d'um modo terminante, *viver* a natureza nas paginas dos seus livros.

Estylista que dê a impressão mais exacta e flagrante difficilmente se encontrará. A sua linguagem compõe-se de todos os elementos da glotica e de todos os coloridos do arco iris. Não se molha com mais simplicidade, com mais graça e mais talento, o bistori de Balzac na palheta de Corot!

O escriptor tem o poder d'um gigante; o homem tem as puerilidades d'uma creança. Aprendeu os segredos reconditos das paisagens á força de correr por ellas, de se revolver pela terra, de se rebolar pelas flores, chapinhando nos regatos, balouçando-se nas arvores e apedrejando os Faunos. É assim que elle bebe a sua força e aspira a plenos pulmões o sopro vivificador que resvala, como um aura gloriosa, do primeiro ao ultimo capitulo dos seus livros.

D'estes festins familiares com a natureza traz sempre um quinhão de seiva que avoluma dia a dia as suas creações. Artista supremo, todos os dias ao erguer-se da cama dá um toque de buril na sua obra. O *Crime do Padre Amaro* nasceu com cerca de cem paginas e já chega a sete centas. O *Primo Bazilio* em cada edição nos dá um novo detalhe recondito d'um bosque ou d'uma alma.

A primeira phase litteraria d'Eça de Queiroz definio-a Guerra Junqueiro assim: — a epilepsia do talento.

Hoje, memorando as funcções officiaes do eminente romancista, e determinando o papel preeminente que lhe está reservado nas letras portuguezas, podemos, se n'isto não vae offensa ás conveniencias burocraticas, denominal-o d'esta forma; — O *primeiro Consul*.

João Rialto.

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

CÔR NA FACE, INCOLOR NA FOLHA

EDUARDO COELHO

O mundo jazia sepultado nas trevas da ignorancia. Ninguem sabia as horas a que raiava a aurora nem o minuto em que dispontavam os ministerios. Os Lausperennes e a Questão do Oriente passavam egualmente ignorados das multidões, e quando a gente se levantava pela manhã a primeira coisa que tinha de perguntar, para satisfazer a curiosidade propria, era se as inscripções haviam subido ou se porventura as instituições tinham descido...

Eduardo Coelho então poz-se nos bicos dos pés e disse ao seu compadre Thomaz Quintino, aquelle que mais tarde seria o commendador Antunes: — faça-se o *Diario de Noticias.*

E o *Diario de Noticias* foi impresso. Este *Fiat* custa hoje a cada um de nós 10 réis por dia, ou 240 réis por mez — assignatura paga adiantada em estampilhas ou valles do correio.

Depois do codigo fundamental da monarchia o *Diario de Noticias* é a creação mais significativa que no meio seculo decorrido tem visto a luz no solo portuguez. No seu presistente trabalho de sapa, nos ultimos quinze annos, aluiu pela base, quasi sem ninguem dar por isso, todos os velhos costumes, todas as velhas tradições, todos os velhos idolos. Pela lisonja da publicidade animou as Associações a suplantarem as Irmandades, as Philarmonicas a calarem as Ladainhas, a Opinião a assoberbar os governos, e todavia continuou sempre a captar as sympathias, tanto da carta como do dogma, proclamando todos os dias aos povos, logo pela manhã, que «suas magestades e altezas passam sem novidade em sua importante saude» e que o Lausperenne é na igreja conventual do Bom Successo — Rito duplex.

Ninguem como Eduardo Coelho tem mostrado o supremo talento de saber guilhotinar mais subrepticiamente o pescoço das victimas com uma penna de pomba...

Ninguem como elle tem realizado o milagre de fazer d'uma simples folha de papel, impressa dos quatro lados, uma necessidade publica!

Cada um de nós, quando acorda pela manhã, se julga incompleto sem o *Diario de Noticias* á cabeceira. Precisamos d'elle para saber se fomos aleivozamente assassinados em quanto dormiamos, ou para nos commovermos com o discurso sentido que um amigo dedicado nos dirigiu na vespera á beira da sepultura. Pelo *Diario de Noticias* pautamos as nossas acções quotidianas, por elle nos guiamos desde o berço até á sepultura.

Como obra de philosophia pratica o *Diario de Noticias*, entre nós e nó nosso meio, é completo, por que é a justa expressão do estado mental da sociedade portugueza n'um momento dado. Só vae um quasi nada alem do seu tempo, o necessario para a multidão a quem se dirige não dar por isso nem ser violentada nos seus habitos domesticos ou nas suas tradicções de familia. Acuzam-no varios pensadores audazes, em quanto tomam o seu chá com torradas, de ser uma folha *sem côr* e de se preocupar mais com a côr dos paramentos do que com os matizes dos partidos, entretanto é certo que o *Diario de Noticias* nascendo n'um meio essencialmente *descorado*, tinha de ser tal qual o recebemos todos os dias ao levantar da cama, *incolor*, a fim de não ferir o orgão vizual dos assignantes.

Passando da folha para o escriptor que a inspira, Eduardo Coelho, trabalhador presistente e honesto, é entre nós o creador intelligente da *pequena imprensa*, essa prodigiosa invenção que se deve considerar a mais poderosa alavanca democratica das sociedades contemporaneas. Elle abre o seu coração a todas as expansões commovedoras, e não só abre ao mesmo tempo a bolsa mas tem obrigado a de muitos argentarios sequiosos de Fama a abrirem a sua a muitas solicitações da Fome.

O *Diario de Noticias*, posto ao serviço da idéa do centenario de Camões, produziu ainda não ha muito o bello movimento espiritual que só por si resume o symptoma mais consolador que á nossa geração tem sido dado apreciar. Por essa experiencia poude avaliar-se a força de que dispõe a folha apparentemente inoffensiva que em mãos ambiciosas podia ser um ariete mas que nas de Eduardo Coelho é tão somente um *orgão!*

Acabadas as festas do tricentenario uma folha governamental chamou ao *Diario de Noticias* socialista! O governo podia ter mandado entregar a Eduardo Coelho a commenda da Conceição e era-nos então licito desconfiar dos intuitos com que o jornalista iniciou essa batalha do reconhecimento nacional. Assim, o louvor dos homens justos é devido sem restricções áquelle que, dando quotidianamente noticia de tantos costumes bons e maus introduzidos no seio dos povos, quiz tambem por sua vez introduzir no seio dos seus concidadãos o costume de ler.

João Rialto.

2187 — TYP. EDITORA ROCIO, 67

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

ARTISTA CONSCENCIOSO E..... IMPERMEAVEL

JOÃO ANASTACIO ROZA

É hoje o chefe d'uma dynastia d'actores em que abdicou espontaneamente, — ao contrario do que fazem muitos reis, — todos os seus poderes artisticos, entregando a João, o primogenito, o punhal da tragedia e a Augusto a mascara da comedia, lançando aos dois a sua benção e dizendo-lhes: — meus filhos; ide pelo caminho por onde eu vim e chegareis á gloria!

Fazer a historia do actor João Anastacio Roza é traçar a historia do moderno theatro portuguez desde o berço até ao *tumulo;* isto é; desde o theatro da rua dos Condes até ao de D. Maria II.

Innumerar as suas creações desde o Buridan da *Torre de Nesle* até ao *Morgado de Fafe*, passando pelo Carniole da *Dalila* e pelo *Marquez de La Seglière*, é evocar da sombra toda essa multidão de figuras tenebrosas, rizonhas, apocalypticas, inspiradas, que nos ultimos quarenta annos téem provocado entre nós as mais violentas commoções familiares, n'esses conflictos ideaes da scena que, pelo seu poder d'expressão, representam uma das mais potentes forças civilisadoras de que em todos os tempos a arte tem disposto.

João Anastacio Rosa é um temperamento artistico por excellencia. Nasceu no Alemtejo, na villa de Redondo — por equivoco, por que a providencia tinha-o destinado para nascer em Athenas. Este contratempo não o impediu todavia de se naturalizar mais tarde na patria do Ideal, aonde encarnou em si uma multidão de nobres figuras; aonde fallou primorosamente a pura linguagem dos semi-deuses e dos predestinados, como até então nunca tinhamos ouvido fallar, acompanhando a palavra d'esses gestos solemnes que os homens de talento aprendem na estatuaria antiga.

Em frente de Sanson e das maiores notabilidades do theatro francez, João Anastacio Roza representou uma vez, em Paris, uma das melhores scenas do *Auto de Gil Vicente.* O grande mestre da scena Franceza aproximou-se do grande actor portuguez e deu-lhe um abraço. A muza da arte parisiense esvoaçando sobre elle deu-lhe um beijo na fronte. Desde então João Anastacio Rosa estava sagrado o patriarcha da scena luzitana. Era-lhe licito dormir sobre os loiros colhidos mas não quiz. Enriqueceu ainda o theatro nacional com uma duzia de creações primorosas e só depois se liberou nas azas da fantasia para percorrer outros mundos, explorar novas regiões.

Esculptor, pintor, phrenologo, espiritista, homeopata, cultor de todas as excentricidades scientificas, o actor Roza vive d'ordinario nos intermundios preferidos pelos espiritos d'eleição. De quando em quando desce á rua do Oiro ou ao Chiado para nos contar adoravelmente, como só elle o sabe fazer, umas historias encantadoras, mas d'ahi a pouco abre o *pardessus* e *voa* para os paizes phantasticos em que o seu espirito se compraz.

Tem duas dores physicas, uma quente e outra fria. Estas dores requerem um tratamento inteiramente opposto. Sobre a dôr fria traz uma pelle de coelho preto, sobre a dôr quente traz... uma completa abstinencia de fato. Estes dois tormentos que o prendem um pouco á terra não obstam todavia a que elle corra sempre atraz d'uma idéa que lhe acena do olympo.

Uma vez, na sua vida de semi-deus, no theatro, observou que os cothurnos uzados pelos heroes não impediam que a humidade atravessasse as palmilhas e obrigasse muitas vezes a dar um espirro aquelle que devia dar um rugido. Á noite em caza, meditando profundamente, cheio d'uma grande tristeza dramatica, no cazo lastimavel d'um immortal ferido por uma bronchite, resolveu remir os semi-deuses em especial e os homens e as senhoras em geral da punição pelo defluxo. Meditou doze annos a fio e inventou o calçado impermeavel que é a sua grande e derradeira gloria!

Se pegarem em duas das suas melhores creações, o *Duque Job* e um par de sapatos, e lhe perguntarem qual prefere, abraça-se ao calçado.

Sacrificou-se por esta idéa passando noites de vigilia, esvoaçando em espirito nas regiões do ether, — com um pé na terra metido dentro d'um alguidar cheio d'agua! Ao amanhecer tinha penetrado em todas as regiões do mysterio, sómente a agua não conseguira penetrar lhe a sola!

Achava-se satisfeito! Dera um respeito surperstiocioso e sagrado á muza da poesia e da tragedia, incensara todos os deuses, e por fim acabava accendendo uma vela no altar de S. Chrispim! Adivinha-se que a sua hora de maior jubilo será quando, no dia do julgamento final, vir que Jehovah, á cautella para o caso d'haver diluvio, traz calçados uns sapatos da fabrica Thalia, Rosa & C.ª

João Rialto.

2187 — TYP. EDITORA, ROCIO, 67

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

COM-SORTE

O SENHOR D. FERNANDO

Quando elle chegou a Portugal vigorava a tradição dos nossos antigos senhores reis, que muita gente n'esse tempo escrevia ainda *reys*.

O i grego manteve-se tenazmente na ortographia do titulo soberano em quanto das cabelleiras da nação não desappareceu o ultimo rabicho. Em 1836 essa interessante vogal, pela qual começou a desfazer-se o archaismo monarchico, persistia ainda, atravessada na garganta de varios cortesãos como vestigio do ultimo resto da solidariedade que nos prendera ao antigo regimen.

Fallava-se com genuflexão dos ultimos monarchas,—o Senhor D. João VI e os seus dois filhos D. Miguel e D. Pedro de Bragança.

D. Pedro fôra um bravo militar, que—como elle proprio escrevia ao marquez de Rezende—nos constitucionalisou á força: *Sois mon frère ou je te tue.*

D. Miguel foi um rei-esbirro, assim como o irmão foi um rei-soldado; acamaradado a dois caceteiros, o José da Policia e o João Sedvem, elle tinha este ideal fixo: organisar uma boa sociedade exclusivamente composta de frades e de toureiros, e rachar o resto á bordoada.

D. João VI era um principe feito de lombo de porco e de marmelada,—um ventre sempre cheio, quasi sempre constipado, constantemente polvilhado de rapé, e enformado n'uns calções sujos.

Emfim Malherbe veio. Chegou o Senhor D. Fernando (Augusto Francisco Antonio).

Um pouco menos rei que os seus predecessores, rei apenas por affinidade, esta circumstancia tornava-o sympathico.

A sua individualidade fez impressão. Alto, magro, louro, quasi imberbe, educado como um bom alumno da universidade de Heidelberg pelo seu perceptor o conselheiro Dietz, o novo principe fallava correctamente as linguas, cultivava com talento a musica, desenhava, pintava, gravava a agua forte e fazia do sabão e da roupa branca um consumo quotidiano,—dissipação heliogabalica sem precedentes na corte, onde D. Carlota Joaquina, d'accordo com seu augusto esposo, tinha estabelecido como regra inviolavel a incompatibilidade do banho com a gravidade regia.

Além d'isso, elle não toureava, não rebentava cavallos, não espancava burguezes, e passava por Mafra e por Odivellas, sem que nas cabeças de porco e nas compotas de marmelo d'aquellas localidades se experimentasse uma diminuição sensivel.

Como general a sua inhabilidade, absolutamente gloriosa, bastaria para lhe merecer o titulo de *Cesar Pacifico* dado com menos razão pela mãe de Francisco I ao prisioneiro de Pavia.

O povo, considerando como defeitos comicos as qualidades pessoaes e politicas do marido da Senhora D. Maria II, comparou-o pelo seu caracter inoffensivo e pela sua physionomia imberbe a alguns legumes caseiros, e pôl-o em cantigas, que o heroe era dos primeiros a repetir ao piano com a sua voz lenta e nazal de bom baritono saxonio.

O sol portuguez aqueceu-lhe o sangue, infiltrou-lhe a pouco e pouco a tempera peninsular; e dentro d'alguns annos um bigode arqueado em grandes guias e uma expressão maliciosa no olhar dava-lhe um aspecto caracteristico, de *mosqueteiro no convento.*—É o melhor caso que conhecemos da perfeita adaptação de um organismo germanico ao meio meridional.

Essa facilidade de assimilação, a sua inhabilidade manifesta para fazer manobrar tanto um exercito como uma intriga, a sua predilecção pelos litteratos, pelos artistas, por todos aquelles que cultivam com talento as chamadas artes da paz, o seu bom senso critico e o seu bom gosto artistico fizeram d'elle n'este paiz o modelo inicial do bom rei moderno, do rei socegado, do rei burguez.

Quando em 1868 lhe foi offerecido o throno de Hespanha, elle recusou-o, preferindo ficar em Portugal a cultivar o seu jardim e a colligir as suas majolicas.

Assim como os emissarios gregos ao penetrarem na tenda d'Achiles o surprehenderam a dedilhar uma lyra, como conta Homero, assim os emissarios da futura Revolução ao penetrarem no Palacio das Necessidades encontrarão o habitante d'aquelle velho convento a pintar um prato.

Se a Revolução o encarcerar, elle pendurará á janela a sua paleta, como Ricardo Coração-de-Lião pendurou a sua harpa de trovador. E a democracia irá soltal-o, porque, se por um lado elle pertence á realeza por ter um sceptro, por outro lado elle pertence ao povo por ter um officio.

Ser carpinteiro bastou para dar a popularidade immortal a Pedro da Russia, sujeito mais cabeçudo do que é permittido mesmo a uma cabeça coroada. D'elle conta o seu medico, n'um livro posthumo recentemente publicado, que para comprehender a theoria da circulação do sangue foi preciso a esse autocrata mandar abrir vivo um dos seus subditos para ver.

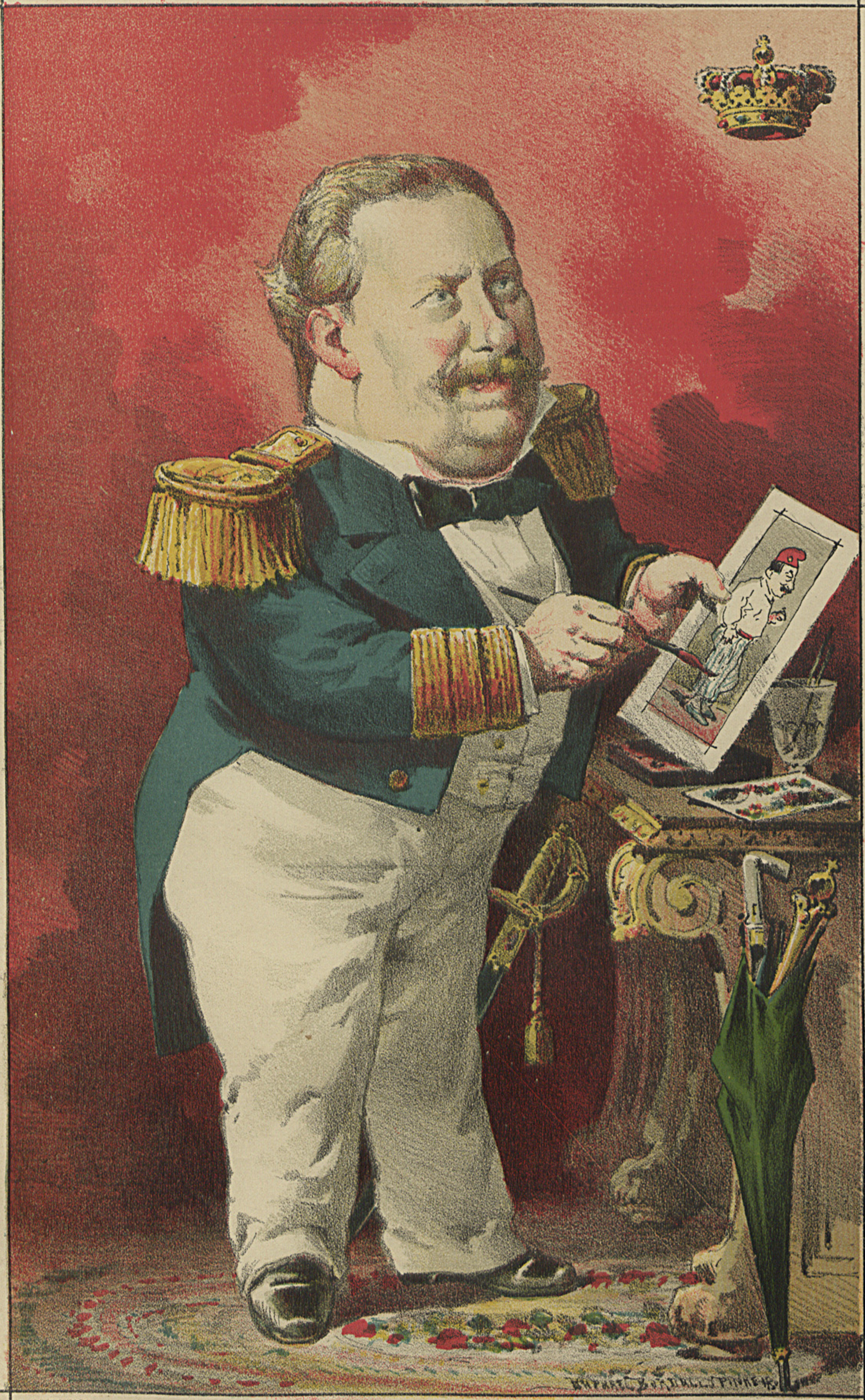
Ora o Senhor D. Fernando nunca escalou os cidadãos para perceber como elles trabalham por dentro, e é o primeiro dos operarios da fabrica de Sacavem.

Rei pintando louça, elle poderá dizer, sem magoar ninguem, perante a Carta e perante a posteridade, como nas *Georgicas* dizia Virgilio tratando modestamente das abelhas:

In tenui labor; at tenuis non gloria.

João Ribaixo.

TYP. 21, RUA AUGUSTA, 25



DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

SHAKESPEARE E «CARTA»

O SENHOR D. LUIZ I

Como rei constitucional, para uso particular d'um povo sem ambições, que preza antes de tudo as suas commodidades e o conchego do seu lar, o monarcha que hoje se senta na commoda poltrona a que as camaras municipaes e outras graves corporações do estado chamam *throno* por occasião dos anniversarios solemnes, é certamente uma das testas coroadas mais benignas, mais bem conceituadas e das que menos desafiam hoje na Europa as iras da demagogia entre nós inaugurada simplesmente como sociedade de passatempo e recreio, para intertimento d'um ou d'outro espirito fantasista do paiz.

Ha cerca de quinzes annos, que tantos são, pouco mais ou menos, os do seu reinado, que S. Magestade ouve quotidianamente, no uzo das regias prerogativas, as descomposturas matinaes dos partidos monarchicos que, em virtude da rotação do systema, se acham na adversidade—fóra das secretarias do Terreiro do Paço. Em quanto um grupo lhe dá beijocas na irresponsavel mão, ha sempre outro que lhe dá cacholetas na resplendente corôa, até que o segundo volva a comer para o primeiro ficar a *malhar*.

Tudo isto, entretanto, para bem das formulas politicas vigentes, podendo mesmo afirmar-se que durante o meio seculo da nossa vida constitucional, até hoje, com rarissimas excepções, do mais acerrimo demagogo tem sahido sempre o mais pontual amanuense.

Raro tem sido entre nós o tribuno que depois de pedir a cabeça do tyrano não acabe por pedir uma manga d'alpaca.

Certo d'isto, confiado n'esta pura verdade constitucional, S. Magestade—em quanto os partidos luctam—nas horas que as recomposições ministeriaes lhe deixam livres, traduz, dispendendo os preciosos momentos que lhe sobram do seu officio de pessoa reinante n'estas duas occupações gentis,—atirar aos pombos e *atirar-se* a Schakespeare.

Excellente pessoa, embrulhado no manto d'um benevolo rei, jamais lhe seria possivel atraiçoar a Carta, essa Carta de que os partidos militantes teem feito uma *carta de jogar*, mas á qual, S. Magestade parece dispensar o respeito supersticioso que se deve a uma *carta de familia*. Inimigos jurados ninguem lh'os conhece e jamais passaria pela cabeça d'alguem que um fanatico se aproximasse de S. Magestade para commetter na sua pessoa qualquer acto de violencia que não fosse pedir-lhe tres libras.

Quando a Europa tiver noticia de que o Senhor D. Luiz I. foi atacado pode desde logo ficar certa de que o instrumento do ataque foi uma lista de subscripção.

Com os seus dois batedores adiante, simples manifestação do fastigio monarchico, S. Magestade póde percorrer descançado todos os recantos do seu reino, sendo verosimil, que qualquer Sá de Miranda, presidente de Camara, lhe saia ao caminho e lhe repita, no caso de as saber, as palavras que outro Sá de Miranda já tinha dito a D. João III.

Com duas canas deante
Hĩs amado e hĩs temido

O paiz tem no temperamento de S. Magestade, o fiador mais efficaz das instituições vigentes. Jamais, quaesquer que fossem as circumstancias da nossa vida politica, o Senhor D. Luiz I seria capaz de se arrogar o papel de despota. Os cabellos loiros, a tez d'uma brancura suave, o olhar d'um azul claro e languido, são inteiramente incompativeis com a tyrania.

Mostrando sempre a maior predilecção pelas coisas de marinha, S. Magestade compraz-se em andar d'ordinario fardado d'almirante, se bem que o ministerio competente não disponha d'uma quantidade de navios correspondente ao galões do seu rei.

Entretanto como no systema constitucional predomina a ficção, Sua Magestade supõe embalar-se no camarote da fragata almirante, embalando-se simplesmente no seu camarote em S. Carlos.

Do Senhor D. Luiz I póde dizer-se que é um rei *literal* modelado pelas antigas formas de Leopoldo da Belgica, á vista do qual, no ultimo quartel do seculo XIX, teem de ser copiados os soberanos que da revolução ficaram em saldo á Europa.

Sem ser uma personalidade, exactamente como convem a um alto magistrado cuja obrigação é ser ao mesmo tempo uma testa coroada e uma *pélla*, para assim ser atirado das mãos do Sr. Braancamp para as do Sr. Fontes e das do Sr. Duque d'Avila para as do Sr. Bispo de Vizeu, no *jogo regular das instituições*, o Senhor D. Luiz I possue todas as prendas que podem fazer o encanto da sociedade. Falla as linguas, desenha, cultiva o violoncello, traça a caricatura da sua côrte, compraz-se com a astronomia, com a botanica, com a pyrothecnia, e é mesmo prendado até ao ponto de achar espirito aos ministros da corôa com quem conversa!

Quaesquer que sejam os abalos por que o paiz tenha de passar no periodo de lucta e de reconstrucção que evidentemente se opera na velha Europa, é certo que o Sr. D. Luiz I não deixará na historia uma má memoria de si.

Foi rei constitucional, traduziu Schakespeare, condecorou quasi todos os seus subditos e inspirou ao *Album das Glorias* uma biographia que em nada offende a constituição.

A posteridade nada mais pode exigir d'elle.

JOÃO RIALTO.

TYP. 24, RUA AUGUSTA, 25

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

RIALTO

GUILHERME D'AZEVEDO

Chegado de Santarem pelo comboyo da manhã, elle entrou em Lisboa ha onze annos trazendo comsigo um livro primoroso — *A Alma Nova.*

Desde então até hoje a sua penna nunca mais cessou de correr no papel em alegres esfusiadas, que como um fogo d'artificio estalam na pagina em arabescos luminosos e em estrellas rutilantes.

Não é possivel estar mais na publicidade e ao mesmo tempo apparecer menos na evidencia.

Toda a gente o leu e ninguem pessoalmente o conhece.

No meio do estrepito retumbante da sua obra, assignada pelos pseudonymos famosos de *Gil Vaz* ou de *João Rialto,* na *Lanterna Magica* e no *Antonio Maria,* elle, encolhido, recluso, escorredio, atravessou a celebridade lisbonense pelo lado da sombra, caminhando no escuro em bicos de pés.

Os differentes prazeres da gloria, que consistem para o eleito em ser curiosamente apontado no Passeio Publico pelas mulheres feias que infestam aquella região ao domingo de tarde, em occupar uma cadeira em S. Carlos e em ter um retrato photographico exposto nas vidraças da rua do Ouro entre o de um bailarino e o de uma *cocotte,*—esses prazeres capitosos e ardentes, que tantas imaginações devoram no interior das nossas provincias,— Guilherme d'Azevedo, repelliu-os sempre com uma energia inexpugnavel.

O *Album das Glorias,* abrindo n'esta pagina um alçapão que faz tombar de chofre no meio do publico a personalidade do organisador litterario d'esta galeria, emprega a emboscada como unico meio de trazer a lume esse perfil, o mais refractario ás seducções da notoriedade.

Apesar de coxear um pouco, por defeito physico, como lord Byron, Guilherme d'Azevedo é dos raros escriptores que na imprensa caminham pelo seu pé. A maior parte dos jornalistas seus confrades andam pela mão, amparados ás idéas e ao estylo dos outros.

Temos seguramente no paiz uns quinhentos ou seiscentos individuos perfeitamentte habilitados para alinharem quotidianamente ao longo de uma gazeta tres ou quatros columnas de phrases aproximadamente correctas.

Cumpre unicamente advertir que essas phrases nem exprimem as idéas nem representam os processos estheticos dos sujeitos que se encarregam de as reduzir ao signal graphico. São as phrases que toda a gente respira no espaço e que se apanham no ar como as moscas. A prosa expressiva, artistica, pessoal, dando a imagem viva de uma idéa atravez da força de um temperamento, essa é apenas mantida nos jornaes portuguezes por uns quatro ou cinco escriptores originaes, que vão adeante; e todos os demais, consciente ou inconscientemente, os seguem.

Guilherme d'Azevedo é um d'esses chefes de fila. Elle possue em alto grau as grandes qualidades do jornalista moderno: — a coragem da opinião, a fina sensibilidade mental perante a orientação scientifica do seu tempo, a sufficiente dose de irreverencia por todas as expressões da auctoridade, e o poder da forma; — não da velha forma classica dos compendios de eloquencia, mas da forma irregular e individual que mette a alma do artista na expressão da sua idéa e transforma o vocabulo inerte na palavra alada de que falla Homero.

O estylo de Guilherme d'Azevedo dobra-se com admiravel flexibilidade a todos os caprichos da phantasia; de sorte que, dado o facto sobre o qual o artigo tem de ser *bâclé* para o jornal do dia seguinte, elle arranca-lhe de dentro em cinco tiras de papel tudo o que se lhe pedir: cabriolas, guinchos, methodos scientificos, carrancas de palhaço, religiões, philosophias, busca-pés, baba de tigre, theorias d'arte, formas de governo, bandeirolas, blasphemias ou pastilhas.

Exercendo uma consideravel força de critica e de mordacidade sobre os compadrios caturras da sociedade de Lisboa, elle nunca teve inimigos. Quando ha mezes partiu para Paris, onde presentemente reside, li eu n'um jornal que *vinte e tres dos seus amigos* tinham ido dizer-lhe adeus. Vinte e tres amigos, para um homem que não tem pelo menos dois ou tres ministros fechados em cada mão, parece-me ser o mais expressivo elogio que se pode fazer á bonhomia de um malicioso. E esse elogio Guilherme d'Azevedo merece-o mais que ninguem, por que nunca a fibra bellicosa de um mais arrogante sapador revestiu o coração ingenuo de um melhor rapaz.

João Ribaixo.

TYP. RUA AUGUSTA, 23

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

MONARCHIA LEGITIMA E AGUA PURA

CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO

Se Lisboa não lhe deve de todo em todo o pão que come, pode afiançar-se que em grande parte lhe deve a agua que bebe.

Quem dirá que este jurisconsulto cheio de tenacidade e de logica forense, decifrando como poucos a alma dos processos, simplesmente resolveu ficar um seculo atraz das necessidades politicas do seu tempo fazendo-se chefe do moderno *sebastianismo* portuguez sem se lembrar de que, para o regresso do velho regimen, não ha já manhãas de nevoeiro possiveis desde que os povos se acostumaram á vida alegre e facil do constitucionalismo, dentro do qual não ha nobre que olhando os sapatos da plebe possa dizer—*d'estas tombas não deitarei*, nem sapateiro que ámanhã não possa encontrar em cima da sua tripeça uma corôa de visconde?...

Com a leitura aturada dos cauzidicos, o Sr. Pinto Coelho adquiriu um pouco o amôr da contradição. Aqui está porque elle nas causas civeis vae adiante de todos e na causa do absolutismo está ainda em 1819. Nos interesses sociaes do seu tempo viu uns autos aonde, cheio de nobre convicção, escreveu pauzadamente—*provará*.

Entretanto ainda em Portugal não viu a luz do sol peninsular homem que mais de prompto atinasse com a necessidade verdadeiramente imperiosa da sociedade portugueza.

O Sr. Pinto Coelho chegou um dia á sua janella e vendo a multidão que passava, somnolenta e melancolica, cheia d'aborrecimento e de tristeza, arrastando pelo calvario do Chiado os joannetes da vida ao passo que ia cossando problemas politicos na cabeça e tirando objectos clandestinos do nariz, o Sr. Pinto Coelho bateu na fronte uma palmada cheia de convicção judicial, bradando:

—Já sei! A necessidade mais instante d'este povo não é, nem a instrucção obrigatoria, nem a egualdade perante a lei, nem a inviolabilidade do cidadão, nem a liberdade de consciencia. De que o povo portuguez precisa não é d'uma utopia; de que elle necessita é d'agua.

O Sr. Pinto Coelho, com a celeridade do relampago, tinha avistado uns poucos de seculos de caspa acumulados sobre o craneo d'uma naciolidade e comprehendeu logo que os seus concidadãos não precisavam de se remir; de que elles careciam era de se lavar.

Nenhum ponto de vista mais positivo e mais hygienico. Mas ao passo que o illustre advogado tem assim a comprehensão *realista* d'uma necessidade publica, vemol-o por outro lado professar um respeito fetichista pela *realeza* do direito divino.

Avistamol-o n'uma lucta titanica e administrativa, persuadindo os homens e os capitaes do seu paiz de que é necessario, como acto humano e operação commercial, trazer as aguas do Alviella a Lisboa; mas vemol-o ao mesmo tempo partir para longiquos paizes com um cesto de terra representando um simulacro do terrão patrio a fim de que sobre essa *illusão* nasça uma promettedora vergontea da velha realeza foragida.

Que o distincto advogado comprehendesse que um jarro d'agua é muito mais efficaz para lavar a cara do que a outhorga d'uma Carta para remir um povo admitte-se; agora o que não se percebe bem é como elle, pondo a peito a limpeza dos seus concidadãos, quizesse outra vez trazer-lhes para casa a teia d'aranha secular que elles já haviam vasculhado das instituições!

Entretanto, com todas as suas contradições, d'estas duas crenças nunca ninguem o desarreigou: monarchia legitima e agua pura. Se a tenacidade d'um homem fosse capaz de canalisar as crenças da mesma forma que se canalisa um rio, já hoje todos os habitantes de Lisboa tinham em casa a *legitimidade* nos contadores a duzentos réis o metro cubico.

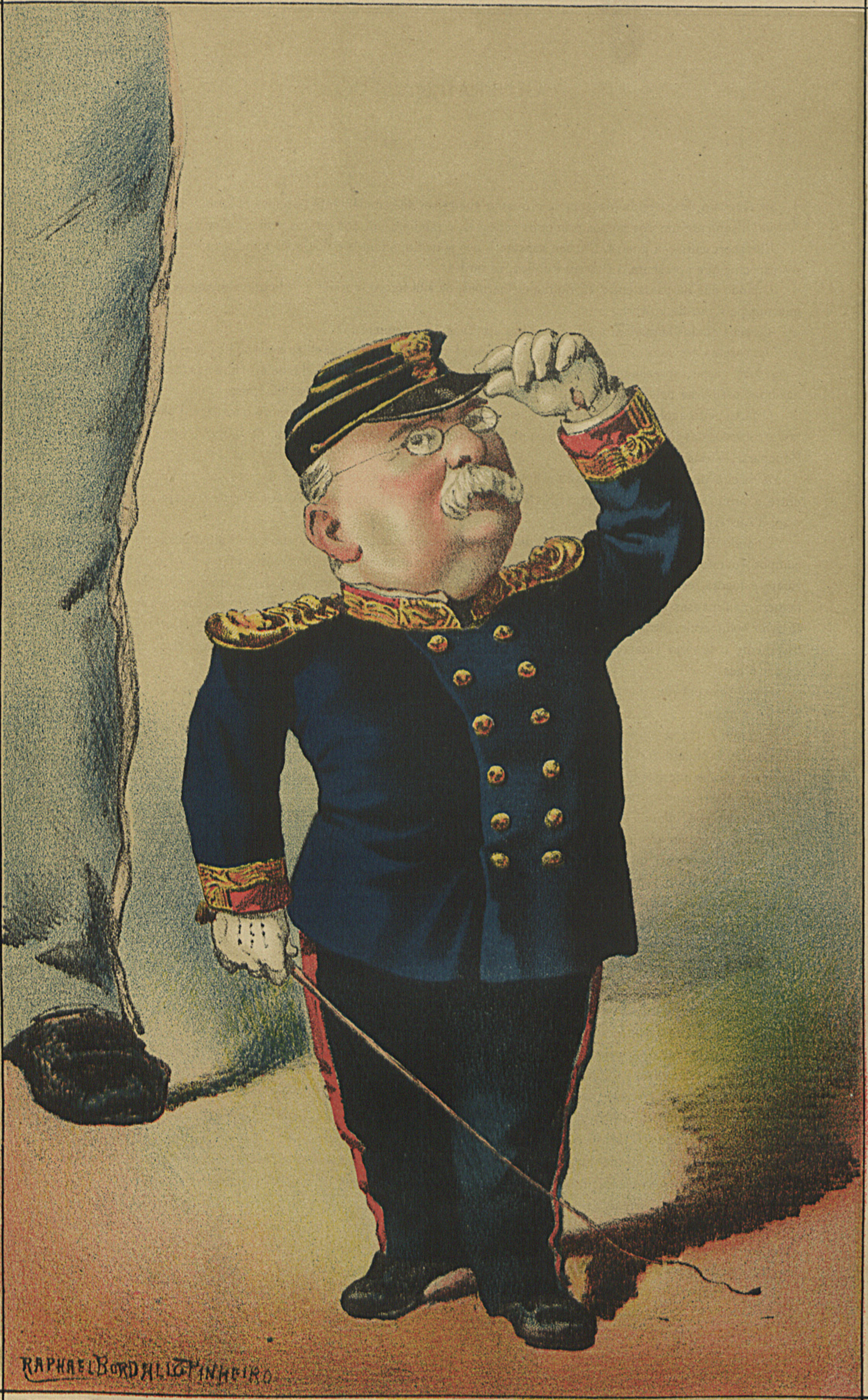
O Sr. Pinto Coelho é um orador facil e correcto, contradictor habilissimo, argumentador perspicaz. Ainda não ha um anno que n'uma lucta de palavra venceu o Sr. Martens Ferrão, que na oratoria se pode considerar o gigante mais massador da peninsula. Um Golias com a dignidade d'Aio e o cargo de Procurador Geral da Corôa—e da somnolencia.

As horas que lhe sobejam dos autos, da *realeza* e das aguas, dá-as o Sr. Pinto Coelho á musica. Compraz-se em ouvir as primas-donas e os tenores, e enche-se de mais beatitude escutando uma aria de Bellini do que uma sentença d'um juiz. Supõem mesmo alguns que o famoso advogado, na solidão das suas crenças, não pode deixar de tanger qualquer instrumento de vento ou de corda afinando pelo diapasão dos seus principios a *aria do regresso* que ha quasi meio seculo é ensaiada pelo partido da legitimidade sempre convencido de que a hade tanger n'um dia que, já agora, vae tardando muito em chegar....

O *Album das Glorias* dá hoje esta physionomia como uma das mais accentuadas e mais energicas do seu tempo. Eis aqui o primeiro homem que depois de Moisés foi capaz de bater com a sua bengala na cerca das Monicas fazendo correr um rio em Lisboa!

João Rialto.

TYP. RUA AUGUSTA, 23



DEPOSITADO Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

PIF! PAF!...

GENERAL MACEDO

Luiz Augusto de Almeida Macedo, de profissão guerreiro, destemidamente nascido em Lisboa no anno de 1819, não é somente um dos nossos primeiros generaes, é tambem um dos nossos primeiros symbolos.

Elle representa — a guerra. E o seu aspecto é dos mais imponentes e dos mais temerosos entre todos os diversos aspectos que apresenta o Passeio Publico, ás tardes.

Quando elle perpassa entre as multidões inermes, da sua figura marcial e bellicosa disgrega-se no ether como que um perfume de polvora.

Os seus oculos lampejam a espaços como escorvas de mosquetes.

As rosetas das suas esporas, tilintando nas ruas, lembram o fragor metalico dos esquadrões que trotam.

As suas calças, apresilhadas e retezas, exprimem essa admiravel inflexibilidade provada nas fortes naturezas e nas boas casimiras pela suprema tensão da disciplina militar e das puchadeiras de couro.

O farto peito acolchoado da sua farda tem a amplidão gloriosa de quem uza sobre o torax, em pastas sobrepostas e sobrecosidas, as victorias de Alexandre, de Cezar, de Annibal, de Pompeu, de Turenne, de Frederico, de Bonaparte, — todas d'algodão.

A viseira do seu kepy, carregado a um lado, traz á lembrança um *abat-jour* discreto collocado pela modestia entre a orbita em que reluz o olho estrategico do batalhador e aquella parte do ceu d'onde dardeja os seus raios o sol d'Austerlitz e de Aljubarrota.

Quando elle apparece, as faces rubicundas dos burguezes amerellecem, assim como amarellecia a herva dos campos quando Attilla vinha. As mães tremulas aconchegam ao peito os seus tenros filhos. A mocidade inexperiente e fogosa, estremece e vibra de um generoso enthusiasmo ás portas do Suisso. Os bois, companheiros do homem nas mansas lides da agricultura, fogem aterrados e gemebundos com as respectivas charruas pela Bitesga fóra. O commercio retrae-se em suas transacções. As artes da paz immobilisam-se. Os animos avinagram-se. E finalmente o proprio vinagre se revolta, como ainda ha pouco vimos, pondo em crise os escabeches, as saladas e as patrulhas.

Tudo isso porque elle passa, pois que na cidade inteira, desde a Bica do Sapato até o Caneiro d'Alcantara, elle é — a guerra.

Em que é que se emprega sobre a superficie do orbe esse flagello terrivel porém indispensavel? Em que é que elle cogita? D'onde é que vem? Para onde é que vae?

Taes são os quesitos a que n'esta pagina tem de responder a historia da guerra, isto é a biographia do general.

Esse imprescriptivel dever vamos cumpril-o.

Quereis saber d'onde elle vem? Elle vem de comer pêra doce com vinho do Porto e de beber chá preto com torradas no convivio administrativo e amigavel do chefe do districto, o affavel sr. conselheiro Arrobas.

Quereis saber para onde elle vae? Elle vae para os seus aposentos, no quartel do Carmo, deitar-se a dormir em sua cama, emquanto a mente escandecida em pensamentos de campanha se lhe revolve no plano de detalhar o 38 da 4.ª para o Boqueirão do Duro e o 25 da 1.ª para a Travessa do Poço.

Vem do pacato dever cumprido e vae para o merecido repouso assegurado pelas leis aos honrados servidores das instituições vigentes.

A nossa penna treme ao destruir assim uma interessante legenda, mas a verdade é essa. O terrivel personagem que Lisboa se habituou a considerar como a expressão mais destruidora que pode assumir a guerra, é simplesmente um bom e estimavel homem, que fez correctamente os seus estudos na Escola Polytechnica, que entrou na vida publica, que foi deputado como qualquer outro e que é conselheiro e commendador como toda a gente.

Na sua qualidade de commandante da guarda municipal elle tem mostrado temer a Deus e amar a ordem — um pouco de mais talvez!

Não o accusemos por isso. Em todas as sociedades o fanatismo da guerra augmenta tanto mais quanto o paiz é maior; o fanatismo da ordem augmenta tanto mais quanto o paiz é mais pequeno. Para se comprehender pois até que excessos póde ser levado pelas fatalidades geographicas um ordeiro portuguez cumpre-nos meditar na estreiteza do meio em que n'este jardim da Europa nos desenvolvemos, todos — boninas, homens d'estado, artistas, trabalhadores e guerreiros. Infelizmente para a seiva belicosa do nosso militarismo, o alegrete da guerra é então aquelle em que mais apertada e mais mesquinhamente se atormentam as nossas vegetações sociaes. Basta dizer-se que não ha campanha em que figurem mais de quatro homens e um cabo, e que a propria bisca das casernas, alma dos furores mavorcios, é apenas de trez. O respeito que estas condições infundem quebra os braços ao rigor da critica, e obriga-a a exclamar benevola:

— Paz á guerra! Paz á guerra!

João Ribaixo.

TYP., 21, R. AUGUSTA, 25

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

«ALBARDA E CARTA»

MARIANNO CYRILLO DE CARVALHO

Foi a *Gazeta de Portugal* que o poz em evidencia no artigo de fundo como pozera Eça de Queiroz no folhetim. Um caminhou para as regiões luminozas da Arte, o outro para os subterraneos viscozos da Politica d'onde resultou o romancista produzir o *Primo Bazilio* e o *Crime do Padre Amaro*, e o jornalista gerar as duas frases já agora celebres na *Praça da Figueira* aonde no ultimo quartel d'este seculo se regateiam os destinos da sociedade portugueza: — *Quartel general em Abrantes tudo como d'antes: Albarda real senhor!*

O publicista de quem o *Album das Glorias*, com a izempção que o caracteriza, dá hoje o perfil, sem preoccupações de lhe corrigir a belleza plastica nem de lhe dar toques poeticos no aspecto moral, foi bafejado no berço pela velha muza que ha já quarenta annos embalara no colo o ventre predestinado do vehemente pamphletario Antonio Rodrigues Sampaio.

Esta muza que de lenço na cabeça, tamancos e manga arregaçada, inspira ainda de tempos a tempos, as vigilias da *Revolução de Setembro*, é a que pendida ao hombro do polemista Marianno lhe segreda ao ouvido os vagos pensamentos que elle, do remanso da redacção, transmitte aos poderes publicos atemorizados,— *Ai mana que susto!*

Se como polemista vigorozo o sr. Marianno de Carvalho é temido pelos seus contrarios, como thermometro por onde no paiz se mede a instabilidade da opinião é dos mais dignos de ser consultado. É uma gloria triumphante e um precito amaldiçoado — aos semestres. Lisboa e as provincias metade do anno atiram-lhe rozas, na outra metade atiram-lhe pedras.

N'este momento em que o *Album das Glorias* lhe presta a homenagem d'um perfil colorido está elle um quasi nada em desgraça; mas ámanhã, quando os seus adversarios, em virtude das exigencias do thesouro faminto, se dirigirem á hydra popular a pedir-lhe o resto da pelle, e a hydra lhes arreganhar o resto dos dentes, o sol da popularidade começará de novo a reluzir para aquelle que das profundezas do Largo de S. Roque não deixará de soltar este comentario impregnado de gaiata philosophia: = *O paiz quer albarda? Desse-lhe albarda.*

No meio das pouco ensaboadas luctas politicas em que as forças vivas do paiz se teem consumido nos ultimos annos — á porta da Havaneza, o sr. Marianno de Carvalho tem mais d'uma vez sido accuzado pelos seus contrarios, entre outros maleficios, de pretender cingir na fronte a mitra do patriarcha de Lisboa, d'attentar contra a ntegridade da patria e de ir de noite, vestido de vampiro, ao Paço da Ajuda sugar o sangue innocente das *loiras creanças* penhores das instituições; entretanto o que é certo é que os seus adversarios vão sahindo á formiga, generaes de divizão, cabos de segurança, arcebispos de Mytilene e olheiros da penitenciaria, em quanto elle continua a cingir na macerada fronte o chapeu ensebado de *poder oculto* sem verba designada no orçamento.

Tendo assistido aos ultimos arrancos de dois mil ministros devorados pelas paludozas d'um constitucionalismo reprezado, tem recolhido os suspiros de todos elles, sem lhes recolher um decreto. Amortalha-os em fardas bordadas e continua a andar com a manga no fio.

Temperamento pouco burocratico, possue como jornalista um estylo nervoso vazado em formas pouco litterarias. As suas frases entram até ao fim no ventre dos adversarios, como navalhas. Servem indistinctamente para agitar a provincia ou para serem cantadas á viola.

Aos segredos insondaveis d'este estylo junta ainda, como professor de mathematicas puras, a faculdade de bater os ministros da fazenda na especialidade em que elles d'ordinario são menos especialistas: — isto é, nas quatro especies.

Repare-lhe o leitor na effigie e veja como elle se dispõe a entreter os seus ocios de jornalista entre duas baforadas de fumo!...

É um bom cigarro *brejeiro* que elle enrola entre os dedos. Um cigarro e ao mesmo tempo um symbolo. Até no nome se parece com o mundo politico portuguez!

João Rialto.

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo-12

ODE E ODIO

GOMES LEAL

Foi sob o raio luminoso de um livro de versos intitulado *Claridades do Sul* que o nome de Gomes Leal appareceu pela primeira vez em notoriedade na aureola doce e calma dos luares do Parnazo.

D'esse livro amavel se destacavam, n'um colorido picante de originalidade, miniaturas de paizagem e de figura, dando a impressão ridente d'essas aguarellas adoraveis que as lindas raparigas do Japão, meigas, franzinas, cheirando a chá, encrusadas no chão, por traz de um biombo, esbatem de quatro pinceladas, sobre uma tela de seda.

O poeta, descendo a via dolorosa que conduz o homem pelo Pote das Almas aos abysmos da rua Aurea, parecia feliz em se deixar viver, e nos seus olhos muito abertos, de extremunhado, scintillava a luz diamantina dos contentamentos da arte.

Um dia porém, inesperadamente,—sem que até hoje se podesse ter dado uma explicação plausivel d'este phenomeno—o auctor das radiantes *Claridades do Sul* declarou-se immerso nas tenebrosas escuridões do odio. E como bom subdito de sua magestade, foi pelo principe reinante que elle principiou a odiar, na Baixa!

—Oh! como eu o detesto! bradou elle uma manhã, ao almoço, no Café.

E voltando-se para os moços:

—Cidadãos! Se tendes chispes de rei para um, trazei-m'os, com hervas!

Amanuenses famelicos que o ouviram, melancolicos em suas joelheiras de plumitivos, levaram ás regiões officiaes a nova extranha de ter despontado no Martinho um demagogo que cultivava pelos meios reis na grelha o mesmo appetite desordenado que as secretarias conferem aos meios bifes com batatas.

Dias depois Gomes Leal dava á luz um poema bilioso melancolico, destinado a odiar em alexandrinos o chefe do estado. Os poderes publicos, aterrados, apoderaram-se então do poeta e conduziram-o em braços para a cadeia.

O acto dos poderes publicos pode ser considerado por dois lados differentes: pelo lado therapeutico e pelo lado litterario.

Pelo lado therapeutico—se foi o odio que quizeram atacar—a cadeia estava n'esse caso contra-indicada, e os poderes andaram mal, porque o odio é um producto pathologico do figado, e como epatico não é para o Limoeiro que deviam mandar o poeta, deviam mandal-o para Vidago.

Pelo lado litterario—se foi o poema que os poderes quizeram ferir—tambem nos não parece que andassem bem, porque debaixo da fórma poetica o odio não é um perigo na sociedade, é apenas uma curiosidade na litteratura. Os demagogos teem hoje varios meios praticos de se mostrarem odientos; teem a dynamite, teem a nitroglycerina e teem o picrato. Desde que a esses meios se póde accrescentar um outro, absolutamente inoffensivo=os versos=, este ultimo não sómente se não deve impedir mas deve-se proteger, como uma valvula de segurança para recreio dos povos e para tranquillidade dos principes.

Como os poderes o não entenderam assim, á hora a que escrevemos estas linhas Gomes Leal acha-se preso. Para principio de vida está no logar mais decentesinho com que os governos em Portugal podem ainda hoje apadrinhar um amigo. Como perseguido elle póde chegar a tudo quanto appeteça no estado, e se souber aproveitar o tempo aprendendo o officio de victima—d'aqui até que o jury ponha cobro ao favoritismo que o prendeu, condemnando-o á soltura,—creiam que o hão de ver ministro para o ministerio que vem. Já os que vão ao Limoeiro ver o trovador lhe não levam unicamente cumprimentos, levam-lhe memoriaes!

João Ribaixo

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo-12

O TIGRE

PEZO ANTIGO COM MEDIDAS NOVAS

ANTONIO MARIA BARREIROS ARROBAS

Raras vezes um personagem mais logico terá *pesado* sobre os destinos d'um povo.

Segundo é crença geral nasceu no Alemtejo.

O seu nome é Arrobas.

Os seus pés são dois quintaes.

O seu todo é uma tonelada.

Pela designação e pelas tendencias o vulto para a circumferencia do qual o *Album das Glorias* se não sente hoje sufficientemente fornecido de papel, pertence ao velho systema de pesos e medidas.

Reprezentando pela nomenclatura uma infracção á lei, os poderes constituidos, mais illogicos do que elle, nomearam-n'o fiador da mesma lei, e é assim que, revestido das funcções de governador civil de Lisboa, influe hoje no prato da balança constitucional com um pezo tão digno da sua auctoridade como do seu nome.

O sr. conselheiro Arrobas, como a maior parte dos portuguezes que nunca ouviram troar o canhão, é, pouco mais ou menos, tenente-coronel. Os seus postos ganhou-os sob os ardores do sol do Chiado, investindo com o Pote das Almas, limpando o suor dos combates com um lenço de seda de ramagens, torneando pela rua do Arsenal e largo do Conde Barão até, ás 2 da tarde, tomar na sua cadeira de S. Bento aquelles semicupios parlamentares com que ha mais de vinte annos se alivia da sua rhetorica particular em beneficio da causa publica.

O sr. conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas como orador é mais Antonio Maria do que Mirabeau, entretanto a sua palavra possue por vezes aquelle pittoresco desconhecido na maior parte dos que entre nós teem por missão constitucional entreter o somno parlamentar antes da ordem do dia.

De quando em quando, na opposição, aviza os adversarios politicos de que vae ser um *tigre* contra o gabinete, e então é que é vel-o, então é que é ouvil-o, então é que é gosal-o!

Como *tigre boa-pessoa* entra sempre na camara com o seu chapeu alto cheio de pequenos *bouquets* que distribue amavelmente por aquelles em que d'ahi a pouco ha de cravar as garras: depois, pedindo o *rugido* antes da ordem do dia, galga d'um pulo a tribuna obstruindo as discussões com os considerandos como obstrue os corredores com o vulto, sendo Arrobas na figura, nos gestos, nos raciocinios e nas syllabadas.

Mesmo na indignação quando quer ser um raio é Arrobas. Se por ventura se chega a possuir d'uma ira sagrada, oh, então é mais do que Arrobas; já uma vez chegou a ser duas Arrobas!

Esta maneira original de ser *tigre* torna o digno carnivoro que n'este momento se acha á frente do districto de Lisboa um exemplar á parte na *menagerie* constitucional que hoje entretem os ocios do povo portuguez.

Nomeado governador civil da capital e encarregado especialmente de extirpar, como *tigre* ao serviço das instituições, a hydra da anarchia, o sr. conselheiro Arrobas principiou por fazer processar algumas folhas pouco amaveis para com as brejeirices vigentes e promoveu mesmo a prizão d'um ou outro adversario dos poderes.

A hydra sentiu-lhe o pezo da bota mas não gemeu: ao contrario, póde dizer-se que nunca a hydra gozou entre nós de maiores prosperidades do que está gozando actualmente calcada pelo borzeguim de tres solas d'este tigre familiar.

Entre as medidas radicaes proprias para assignalar a passagem do sr. conselheiro Arrobas pelas *provincias da publica administração* destaca-se a que teve por fim submetter á numeração toda a sociedade portugueza desde 1 até 4 milhões, obrigando todos os naturaes do paiz a trazerem ao pescoço uma coleira com o respectivo algarismo —sem guizo.

Esta medida que em virtude de varios obstaculos que encontrou na pratica chegou a ser apenas applicada aos cautelleiros e vendedores de jornaes, traria na moderna babel de titulos, entre outras vantagens, a dos Viscondes e Barões se poderem conhecer por um algarismo—como as praças de pret.

Ao sr. conselheiro Arrobas está evidentemente reservado um largo futuro na sociedade portugueza, nem podia deixar de ser assim porque se o seu futuro não fosse largo não cabia cá. Ha de ser par do reino, ministro da marinha, conselheiro do tribunal de contas, uzufruindo ao mesmo tempo a vantagem, como militar valorozo, de nunca entrar em combates.

Em vez de sangue apenas continuará a derramar alguma tinta pela patria.

E depois, d'aqui a largos annos, reformado em *tigre* de divisão, entrará nos reinos da Gloria com mais um terço dos vencimentos e o pélo coberto de condecorações.

Foi elle que se declarou *tigre*. N'esta qualidade atravessará os seculos, na memoria da patria—empalhado.

Chamando-se Arrobas esteve até certo ponto em contradicção com o systema decimal, mas em compensação ajudou a votar algumas decimas.

João Rialto.

TYP. RUA AUGUSTA, 23

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo,

A VAPOR!

OLIVEIRA MARTINS

Começou por ser um imaginativo e um lymphatico—doenças correlativas. Tinha a gaveta cheia de edemas litterarios e tinha engurgitamentos de humor albuminoso nos tendões do pescoço. Escrevia um drama por dia e trazia a cabeça á banda com algodão nos ouvidos e uma fita de seda preta em volta da cara flacida, côr de cera como tantos outros infelizes das letras e das ruas de Lisboa, elle era na idiosyncrasia assim como na arte,—um ganglionado.

Estava-se á espera de que lhe viesse á supuração uma escrofula e um livro de versos, quando as duras responsabilidades que elle contrahira pelo casamento perante as necessidades da vida pratica o obrigaram a abandonar Lisboa sua patria e a ir, com a sua joven esposa no anno de noivos, explorar uma mina na Extremadura Hespanhola, de collaboração com um engenheiro inglez.

Estabelecido o seu risonho e nascente *ménage* sob a tenda de campanha n'um dos vastos descampados extremenhos, elle encetou a vida austera e dura do mineiro na pressão mordente de um clima implacavel em que a neve ensurdece de inverno o trote das mulas como em tapetes d'algodão em rama e em que o sol requeima de verão na terra vermelha as vegetações amarellecidas da herva vaqueira e do gravanso. Como unicos elementos de recreio a uma vida vehemente e hostil, uma clavina biscainha e um perdigueiro para bater a caça de dia, e um bom livro para ler ao serão no inverno com as solas ferradas sobre a fogueira de pinho.

Ahi se gerou a si mesmo, reconstituindo-se completamente desde a primeira até á ultima molecula do seu organismo, o homem celebre cuja physionomia entra hoje na collecção d'este album.

O nobre e fortificante trabalho ao ar livre, debaixo do sol ardente e da chuva desnevada do bom Deus, desengorgitaram, limparam, sacudiram e retemperaram de musculos e de cerebro o lisboeta enfermiço e fizeram Oliveira Martins.

A sua theoria da fundação da nacionalidade portugueza como producto esporadico da vontade humana encontra n'elle proprio um argumento de plausibilidade biologica.

O auctor da *Historia de Portugal*, cujo perfil esboçamos, refez-se a si mesmo—forte, saudavel, poderosamente equilibrado—por um supremo exforço da energia moral sobre as fatalidades do seu meio. Todas as suas grandes qualidades, eminentemente apropriadas ao combate moderno, adquiriu-as elle n'um triumpho decisivo do valor pessoal na adaptação á luta.

Ao regressar depois d'alguns annos da mina de Santa Eufemia, Oliveira Martins tinha o pescoço direito, o peito largo, a espinha dura, as mãos calejadas, a pélle firme, cobrindo como uma armadura bronzeada pelo sol um arcabouço d'athleta. Trez grandes influencias tinham determinado a formação da sua segunda natureza:—o brio hespanhol, a hygiene britanica e o trabalho ao ar livre.

Do contacto inglez veio-lhe a religião do methodo e a da agua fria, a estima da força muscular, o amor do conforto e da elegancia do *home*, o espirito caseiro, os habitos d'ordem, o systema d'estudo, a pontualidade de trabalho.

Da convivencia hespanhola veio-lhe a infiltração do genio peninsular, a compenetração d'essa altiva democracia ingenita, indelevel caracteristico de raça que tão vivamente impressiona todos aquelles que nas abas da Sierra Morena viram os carreiros manchegos apertarem a mão dos Medinas Sidonias, de chapeu na cabeça carregado no olho e de punho fincado na ilharga como grandes de Hespanha tratando entre si de potencia a potencia.

Do rude trabalho nobremente exercido na lucta directa com a natureza veio-lhe a conquista da saude, a posse da força, e essa triumphal irradiação do espirito são na carne sã, que se chama na arte a alegria e na vida a bondade.

Homem sobre todos feliz, Oliveira Martins é na sua geração o trabalhador de mais vasta e mais fecunda expansibilidade. Elle tem mettido os seus largos hombros a todos os problemas nas sciencias applicadas á industria, na economia politica, na historia e na philosophia. Estabeleceu a familia, edificou a casa, explorou a mina, levantou a ponte, abriu a estrada, montou a fabrica e escreveu o livro.

Nenhum outro espirito contemporaneo percorreu em Portugal mais espaço em menos tempo. Tirando de si mesmo a propulsão que o move, elle é mais do que um simples instrumento, é uma força, como o vapor, applicada á velha machina de uma sociedade que elle ha de ajudar a impellir para deante, se ella andar, ou a metter no fundo se ella resistir.

João Ribaixo.

TYP. RUA AUGUSTA, 23

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

MARIA DA FONTE! QUEM TE VIU E QUEM TE VÊ!

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Homem particular cheio d'affectos e jornalista cheio d'effeitos, podiamos dizer d'elle—se não fosse o receio de começar este perfil por um trocadilho réles—que não é um politico inteiramente izempto de defeitos.

Nascido no Minho e educado na rudeza primitiva da clerezia de Braga, trouxe para o jornalismo militante, conjuntamente com a fé religiosa dos conegos do primeiro quartel d'este seculo, um estylo rigoroso, casto e bem nutrido, creado com migas e santos-padres, estylo que lhe permittiu sempre, nas occasiões solemnes, levar de vencida os adversarios aplicando-lhes ás mãos ambas, ao longo da espinha... constitucional, uma *tunda* de textos com um arrocho de logica.

É curioso observar como este vigoroso temperamento de polemista se amesquinha, se contrae, se dilue, nas contendas estereis d'um constitucionalismo lymphatico, e como o jornalista que era uma força se foi a pouco e pouco deixando absorver pelo que não passa d'uma escrófula.

N'este ponto, usando d'uma linguagem naturalista e ao mesmo tempo *contenciosa*—como convém tratando d'um conselheiro do tribunal de contas—, podemos dizer que o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, aos olhos do observador, não se limita a ser apenas um homem, é um *documento*.

Na reputação politica do sr. Sampaio pezou por muito tempo, como um peccado, a responsabilidade da sua melhor obra, da mais viva, da mais palpitante, da mais sanguinea,—*O Espectro*. O melhor titulo que o phamphetesario de 1846 tem ao reconhecimento da historia é não ter jámais renegado este seu filho, da mesma maneira que o mais assignalado titulo do conselheiro ao beneplacito da velhacaria patria é ter sabido conciliar os affectos que hoje dá á corôa com as descomposturas que hontem deu no throno.

De resto, desde o feliz dia da outorga, pouco mais ou menos, que a pobre e mareada corôa se acostumou a ouvir aquelle grito que traduzido no calão politico da nossa epocha quer dizer o que na boca dos jornalistas da oposição já queria dizer em 1846,—*Albarda real senhora!*

Batalhador forte, o sr. Sampaio foi sempre um generoso, exagerando ás vezes esta nobre qualidade até ao ponto de a tornar n'uma especie de cynismo aplicado ás normas da governação.

O tiranno que em 1846 se chamava Costa Cabral tem hoje um diploma de marquez. Este diploma está assignado pelo mesmo nome que assignava o *Espectro*.

Ha poucos annos que o sr. Sampaio foi ministro pela vez primeira. O que no phampheletario tinha uma feição violenta, manifesta-se desde então no conselheiro da corôa com uma feição pacifica. Sentimol-o rugindo nas columnas do seu jornal e ouvimol-o falando na secretaria do reino. O jornalista da *Revolução de Setembro* feito ministro é um leão que despe a pelle para se enfiar n'uma manga d'alpaca, passando a uzar pasta de carneira em vez de juba de crina.

Regularmente, nos seus *ocios* de ministro, o sr. Sampaio cria sempre cada semana uma duzia d'escólas para meninos, mas a instrucção podia dever-lhe serviços mais assignalados se elle descobrisse ao mesmo tempo o meio de crear meninos para os escólas.

Em fim, a corôa vem de depositar a maior confiança que a este *utensilio* constitucional é dado depositar n'um homem, chamando o sr. Sampaio a palacio e confiando-lhe o encargo de formar gabinete para o semestre corrente. O antigo jornalista da *Revolução de Setembro* correspondeu a este desejo, e, apresentando-se em face do parlamento, declarou que o seu programma consistia em não ter nenhum, e que dominado por este alto pensamento governativo esperava sopear o leme da nau do estado que ha tempos a esta parte começou a espinotear sobre um vulcão.

Jornalista d'um vigor antigo, bom e honesto homem, o que na verdade não se comprehende muito bem é o que elle na primavera de 1881, quando as arvores rebentam e rebentam os velhos dogmas, vem fazer ao Terreiro do Paço na tipoia do poder! Elle está cançado, é verdade, tem labutado, custa-lhe a andar a pé, mas as razões que havia para lhe proporcionar sege de graça aos mezes, deixaram evidentemente de existir desde que pela porta, na rua de S. Bento, lhe passa um ramal do caminho americano.

João Rialto.

TYP. RUA AUGUSTA, 23

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

MORALIDADE E MARMELEIRO

ANTONIO ALVES MARTINS

(BISPO DE VIZEU)

O prelado venerando e pitoresco de quem o *Album das Glorias* estampa hoje a imagem, podia perfeitamente, quer por indole, quer por temperamento, quer por disposições musculares, ser pastor de gado: a educação, a politica e o sacro collegio fizeram d'elle um pastor d'almas:

Cazo este com que os rebanhos do senhor não ganharam muito e os rebanhos da Beira-Alta perderam alguma coiza.

O *Album das Glorias* não pretende, como se poderia inferir d'este exordio figurado, faltar ao respeito canonico devido a um baculo que nos arraiaes parlamentares pode, em cazo de necessidade, fazer as vezes de *marmeleiro*. Esboçando um perfil que tem de ficar entre as figuras contemporaneas como uma das expressões mais pitorescas do nosso meio e da nossa raça, com todas as suas ingenuidades, os seus impetos, os seus prejuizos e os seus devaneios, faz todas as diligencias para separar D. Antonio d'Antonio Alves, e se o não consegue cabalmente, é porque o reverendo estadista, como pastor, é sufficientemente mundano para ter em grande conta a *coroa*, ao passo que o abalizado bispo, como secretario d'estado, é sufficientemente ortodoxo para nunca abandonar o solideu.

Seria faltar á verdade negar ao venerando sacerdote que tantas vezes tem *officiado* na secretaria do reino, aquella doze de bom senso inato nos homens fortes que reprezentam um modo de ser, de sentir e de pensar da sociedade em que soltaram os primeiros vagidos, ora paramentados de sobrecazaca n'um *Te-Deum*, ora vestidos de sobrepeliz na tribuna. Nada menos canonico, nada menos cheio d'untuozidade romana, do que este principe da Igreja que diz ao continuo da repartição: *O' seu coiço taverneie-me lá um copo d'agua;* com a mitra episcopal ao lado, em cima da secretária, a servir-lhe de piza-papeis. Nada menos seculo XIX, menos bourocratico, do que este prelado que ao mesmo tempo *confirma* os peccadores e os escrivães do civel!

Que admiração se elle, julgando ter ao lado uma pia d'agua benta, molhar o dedo sacerdotal no tinteiro e fizer uma cruz negra na testa dos directores geraes!...

Todavia esta sotaina dentro da qual o prelado briga com o politico, já teve o seu dia de popularidade no paiz. Foi quando principiou, desde o cabo de Santa Maria até ao cabo de policia, a correr a lenda de que o reverendo bispo de Vizeu votara em Roma contra a infalibilidade do papa e nas camaras contra o real d'agua. O ideal catholico-liberal não exigia mais nada. Um bispo que defendia a liberdade das consciencias por um lado e a dos comestiveis por outro!... A opinião do paiz levantou-se uma bella manhã na rua das Congostas com o seu barretinho d'algodão branco carregado na testa, em attitude de bonet phrygio, e impoz á *coroa* constitucional a coroa salvadora. A coroa numero um, benzeu-se cheia de susto, e assignou o decreto de nomeação da coroa numero dois que, n'essa mesma tarde, seguida por varios acolytos do norte, correu a Lisboa de batina arregaçada e lenço de seda de ramagens na cabeça, á maneira *d'abat-jour* contra o sol da gloria, entre o ruido das ovações e o esfoguetear dos contribuintes jubilozos—a salvar os cofres.

Seguiu-se o periodo *reformista* que na historia contemporanea não deixa certamente uma pagina mais cheia do que a pagina encebada pelos outros partidos militantes.

E não deixando uma pagina mais cheia, intentou deixar a barriga dos amanuenses mais vazia. Estes levantaram-se e dilaceraram a golpes de raspadeira o programma chamado das *Economias*.

Possuido do desanimo que assalta os bravos que no meio da leira parlamentar se sentem tolhidos... de leis para brandirem um arrocho, o reverendo bispo abysmado do que apalpou e do que viu nas regiões do poder voltou em breve ás suas montanhas e á sua dioceze como deve voltar um verdadeiro crente,—*com o credo na bocca!*

Se bem que desde então desça a longos intervallos das serranias para a politica, a tribuna parlamentar deveu-lhe ainda no ultimo trimestre de legislatura, a frase mais synthetica e mais expressiva de que se pode ufanar a loquella d'um povo.

No meio d'uma discussão, desorientada na aridez cerebral da camara alta, no ponto culminante da contenda, o sr. bispo de Vizeu pediu a palavra e bradou:

—*Sr. presidente, anda uma cousa no ar!*

Os rhetoricos militantes riram d'esta exclamação mas na verdade elles nunca tiveram outra que exprimisse d'uma fórma mais exacta e mais nitida o estado mental e moral da nossa sociedade, a obscuridade do seu ponto de vista, a incerteza dos seus destinos!...

Anda uma cousa no ar! Quer dizer: tapemos o nariz e esperemos. Ninguem sabe de que natureza é nem d'onde veio este cheiro; o que se percebe perfeitamente é que nas instituições existem miasmas que corrompem a athmosphera.

O reverendo bispo de Vizeu póde não ter grandes vistas politicas, mas ao menos mostra que tem ventas. Bem faz elle persistindo em não tomar o poder para continuar a tomar simonte.

João Rialto

TYP. RUA AUGUSTA, 23

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

GANGANELLI

JOAQUIM SALDANHA MARINHO

É o chefe visivel da maçonaria e do partido republicano no Brazil, duas cousas quasi hypotheticas, que precisavam de affirmar-se, e adoptaram esse recurso: escolher um chefe

Signaes particulares: *cavaignac* branco e *cache-nez* de xadrez. O *cache-nez* tem por fim preservar o velho patriota dos ataques de asthma, que talvez por isso mesmo o atacam muito a miudo.

O fim pratico do *cavaignac* ainda não foi demonstrado, e a esse respeito nada encontro nos bibliographos que me precederam.

Saldanha Marinho começou a sua carreira como thesoureiro dos bens publicos no Ceará; como n'esse tempo não havia secca, o governo não teve remedio senão nomear para esse emprego de confiança um homem de bem.

Ainda assim houve quem quizesse arranjar, a titulo de ensaio, uma secca artificial no thesouro da provincia. O joven thesoureiro oppôz-se formalmente á conferencia, e foi convidado a pedir a sua demissão.

Como era pouco affeiçoado á administração superior, recusou o convite.

A demissão foi-lhe dada; elle, porem, não se deu por vencido, e trancou os cofres e as portas do thesouro, e metteu as chaves no bolso.

Venceu a força do machado, que arrombou portas e cofres. Ao menos d'esta vez o arrombamento dos cofres publicos não foi uma simples figura de rhetorica.

Saldanha Marinho retirou-se então para o centro da provincia, e ahi construiu, elle mesmo, uma casinha para morar. Imagine-se como hade ser divertido morar no sertão do Ceará.

Mais tarde na camara dos deputados foi um presidente energico, que soube elevar a campainha á altura de um sino de egreja matriz.

Saldanha Marinho foi a alma da questão religiosa no Brazil. Escreveu 33.333 artigos, tendo consultado 333.333 autores que tinham escripto sobre a materia nas cinco partes do mundo.

Depois d'essa luta homerica, se lhe perguntar hoje em que pé está a questão religiosa no Brazil, elle responderá, acolhendo-se á Egreja por um momento: *Sicut erat in principio...*

A questão religiosa no Brazil teve a seguinte base: os maçons queriam deitar opa, e os padres suspiravam por deitar peças de architectura no templo de Salomão, dando estallinhos com o pollegar e o indicador, e exclamando á noite: *A mim filhos da viuva!* depois de terem resmungado pela manhã; *Dominus vobiscum!*

Dous bispos brasileiros, o do Pará e o de Olinda — dous padres que pareciam dous homens, benza-os Deus — entenderam que d'esse modo a Egreja fazia uma concorrencia desleal ao templo, e que o templo tirava freguesia á Egreja.

O bispo do Rio de Janeiro, esse, sempre foi muito mais... bispo.

Suspendeu um padre por ser maçon; houve quem pensasse que isso era um acto de energia. Historias!

O facto é que o padre tinha um collegio que rendia pouco e dizia umas missas que não rendiam nada. A suspensão foi um *réclame*, e todos os valles maçonicos começaram a mandar a filharada para o collegio do Reverendo que trocou o solideu por um gorro, e deixou crescer a barba.

Mas, passados tempos, o collegio voltou á antiga pasmaceira. O padre foi então ter com o bispo e pediu-lhe segundo réclame. O bispo suspendeu a suspensão. Elles, lá são padres, lá se entendem.

Durante a questão, o Papa Pio IX excommungou Saldanha Marinho, sob o pseudonymo de *Ganganelli*, e emquanto estava com a mão na massa, excommungou tambem os seus escriptos. Estes continuaram a ser lidos com avidez em todo o Brazil e em Portugal, e Saldanha Marinho não melhorou da sua asthma.

Como chefe do partido republicano brasileiro, Saldanha Marinho tem uma aspiração principal: saber onde pára esse partido. Já uma vez deitou annuncios promettendo uma gratificação a quem lhe desse noticias certas do partido republicano. Chegou mesmo a illustrar o annuncio com a figura de um pretinho, de trouxa ás costas enfiada em um pau, como escravo fugido. Inutil.

Não quer isto dizer que não haja republicanos no Brazil; pelo contrario, ha-os de todos os tamanhos e feitios. O que não ha é partido republicano, embora haja o chefe. Não se póde, pois dizer que seja um partido sem cabeça, é antes uma cabeça sem partido.

Do que Saldanha Marinho é realmente chefe é da phalange dos rapazes que trabalham. O jornalismo, principalmente, acata-o muito, porque elle é uma de suas glorias.

Os rapazes chegam-se a elle, com a confiança que inspira o seu *cachenez*, que nivela todas as cathegorias.

Foi presidente de duas provincias importantes, a de S. Paulo e Minas; foi inspector da thesouraria do Ceará; é chefe da maçonaria; advogado de grande clientela, e é pobre.

Conclusão: mediocre homem de estado.

É conselheiro de Sua Magestade o Imperador. Ficou-lhe esse feitio do tempo em que não era republicano, mas não se gaba d'isso.

Se o Imperador, porém, se lembrar de tomar a serio o titulo e lhe pedir um dia um conselho, ainda que seja de amigo, é de crer que elle lhe responda, lembrando-se ainda uma vez da questão religiosa:

Ite, missa est.

João Ripouco.

Typ. R. Augusta, 23

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

PICADO DE GENIO E DAS BEXIGAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Ainda nenhum homem em Portugal poz ao serviço d'uma obra d'arte maior quantidade de fluido nervozo, de sangue, de paixão, de febre, de gargalhadas e de prantos, do que esta figura original que o *Album das Glorias* aprezenta hoje ao leitor, picado das bexigas—e dos adversarios, com trinta annos de lucta e de renome litterario, a quatro volumes por anno e oito descomposturas por mez, a pezarem-lhe sobre os hombros, sem que o seu fragil corpo gema, o seu estilo vigoroso vergue, ou o seu temperamento fogozo árquei!

Não lhe chamemos *o nosso primeiro romancista*, á maneira do noticiario da metropole e ilhas adjacentes o digamos apenas; aqui está um temperamento, aqui está um homem!

Ponhamos o homem n'um meio mais vivo, mais largo, mais agitado, mais sanguineo, e teremos um luctador como Veillot, como Girardin, como Rochefort, com as tendencias mysticas do primeiro, os impetos nervozos do segundo e a *verve*... de todos tres.

Em Portugal, á sombra placida da constituição e respectiva mancenilha addicional, Camillo Castello Branco, antes de tudo, é manifestamente o escriptor mais productivo, o que maior somma de materia impressa offerece as consummo publico, o que mais attende ás exigencias da exportação. Annos ha em que elle, sosinho, surte o mercado interior da letra redonda, fazendo a ventura dos livreiros nacionaes e entretendo os ocios dos que ainda tentam decifrar os mysterios da palavra escripta.

Contestam alguns que elle seja um romancista *moderno*. É precizo que nos entendamos. Balzac morreu ha muitos annos e todavia Victor Hugo, escrevendo hoje, é mais *antigo* do que elle; donde se deduz que semelhante expressão não significa nada, nem caracterisa coiza nenhuma. Um romancista differente de Zola é-o evidentemente Camillo Castello Branco, pela simples razão, além d'outras, de que um é um paciente, o outro um *agitado*. Zola pega todos os dias, serenamente, na sociedade, estende-a nua, sem folha de vinha, ao comprido, na sua meza de trabalho, e começa a dissecção quotidiana que tem dado em resultado essa protentoza exposição de visceras, coordenada por tomos, de baixo dos conhecidos rotulos: *Cureé, Assomoir, Nana*. Um trabalha com a pertinacia o outro simplesmente com a febre, estados distinctos dos quaes resultam obras d'arte diversas.

Ah, se Camillo Castello Branco, em vez de correr n'outros tempos aventuras nos oiteiros dos conventos, tivesse nascido caixeiro como Zola, ou como Daudet, aprendendo ao balcão os processos methodicos que hoje constituem a fortuna d'aquelles dois grandes mestres da escola exprimental, como elle nos teria dado apenas meia duzia de volumes, bem ordenados, bem solidos, bem discretos, em vez d'essa montanha prodigiosa de livros no ventre do qual chora a muza da elegia e retine a gargalhada de Mephistopheles!

Elle tem seguramente aberto duzentos *brazileiros do Minho*, e analysado em cada volume um orgam de cada um. Se por ventura se limita a abrir um commendador unico o seu prodigiozo talento haveria legado á patria um livro imperduravel.

Mas a patria pagar-lhe-ia, por ventura, esse livro em gloria ou em dinheiro! De forma alguma. E aqui está porque o romancista, tal qual nós o vemos, foi feito por nós, pelo nosso meio, digno filho da nossa raça, perdulario e pittoresco como sua nobre mãe!

Os seus livros são hoje mais do que os seus annos; os seus lances romanescos mais do que os seus cabellos brancos. Raro escriptor n'uma lingua terá attingido, nos lavores do estylo, a contestura sobria, magica e resistente que elle tem conseguido, sabendo amoldar a palavra a todas as exigencias do assumpto, forçando-a, naturalmente, a todos os brinquedos da imaginação, podendo á vontade ser quinhentista, por convicção ou realista *por troça*, para se divertir com a indignação litteraria dos outros e ter ensejo de se medir depois com elles em combate singular.

Por que a sua natureza é assim: gosta da batalha, do ruido, do imprevisto, atrae-o o desconhecido. O romantismo do nosso tempo chama-se a *nervoze*. Elle, ao lado do nosso systema constitucional, possue um systema de nervos sufficientemente impressionavel para ser um artista d'hoje, capaz d'abranger com a sua mão febril todo o teclado das paixões, susceptivel de percorrer por inteiro toda a escala do sentimento humano.

Tal é Camillo Castello Branco n'uma caricatura acompanhada de cincoenta linhas. Quem o quizer estudar melhor contemple-o e releia-o em cem volumes.

João Rialto.

21, TYP. RUA AUGUSTA, 25

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

AUGUSTO MARIA FERNANDO CARLOS MIGUEL GABRIEL RAPHAEL AGRICOLA FRANCISCO D'ASSIS GONZAGA PEDRO D'ALCANTARA LOYOLA

SUA ALTEZA O INFANTE D. AUGUSTO

Nasceu..

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

.... É Infante e General.

Raphael Rimuito

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

COMPRA, VENDE, TROCA, EMPRESTA, PÕE, DISPÕE, IMPÕE, REPÕE, FIA, FURA E FAZ

HENRY BURNAY

Considerando que a sociedade portugueza tinha adormecido, a providencia mandou-lhe no seculo passado um terremoto. Vendo que n'este seculo tinhamos tornado a pegar no somno antigo, os deuses benignos enviaram-nos este sujeito.

Em pequeno elle era um pé de vento, de bibe. Adulto é um furacão, com barba.

Por onde elle passa mexe-se tudo n'uma convulsão de floresta sacudida pela tempestade. Os papeis esvoaçam como pombas escorraçadas nas carteiras dos escriptorios, a tinta encapella-se nos tinteiros, o dinheiro chocalha nos bolsos, as cifras estremecem umas debaixo das outras ao longo dos livros de caixa, as portas das burras guincham nos gonzos, e os negociantes da rua dos Capellistas, attonitos e confrangidos, atam os chapeus com lenços para debaixo das barbas.

—*Eh! la bas!* Quem é que quer comprar? Quem é que quer vender?

Elle compra tudo o que se vende, e vende tudo o que se compra.

Querem dinheiro? Aqui está ás ordens: podem ir passando os recibos. Querem fazendas? Aqui, têem amostras, á escolha.

Se lhe apparece um rio por baixo dos pés, elle bota-lhe uma ponte por cima; se lhe surge uma montanha, fura-a para o outro lado com um tunnel; se um valle se interpõe, galga-o com um viaducto... Um! dois! tres! e está pronto. Inaugure. Repiquem os sinos e toque a musica! Hurrah! hurrah! Tilim—tilim—tom! Rana-cataprana! rana-catrapum!

E se lhes appetece mais alguma coisa, digam-o!

Ah! a imaginação escandecida dos povos solicita um bazar de palacio de cristal?... Bello! tomem lá bazar! Querem hospedar-se, ahi está hotel! Querem comer, ahi está restaurant! Fumam, dá-se-lhes uma tabacaria! Se querem credito, desviem-se por um momento e dêem licença, que ahi vae um banco! Desejam navegar, serve-se-lhes navegação a vapor! Convem-lhes segurar alguma coisa, têem aqui companhia que segura tudo! Gostam de ler, peguem lá um jornal! E' apenas encosto o que lhes pede o corpo, ahi estão as portas da casa Havaneza ás ordens: podem-se encostar!

Mas não é de nada d'isso que se trata; o que se pretende é um bairro novo: elle dá o bairro. Se querem, em vez de um bairro, uma cidade inteira, leva um pouco mais tempo isso: têem de encommendar de vespera.

Commanditas, companhias de credito, sociedades de responsabilidade limitada, pedem-se-lhe ao guichet no escriptorio. Estão feitas.

Estabelecimentos fiduciarios, estabelecimentos pios, partidos politicos e clubs de recreio, ha-os em deposito e expedem-se pela volta do correio, francos de porte, a quem pedir.

Quando nas altas regiões officiaes se necessita de uma expressiva e expontanea manifestação dos sentimentos publicos, elle põe essa manifestação na rua em vinte e quatro horas.

Se lhe pedirem dôr, o dobre de finados soluçará no ar, rebecas em surdina gemerão tremolos elegiacos, pipas cheias de pranto regarão as ruas publicas, e viuvas desoladas com desvalidos orphãos pela mão, deslisarão ao fundo cobertas de crepe e coroadas de goivos por entre o cyprestal.

Se é alegria o que se requisita, virgens em musselina branca surgem cantando lôas e espargindo sobre a areia encarnada os dons de Pomona; cobres marciaes trombeteiam hymnos de triumpho por entre os festões de louro; artificios de fogo estrellejam a treva em fugas luminosas, de fanfarras de côr; moios de pão e rebanhos de vitellas, ensandwichados, desabrocham da superficie da natureza; estoira champagne—hip! hip! hip!—e dedos polegares, encurvados, foram á pressa para dentro de luvas brancas.—Tirem pares, meus senhores! tirem pares! É o cotillon do systema que felizmente nos rege que se vae dançar, e é elle quem o marca. Eil-o! eil-o, de braço erguido acenando para o côro com a claque para que rompa a valsa!

Os partidos revolucionarios, que assistem ás festas da galeria, vendo tanto movimento posto ao serviço de um regimen tão immovel, alongam para elle o punho cerrado com furia:—Ah! cão!

Porque os partidos revolucionarios sabem que, com quatro homens assim, e um cabo, a soprarem ao velho mundo, elles dariam em terra com toda esta coisa dentro de oito dias.

Ribaixo.

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

AZUL E BRANCO E CHEIRO D'ALFASEMA

A CARTA

Esta senhora descende de personagens que tiveram de seu e que figuraram alguma coisa na sociedade ahi por 1830, no tempo em que vigorava na philosophia o snr Cousin e o snr Royer-Collard, e em que nos dominios da moda faziam furôr as calças apolainadas, com pregas no ventre, ornadas simultaneamente de presilhas que as retesavam para baixo e de suspensorios que as puxavam para cima.

Foi seu pae o Romantismo, e sua mãe a Monarchia Liberal.

Pae pandigo e liró, guedelha longa e casposa, unha grande no dêdo minimo, cultivando as musas e bem assim as bebidas brancas.

Mãe reles, com instinctos de meia tigela, não podendo suportar os sapatos estreitos e o espartilho alto da avó, amando a bata, os chichelos e as patuscadas ordinarias, de baile campestre, com areia do Alfeite, festões de murta, clarinetes suados e pescada frita.

Carta foi educada delambidamente para menina fina, com bom talho de lettra, prendas de mãos em missanga e em cera, e dois dedos de franciú.

Destinavam-a a casar com Povo, bom homem ingenuo, mas bronco e labrego, que ficou lamecha por ella desde a primeira vez que a viu, e perdeu muitos dias de trabalho como official de officio para lhe fazer pé d'alferes, assoando-se para ella com grandes extremos de ternura e com um ceremonial inteiramente novo para elle, isto é, por intermedio de lenço.

Para solemnisar os esponsaes fizeram-se festas d'arromba, com morteiros, bichas de rabear, valverdes, e barbeiros de fogo, aos rebolos, amolando navalhas d'artificio, e desfazendo-se por partes em estoiros d'alegria.

Houve tambem fogueiras, luminarias, arcos de triumpho, o hymno da noiva, e innumeraveis chás de familia com gavota, viola franceza e dôce secco.

Os sentimentos jubilosos que de todos os lados rodearam este auspicioso consorcio foram perfeitamente interpretados por um poeta do tempo, que fez d'elles uma synthese sublime nos seguintes versos, expostos á contemplação dos festeiros n'um pano transparente collocado no encaixe d'uma janella e illuminado pelo lado de traz:

Viva o rei dos liberaes,
D. João em principaes,
D. Nuno em conclusões,
General dos generaes,
Capitão dos capitões!

Nunca a poesia moderna se elevou em raptos mais epicos nem exprimiu em mais sonoros carmes toda a aspiração de uma epoca no sentido do infinito.

Terminou a festa, retirando-se Povo com Carta ao domicilio conjugal.

Ao cabo de algum tempo de convivio, Povo, desenganando-se de que Carta não passava de uma grande tôla presumida, desmazelada e porca, bôa para cantar modinhas de sentimento ao manicordio, mas absolutamente incapaz de ter filhos, de olhar pela casa, de arrumar um bahu e de fazer um jantar, pegou n'ella delicadamente pela cuia e pôl-a no meio da rua, convidada com quatro biscoitos e com um pontapé para o caminho.

Desde esse dia Carta tem vivido clandestinamente com varios sujeitos da burguezia, — commendadores, conselheiros, poetas lyricos, chefes de repartição, agiotas, cavalheiros já de industria já da provincia, e tenentes coroneis.

Puzeram-lhe casa ao gosto constitucional de seus illustres progenitores: bambinellas de maçanetas nas janellas, trastes de mogno, tapete com um terror dos bosques ao centro, posto em frente do canapé de palhinha; relogio de zinco bronzeado com o busto de Socrates em cima, sob redoma; bobeches de papel nos castiçaes de prata; cofre de conchas sobre o consolo; carochas; os retratos de Pedro e de Maria pendentes dos muros; e ratos.

A sua vida tem sido uma serie consecutiva de todos os accidentes que deprimem e emporcalham uma existencia. Ella tem provado um pouco de tudo quanto é ordinario e reles. Tem tido vivorio, fogo preso, discursos gratulatorios, indigestões, versos ao piano, paradas, sermões panegyricos, persevejos, namoros, borbulhos de mau caracter no nariz, annuncios amorosos nas folhas, fumo de cigarro, beneficios em D. Maria, roupa no prego, bambolins de paninho asul e branco, descomposturas, calos, portarias e decretos, e mordeduras de pulgas no pescoço.

Á hora a que escrevemos estas linhas Carta prepara-se para celebrar o seu quinquagesimo anniversario natalicio.

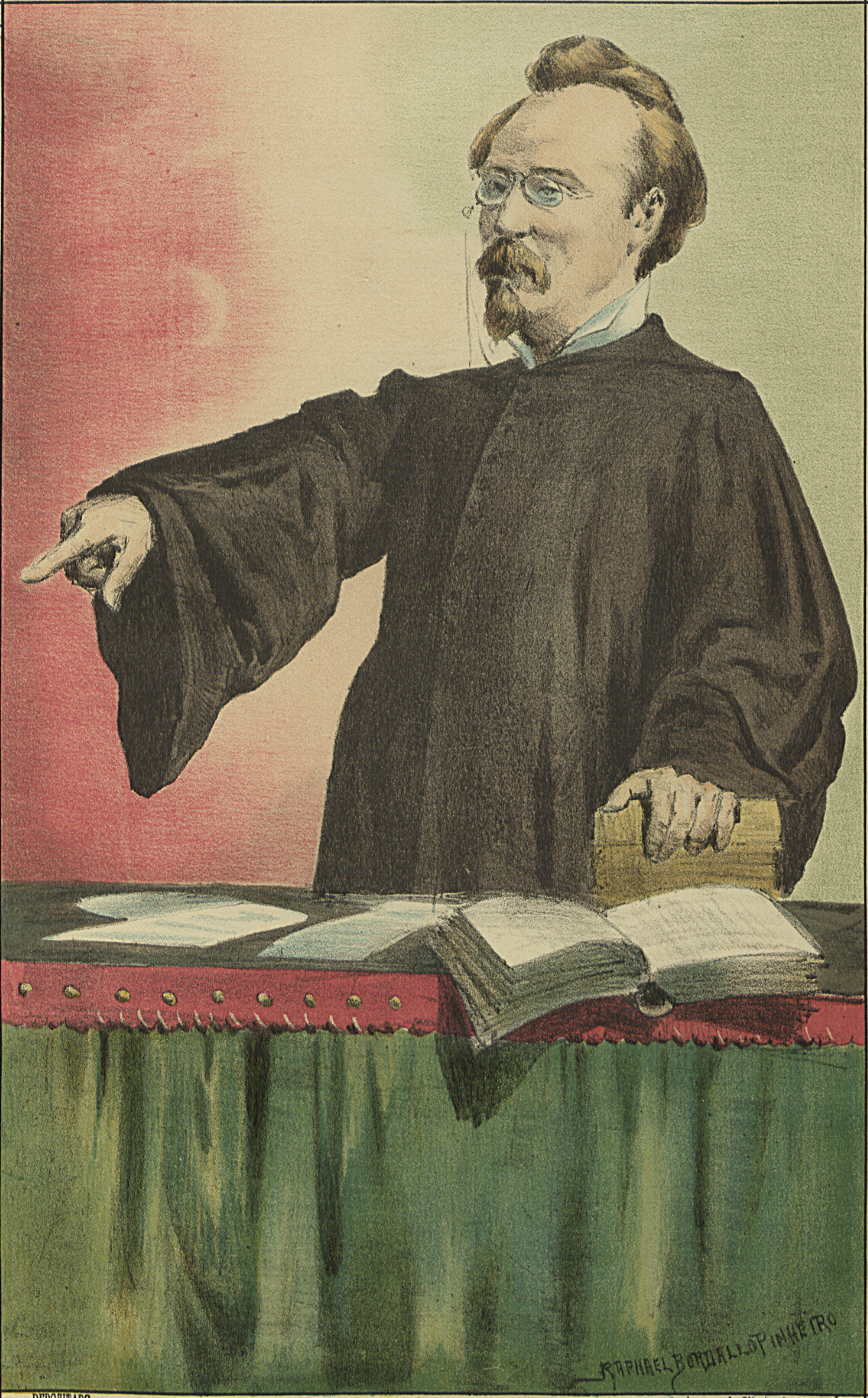
Está velha, feia e estupida. Usa chinó preto cheirando a rato com banha. Tem dentes postiços, escancellados como as teclas d'um piano velho, e cada um de sua côr, havendo-os asues, amarellos, castanhos, de riscadinho verde e de pintas. Os seus pés, arrastados pelo rheumatico, teem todas as protuberancias e todas as depressões de duas enormes pêras de sete cotovellos. Perfuma-se com alfasema queimada, misturada com cheiro de petroline, e cosinha ao fogareiro os charopes d'alcaçuz para a catharreira.

Apesar de tudo, namora!

E dizem que ainda ha quem a ame — pagando ella, bem entendido.

João Ribaixo.

1882 — Typographia da Empreza Litteraria Luso-Brazileira — Lisboa



DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

LA MÈRE EN PERMETTRA LA REPUBLIQUE À SA FILLE

MANOEL D'ARRIAGA

ENTRE as senhoras fidalgas e entre as meninas da burguezia constitucional vigora ainda a ideia de que a republica é um governo composto d'homens descalços, invejosos e famintos: — invejosos dos sapatos dos outros; famintos de serrabulho humano, de forçura de clerigos e d'iscas de figado de reis.

Quando se falla em partido republicano ha imaginações delicadas e melindrosas que antevêem immediatamente um conciliabulo tenebroso composto de carrascos vestidos de vermelho, com barbas até á cinta, amolando os cutelos para decceparem a cabeça de sua magestade a rainha, e de sapateiros, de sobrancelhas cerradas e avental de couro, com tirapés alçados para refazer á tripeça e á pancadaria a educação de sua alteza o principe.

Não sei o que seria d'esta antiga legenda, tão pittoresca, no dia em que Manoel d'Arriaga, cujo retrato hoje offerecemos ao publico, se lembrasse de ir de sala em sala, por essa cidade fóra explicar ás familias o que é a republica!

Elle, felizmente, nunca o fará por mais que lh'o peçam, por mais que o convidem. «Venha por quem é tomar chá comnosco, e traga os sagrados principios de oitenta e nove, sim?...» Elle não irá. Porque receia que essas senhoras, vindo a comprehender bem quem é Marat, o ponham n'um santuario e lhe accendam luzes, destituindo para esse fim Santo Antonio. Ora Manoel d'Arriaga respeita os direitos adquiridos de Santo Antonio na estima das familias. A Republica acata reverente todas as liberdades sem excepção alguma: a liberdade de ser santo, assim como de ser philosopho espiritualista, bruxo, prestidigitador ou medico homeopatha.

Oh! se a Republica um dia se vier a fundar nas bases que elle deseja e premedita, hão de ver!

A Salento, de Fénelon, a *Civitas soli*, de Campanella, a *Terra de paz*, de Nicolau Munster, são tenebrosos covis de bestas feras, em comparação com a Republica d'elle.

A escola, a officina, o museu, o jardim, — eis as principaes instituições sobre que tem de basear-se a nova cidade.

A escola, engrinaldada de rosas, largamente aberta ao sol, deixando entrar por entre as gelosias envernisadas de verde os ramos das madresilvas e dos limoeiros em flôr. Meninos louros de bibes brancos, cheirando ao sol e ao trevo dos prados atravessados, entoando em côro os feitos dos heroes, as glorias da patria e os louvores de Deus. Mestres benignos, paternaes, risonhos, tendo readquirido pelas novas reformas o habito de jantar perdido no antigo regimen.

A officina, cheia de operarios bem mantidos, lavados, satisfeitos, fallando as lingoas, sabendo tocar piano, tendo elevação de ideias e de sentimentos, abundancia de roupa branca e uma assignatura na Opera.

O museu, com todas as obras primas da arte, na pintura, na esculptura, na ourivesaria, na ceramica, nas mobilias, nos tecidos, nos livros, nas armas, constantemente aberto ao povo, que estará n'elle como em sua casa, gosando em seu uso de todas as maravilhas de que se cercaram os mais poderosos reis de todo o mundo desde a mais remota antiguidade até os nossos dias.

O jardim, com quinta regional annexa; o rio cantando n'uma melodia asul por entre os asinheiros, espumando em franjas de renda nas levadas, movendo os moinhos cobertos d'era e de pombos, a queijaria, a padaria, a serraria das madeiras, o crivo do oleiro, o torno do entalhador, o tear da rendilheira, o pilão do lagar, a dobadoura e o fuso da fiação. Grandes vacas malhadas, ruminando tranquillas e fartas sentadas nos prados de feno e de luserna. Os vinhedos e os olivaes cobrindo a encosta em grandes toalhas de fartura desdobrada em vegetação. As grandes cearas maduras ondulando na planicie como um oceano de pão louro. Borboletas côr de palha, emparceiradas; e doiradas abelhas, scintillantes como pingos de sol, adejando sobre os rosmaninhos, sobre as moitas d'alfasema, sobre os cravos desabrochados ao sol em constellações de purpura e de prata. E nas eiras da granja, sobre a relva do jardim, ou debaixo das larangeiras do pomar, as danças rusticas, as lições praticas d'agricultura, a leitura das *Georgicas*, de Virgilio, dos versos d'Horacio, da prosa de Platão, de Thomaz Morus ou de Bernardin de Saint-Pierre.

Não haverá mais odios nem mais invejas nem mais intrigas nem mais desesperos nem mais fomes.

Tal é em resumo o plano d'elle, que provavelmente se não executará nunca, porque tudo isto começa a constar, a policia sabe-o, e qualquer d'estes dias mettel-o-hão na cadeia como amotinadór preverso e monstruoso. E elle perdoará á policia em bellas phrases sonoras de uma comiseração infinita, porque elle entende que todo o homem é bom; e foi exactamente para poder demonstrar que o crime na humanidade é uma pura invenção dos delegados do ministerio publico que elle se fez advogado nos auditorios de Lisboa.

Este revolucionario temeroso, que representa no prisma da politica portugueza o jacobinismo mais vermelho, mais sanguineo, mais rebenta-boi, é um brahmane de cabellos louros e d'olhos asues, modernisado nas lições de Michelet, de Edgard Quinet e de Mickiewicz, mas conservando sempre no fundo da sua alma contemplativa e terna a aversão da guerra e o horror do sangue, que caracterisam as puras e serenas religiões brahmanicas.

Quando as justiças constituidas amanharem de vez á beira do Tejo a grande hydra da anarchia, d'este unico tentaculo do monstro sahirá doçura bastante para dessalgar as aguas desde Cacilhas até Cascaes.

João Ribaixo.

1882 — Typographia da Empreza Litteraria Luso-Brazileira — Lisboa

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

CEZAR JULIUS FOLHETIMFEX MAXIMUS

JULIO CEZAR MACHADO

Se elle não existisse seria preciso invental-o.

Sem elle não se póde fazer ideia nenhuma de que seja a concordia entre os viventes.

Relanceando a gente os olhos sobre a litteratura patria, o que é que vê? Uma balburdia de seiscentos demonios e d'outros tantos escriptores engalfinhados, á mocada uns aos outros.

Em cada um dos diversos arrùamentos da chamada, por troça, litteratura amena, acham-se postados quatro barbaças de pé atraz e cacete á esquina. Apenas um sabio novo assoma na via com suas locubrações debaixo do braço, os sabios das esquinas piscam os olhos uns aos outros, cospem nas palmas das mãos e fazem-se para o ar com as cacheiras.

O cultor das letras tem de arrear ali assim a carga de sabedoria e de talento que traz ás costas para se explicar terminante e cabalmente sobre as questões que lhe forem propostas pelos barbaças.

—Que pensa o snr ácerca da coisa intitulada pelos antigos immortalidade da alma?

O cultor das letras consulta os seus canhenhos e responde:

—A immortalidade da alma acha-se provada nos auctores da boa nota por meio de quatro argumentos...

—Ai que ella ainda é dos que cuidam que está provada por argumentos a immortalidade da alma! O' moça para que te quero!?...

E os das barbas não dizem mais uma nem duas. É bumba para baixo no toutiço do sabio! bumba de pontuada pelos peitos! bumba de jogo varredoiro pelos quadris! bumba de estoiro pela bacia! até deixarem o sabio sem falla para argumento nenhum, quanto mais para os quatro que elle recolhera em suas vigilias sobre os expositores conspicuos.

Recebida da confraternidade litteraria esta primeira amostra do pano, o cultor das letras, coroado de pontos na cabeça e enxalmado em compressas d'arnica pelo resto do corpo, retoma o bordão nodoso e os alforges do saber, e prosegue na senda gloriosa a que o levaram as comixões do genio e as más companhias.

Na esquina seguinte, um kiosque, e outros quatro collegas á coca, de marretas em punho.

O cultor, escaldado, pretende passar o pé pelo passeio do outro lado, mas as marretas rodeiam-o com solicitude:

—Poderiamos saber por acaso o que é que o nosso bom amigo e confrade conjectura sobre a bem conhecida immortalidade da alma?

—A esse respeito, meus illustres confrades e excellentissimos snrs, o que eu conjecturo é que está refutado tudo até á saciedade por quatro dos nossos consocios que acabo de encontrar ali á esquina de cima, cavalheiros eruditos posto que iracundos.

—Parece-lhe então que está refutado tudo... Ora vamos a ver se com uma receitasinha qu se lhe vae applicar, lhe torna a nascer o temor de Deus, de que esses senhores lá do alto da rua impudicamente o descascaram.

E tornam a metter-lhe dentro os quatro argumentos que um momento antes lhe haviam sido arrancados da pelle, empregando para o sobredito fim uma bengala de cana da India com castão de chumbo por cada argumento.

O que se dá com a alma, dá-se com a monarchia, mais com a carta, mais com o governo. Cada um puxa para o seu lado. E a bordoada que se distribue é como a lingua que se falla:—tudo de moiro!

Quando não ha sabio novo na via, são os sabios antigos que malham uns nos outros até ficarem todos á dependura.

No meio d'este massacre geral, Julio apparece por entre as hostes, alegre, desarmado, festivamente barbeado de fresco, calças de xadrez, cabello para traz da orelha, passo leve, olho bogalhudo, nariz aos ventos.

E onde encontra uma pouca de relva aveludada e fresca, sem pégadas de brutamontes em cima, senta-se jocundo, encruza-se, abre um cabaz e installa um merendeiro sobre o solo fofo de fetos e violetas.

Em toda a sua obra, nos folhetins e nos livros, ha uma larga claridade hospitaleira de toalha lavada, de jantar servido ao ar livre dos campos; uma frescura virente de salada; uma generosa alegria de copos cheios; um perfume honesto e franco de molho bom e de morangos maduros, junto á melodia de um ribeiro que passa, espelhando um retalho luminoso de ceu, com uma barra de junquilhos, d'agriões e de gargalos doirados de champagne á fresca.

Na sua qualidade de puro e estreme artista, elle tem vivido sempre alheio a todas as nossas polemicas de seita e de partido, não tendo como escriptor senão uma religião, a belleza; uma só philosophia, a elegancia; uma só politica, o bom gosto.

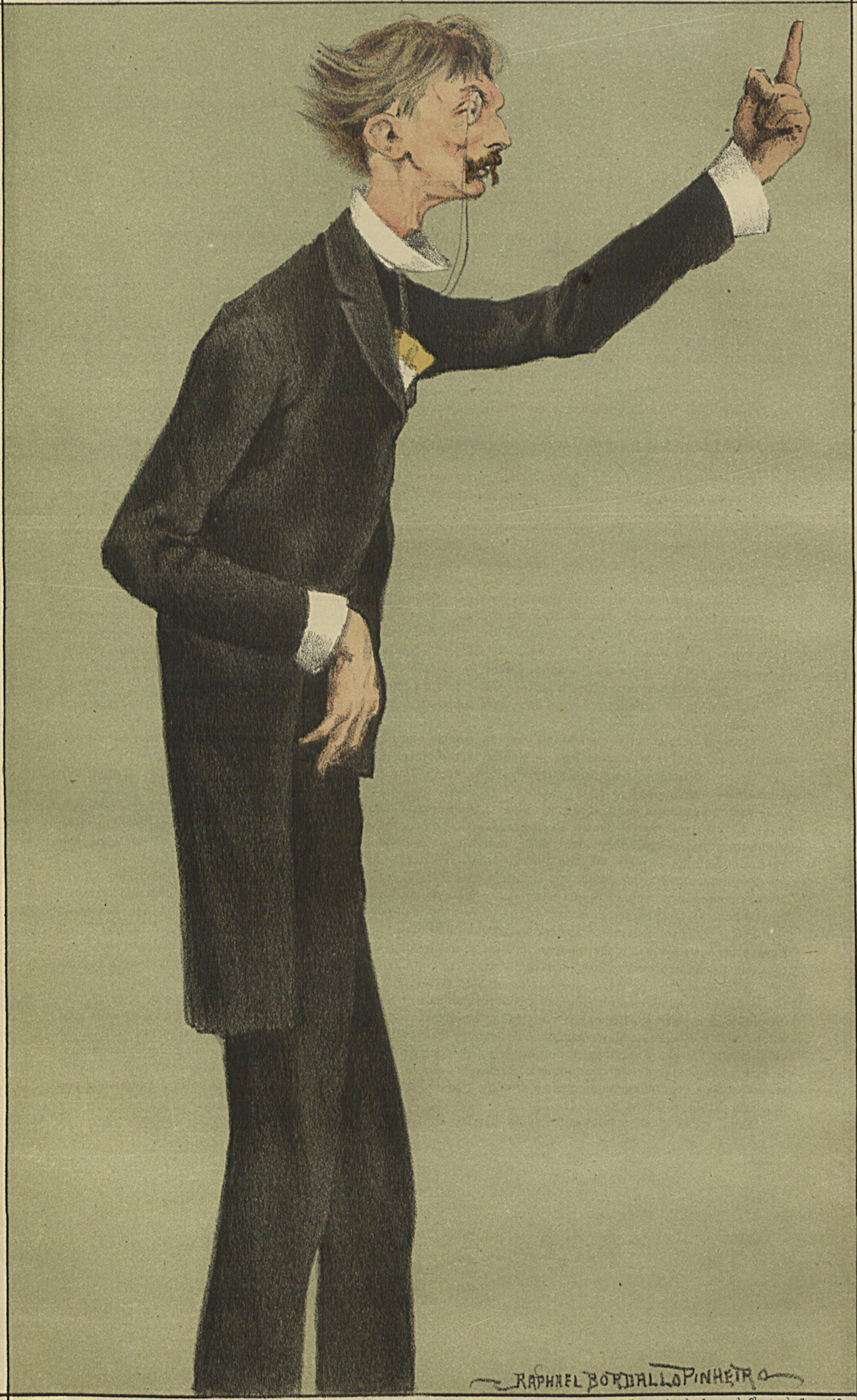
Dotaram-o os deuses beneficos com uma quinta, que é ao mesmo tempo para elle um refugio de saude e um subterfugio de rhetorica. Quando no meio de um conflicto acerbo de opiniões encarniçadas e raivosas se quer saber para qual dos pontos elle se inclina, e se foi para os braços de Magalhães Lima ou se foi para os seios de Padre Viegas, elle prega na cancella um bilhete com estas palavras:

Fui para a Durruivos.

...E o pensamento d'aquelles que ficam na rusga vae saudoso com elle para o silencio amigo das suas arvores, para a bondade recolhida e risonha dos seus livros, assim como a seda tremulante de uma bandeira ao vento vae para o ponto opposto áquelle d'onde sopra a borrasca.

João Ribaixo.

1882—Typographia da Empreza Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa



DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

MARCELLUS ERIS

SERÁS MAGRICELLO!

Lopes Trovão

Sempre que os governos constituidos virem entrar na politica militante um magro, acautelem-se d'elle. Principalmente quando se trate de um magro verdadeiro.

Porque os ha verdadeiros e falsos

Conhecem-se magros que não são em realidade senão gordos supranumerarios, barrigudos por encher, obesos em principio de seus cursos junto da cevadeira social.

Convem não confundir as duas especies.

O magro para quem chamamos a attenção especial dos estadistas conservadores é o magro definitivo, devidamente experimentado, o que resistiu á acção da fecula nas mais altas dozes, ao regimen dilatador de refeições consecutivas de favas com chouriço mouro, aos chocolates Mathias Lopes, ao caldo peitoral do sr. Franco, de Belem, á Revalenta Arabica, á farinha de S. Bento, e ao goso sedentario de uma fortuna de cem contos em papeis de credito, com picados quotidianos ao infalivel prato de meio e sobremezas habituaes de trez a quatro doçuras, entre calda e sequeiro.

O verdadeiro magro sae de dentro de trez annos d'esse regimen, tão victorioso e tão chato como sae um sabre de dentro de uma bainha.

A primeira vez que vimos Lopes Trovão estremecemos, porque elle era esse magro.

A circumspecta e cordata policia portugueza estremeceu tambem ao vel-o desembarcar em Lisboa em transito do Rio de Janeiro para Paris.

Sabia-se na Europa pelos artigos dos jornaes noticiosos e pelas notas secretas dos embaixadores vigilantes, que elle era no Brazil, sua patria, alem de um medico distincto, um republicano impaciente e um agitador infatigavel.

Gordo, este revolucionario não teria amedrontado, como amedrontou, os sustentaculos da ordem na Travessa da Parreirinha.

Porque os gordos ou são opportunistas como Gambetta ou são possibilistas como Castelar. Em qualquer d'esses casos amam a revolução, mas amam-a em socego, a uma distancia respeitosa de todo o contacto libidinoso, por carteio honesto ou por ôlho de conta, afincado sim, porém platonico e inoffensivo. Quando conspiram pela redempção do genero humano, mandam pôr agua ao lume pelo opprimido, convidam os tyrannos a uma chavena de chá, e lançam o grito da revolta ao pianno: «Meus senhores e minhas senhoras, visto achar-se decidido de commum accordo que nos sublevemos, toca a sentar; vae-se servir a pinga da agua morna.»

Tal é o gordo!—Bellos effeitos d'anca para sobrecasaca abotoada, e philosophia de almofada em rosca para commodo do opinante.

Alem do quê, se acha provado em anathomia sociologica que toda a barriga, medindo de um metro e um milimetro para cima, tem sempre mais ou menos, alem d'outras miudezas, um rei dentro.

Os revolucionarios perigosos são os magros, como Clémenceau, como Rochefort, como Vallès, como Emile Gautier e como Lopes Trovão.

Os homens d'essa constituição não querem de ordinario logar algum nos *fauteuils* officiaes do Estado. Não teriam, de resto, que metter dentro d'esses *fauteuils*, se os acceitassem. E é difficil tapar-lhes a bôcca, por elles não disporem de espaço onde arrecadar o que engulissem;—resultado fatal de não possuirem abdomen em sacco, mas sim em forma de folha de papel affixada nos rins como um cartaz n'um muro.

No momento em que passou em Lisboa, Lopes Trovão era de uma magresa commovente. Comprehendem-se prefeitamente todos os cuidados que este viajante deu á policia durante os dias em que esteve hospedado no Hotel Borges, sabendo-se que pelo seu aspecto elle se parecia—até o ponto de illudir os mais perspicazes—com um fio de aletria.

Não se podia ser nem mais fino nem mais esguio nem mais incompressivel nem mais diaphano. A mesma Sarah Bernhardt, posta ao lado d'elle, poderia mostrar-se nas feiras como menina gorda, e em vez dos dialogos sentimentaes das tisicas expressivas, seria com os discursos consagrados das obesidades celebres que ella fulminaria as massas:—«*Tenho vinte e dois annos, sou nascida em Marselha*», etc.

Antunes, o habil, encarregado pelos poderes publicos de velar sobre a segurança do throno e do altar, seguindo por toda a parte em Lisboa o conspirador brasileiro, procurou-o de uma vez dentro de um *coupé* que ia a galope para a estação de Santa Apolonia. Esse coupé estava vasio. Apenas no banco do fundo, suspenso do pano de crochet que forrava a equipagem, um fio de retroz cor de canario pendia ondulante. Era elle, que se ia embora.

Se ao regressar de Paris ao imperio, Lopes Trovão voltar tão revolucionario e tão magro como foi, não teremos senão a aconselhar uma coisa ao principe reinante das terras de Santa Cruz, e essa coisa é que mande pôr na corôa parafusos novos, de porca.

D'aqui até lá aguardaremos em silencio discreto a marcha dos acontecimentos.

João Ribaixo

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

BRAVISSIMO!

O TENOR GAYARRE

IL mondo casca, como ainda hoje repetem na Italia aquelles que teem algum tempo para cogitar sobre as vicissitudes humanas nos curtos intervallos que as pausas da musica concedem ás caturreiras da philosophia.

Effectivamente todo o vasto edificio social, tão laboriosamente construido pela religião, pela politica, pela philosophia, pela litteratura e pela arte dos nossos antepassados, ameaça desabar inteiramente n'um desmoronamento enorme.

Tudo perece, tudo cae em torno de nós; só o tenor fica, em pé, victorioso e triumphante, com a mão no peito, os olhos no azul, atacando no apice da escala o dó sustenido, no meio da fascinação geral das multidões absortas e rendidas a seus pés.

O tenor é no mundo moderno o unico herdeiro, o depositario e o senhor de todos os prestigios com que os grandes poderes das civilisações extinctas dominaram e submetteram atravez dos seculos a imaginação dos homens.

D'elle, a tiara dos pontifices e a purpura dos cezares. D'elle, a branca tunica do martyr, a manopla do athleta e a espada curta do gladiador. D'elle, o punhal de ouro suspenso do pescoço, symbolo do direito patricio de vida e de morte. D'elle, a harpa do trovador, a lyra do menestrel, a lança do paladino, a pluma branca do gôrro do pagem, as esporas de ouro calçadas nas botas dos cavalleiros. D'elle, o alphange do serraceno, os guantes do godo, e a cruz vermelha do crusado. D'elle, a paixão do Fausto, a ternura de Romeu e a bôa fortuna de D. João.

Emquanto os fascinantes attractivos do bello animal guerreiro e amante se tornam cada vez mais defesos ao homem na lucta pela vida e no conflicto da selecção da especie sob o regimen aniquiladôr das calças compridas, da casaca preta, do codigo da civilidade e da instituição da policia civil, o tenor unicamente gosa o privilegio de continuar a ser formoso e brilhante no meio de um mundo de cheviote, preto, sombrio e hediondo.

E' tão innato no homem o culto do adorno e a admiração d'elle, que as mesmas raças selvagens pensam em aformosear-se antes de pensar em vestir-se. Antes de pôr um *ulster* para o frio o pae preto põe um brinco no nariz para parecer bem á preta.

Ao tenor, sómente, se permitte hoje ser bello. A' outra gente não. Emquanto nós temos que restringir ao *pantalon colant* e ao *veston cintré* todos os nossos recursos de effeito, o tenor tem para elle os veludos dos Medicis, os setins dos Borgias, as rendas dos Stuarts e os arminhos dos Bourbons. Tem o elmo empenachado e o arnez rutilante de um duque de Bourgogne ou de um conde de Champagne; põe á cinta a *rapière* cavalheiresca de Francisco I, o vencedor de Marignan; carrega no olho o amplo feltro romanesco de D. João de Aragão, e rebuça-se na capa aventurosa de D. Cesar de Basan.

Para elle os macios *maillots* de seda côr de perola, os borzeguins de setim estrellado de ouro, os justilhos golpeados e pespontados de aljofares, as camisas do mais fino ponto de Inglaterra, de Alençon ou de Veneza, e os collares, os medalhões, os punhaes e os copos d'espada á Benvenuto Celini, cravejados de diamantes e d'esmeraldas.

Como profissão a do tenor consiste em amar e ser amado, a tantos mil francos por caricia, pelas mais bellas e mais geniaes mulheres que a celestial poesia concebeu na terra. E' para elle que Sapho dedilha a lyra e que Cleopatra despresa o amor de Cezar. E' para elle que Julietta sorri do balcão engrinaldado de hera á hora a que gorgeam no valle as cotovias. E' para elle que D. Sol repelle o throno de Carlos V. E' para elle que Gretchen desfolha as margaridas orvalhadas. E' para elle emfim que a terna Desdemona suspira a aria do salgueiro, e que a doce Ophelia perpassa, morta, no lago azul, rodeada de corôas fluctuantes, levada n'um murmurio d'agua, beijada n'um raio de lua.

E o tenor corresponde a tudo isto arrojando o chapeu a um lado, a capa a outro, crusando os braços no peito abrindo a bocca, e deixando sahir a voz.

Na sua derradeira noite, ao abrir a bocca, e ao constatar-se que não sãe nada para fóra, o tenor não tem mais do que deixar-se cahir para acabar com gloria. Oito braços de inglezas velhas, que o seguem para toda a parte com os seus véus de viagem, os seus periquitos e os seus *Times*, amparam-o com ternura e levam-o comsigo para o sanctuario inviolavel das paixões castas e mudas.

Gayarre, cujo perfil entra hoje no *Album das Glorias*, é tenor. Dizemol-o com todo o rancor que a torpe inveja nos inspira.

Não nos faltava agora mais nada senão que, depois de haver definido a especie a que elle pertence, tivessemos ainda de nos occupar da individualidade que elle representa, tecendo-lhe os elogios que se lhe devem!.. Oh! nunca!

JOÃO RIBAIXO

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

O SOBERANO!

Zé Povinho

Albarde-se o burro á vontade de seu dono!

(SABEDORIA DO BIOGRAPHADO)

Brinca brincando esta creança tem hoje perto de cincoenta annos de idade!

Não consta que jamais as graças da infancia se houvessem conservado por tão longo tempo n'um homem como phenomenalmente se conservam no sujeito que hoje biographamos.

N'elle concorrem em feliz conjunto todas as partes que nos enlevam e encantam no *bom menino:* — Casta innocencia, temor de Deus, obediencia a seus mestres, humildade, nariz por assoar, dôr de barriga ás segundas feiras, e santissima ignorancia.

Aos carinhosos desvelos de sua extremosa mãe, a Carta, e de seu galhofeiro pae, o Parlamentarismo, se deve o estado miraculoso de infantilidade que tão vantajosamente recommenda este vulto á sympathia e ao espanto de todo o mundo.

Eis em resumo a instructiva historia de portento tão admiravel e prodigioso:

Zé Povinho começava apenas a ter-se nas pernas, cambadas pelos esforços feitos para se pôr em pé antes de tempo, quando os poderes seus paes, pondo-o á porta das instituições na franca direcção do olho da rua, lhe fizeram este memoravel discurso:

«Zezinho, vae passear.

«Nós teus paes, depois de havermos cogitado com diurna e nocturna applicação sobre o que mais convém á tua felicidade, resolvemos de commum accordo que o melhor dote que se te podia dar era a liberdade, pois que a liberdade é, como bem dizem os philosophos, o maior dos bens, superior ao proprio ouro.

«Sê pois livre, e capacita-te de que vaes muito mais bem convidado com a licença que para isso te conferimos do que com trez ou quatro pintos que te mettessemos no bolso!

«Escola não a tens, porque te poderia fazer mal o puxar muito pela cabeça nos estudos, e lá diz o dictado que antes burro vivo, como tu estás, do que doutor morto, como tão frequentemente se tem visto.

«Tenhas tu a graça de Deus Nosso Senhor, que é o que se pretende! e essa divina graça, lá está o reverendo parocho da tua freguezia encarregado de t'a dar, se lhe pagares a congrua e te chegares a elle pelas festas com o competente folar, ou seja em bebida engarrafada, em lombo de animal suino, em pão de ló coberto, ou em outro qualquer mimo comestivel e de estimação.

«Para manter o teu direito e defender a tua justiça encontrarás tambem os tribunaes competentes, com advogados idoneos para discursarem a teu respeito pela gratificação de seis moedas, vestindo-te a tunica alva e luminosa da innocencia ou amarrando-te á perna a grilheta do forçado, segundo sejas tu que dês as seis moedas, ou seja a parte contraria que as dê.

«Para guardar tua pessoa e bens, concedemos-te o exercito, a armada e a policia civil.

«Por meio do exercito terás uma ou duas paradas por anno, se o tempo permittir essa recreação honesta sem perigo de se deteriorarem com a chuva os ventres dos majores.

«Por meio da armada terás as salvas reaes por occasião dos anniversarios patrioticos, e tiros no Tejo de quarto em quarto d'hora sempre que morra principe, para o fim de lembrar aos viventes que não foi esse mesmo principe que em vida inventou a polvora que se lhe consagra em morto.

«Por meio da policia, emfim, te será mantido o direito sagrado de receber como um dom dos ceus toda a bordoada que te appliquem e que ninguem mais ousará retirar-te do corpo, levando-se a delicadeza comtigo n'estas questões até o ponto de não sómente se te não exigir que retribuas com o menor tabefe todas as tundas que te deem, mas até de te sepultarem no fundo de uma masmorra caso insistas indelicadamente em qualquer ideia de troco a dar aos cascudos com que liberal e desinteressadamente te mimoseem.

«Emquanto ao governo incumbido de assegurar a manutenção e a persistencia de toda esta caranguejola tão engenhosamente concebida para tua satisfação e recreio, serás tu mesmo que por tua mão o elegerás, mettendo escripto n'um papel o nome d'aquelle que destinares para poder executivo dentro de uma caixa, que para esse fim tomará por vinte e quatro horas a designação de *urna* afim de que tu possas dizer que *vaes á urna*; pois se disseses que *ias á caixa*, o acto eleitoral perderia de sua gravidade e tornar-se-hia jocoso em demazia. Para o fim de te dar o papel com o nome do sujeito que has de metter na urna e que nós nos encarregamos de te confeccionar, lá está um funccionario especial intitulado o Regedor.

«Para continuares a gosar o summo bem da liberdade que te autorgamos, tu não tens que ter senão o pequeno incommodo de pagar tudo o que isto custa, e de dar os vivas do stylo, sempre que a occasião se offereça, ao principe, á real familia e ás instituições que vigem á tua custa.

«Finalmente sempre que precisares do que quer que seja, trata de o ganhar, porque ninguem te dá nada. Adeus, Zézinho! vae-te com Nossa Senhora!»

Crescido, Zé Povinho correspondeu perfeitamente ás esperanças que n'elle depositaram os solicitos poderes do reino. Como desenvolvimentos de cabeça elle está pouco mais ou menos como se o tivessem desmamado hontem.

De musculos, porém, de epiderme e de coiro, engrossou, endureceu e calejou como se quer, e, cumprindo com brio a missão que lhe cabe, elle paga e súa satisfactoriamente.

De resto, dorme, resa e dá os vivas que são precisos.

Um dia virá talvez em que elle mude de figura e mude tambem de nome para, em vez de se chamar *Zé Povinho*, se chamar simplesmente *Povo*. Mas muitos impostos novos, novos emprestimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso.

Por tudo pois, ao resumirmos n'estes leves traços, a interessante historia de Zé Povinho, o nosso parabem cordeal a seus sabios e carinhosos paes os Publicos Poderes.

João Ribaixo

DEPOSITADO

Lithographia Guedes rua da Oliveira do Carmo, 12

AQUELLE EM QUE O SABIÁ GORGEIA

Luiz Guimarães

Ha por emquanto no mundo—mercê de Deus—alguns poetas que interrogam o coração do homem, que analysam, que comparam, que narram e que descrevem.

Mas só no Brazil existem ainda n'este seculo poetas que cantam, por uma pura fatalidade physiologica, sem intuitos criticos ou syntheticos, espontaneamente, como cantam os passaros nas manhãs da roça ou nas calmas noites da floresta, quando as grandes borboletas adejam ao sol, na transparencia azul, sobre as flores da magnolia, ou quando o luar obliquo recorta em negro sobre a superficie luminosa do lago os penachos dos coqueiros, —para o fim de completar a obra da naturesa, sublinhando a forma pelo som, picando de uma alegria melodica a luz triumphante do dia, ou entretecendo de um longo e gorgeado suspiro o doce clarão da lua.

Luiz Guimarães é um poeta desaggregado d'essa legião canora pelas violencias prosaicas da politica internacional do imperio americano.

Ha annos que elle passeia na Europa, de legação em legação, de capital em capital, de côrte em côrte, a sua nostalgia de rara ave exotica.

Quem o vê nas ceremoniosas recepções diplomaticas d'esta velha parte do mundo por onde o planeta arrefecido parece ter começado já a morrer, preparando-se para a sua futura existencia de astro apagado e esteril, julga-o aclimado, contente na reclusão da griola, e feliz.

E' por fora como qualquer outro, correcto, grave, bem vestido em Londres.

São-lhe conhecidos e familiares os reconditos segredos d'essa nobre e difficil arte de representar com sisudez e discrição os interesses diplomaticos de um paiz nas recepções, nos jantares, nos *five óclock tea* e nos bailes de uma potencia alliada e amiga.

Sabe trazer com desceremoniosa galhardia a fina casaca justa cingida ao busto e adornada de uma gardenia, o collete decotado em pinta de copas, a camisa de *plastron* chato, e a gravata branca em pequeno laço inflexivel e quadrilongo.

Tem o tirocinio gastronomico do Café Anglais, ceiou no *Grand Seise*. e por nenhuma especie de perturbação se equivocaria nos pratos a que se deve servir o Johannisberg, o Romanée, o Chateau Yquem, o Sherry, o Marsala ou o Tokay.

Sabe condusir um cotillon, ditar um menu, classificar um bibelot ou um quadro, governar um cavallo pelos methodos do barão d'Etreillis, manejar uma espada, dançar a valsa lenta a trez tempos, e conversar sem inflexões e sem gestos, immovel, direito, banal, insondavel e distincto, vocalisando nitidamente com as devidas nuances d'expressão, os termos respeitosos de *Sire, altesse, madame, monseigneur.*

Elle finalmente adquiriu por sabio artificio todos os conhecimentos profundos e todos os elevados dotes de *sportsman*, de *clubman*, de *snob*, de *boudiné* e de *tompin*, que constituem o perfeito diplomata, tão capaz como outro qualquer de estreitar ou de romper as relações de dois estados simplesmente pelo modo significativo de trocar com um ministro no vão de uma janella as palavras vibrantes e profundas com que os governos se aliam ou se desaliam entre si:—*Bons dias, barão, como passou desde hontem?—Passei bem, obrigado, e o visconde como está?—Eu tambem estou bem, agradecido.*

Atravez porem da sua exterioridade de personagem official, a verdadeira natureza artistica de Luiz Guimarães, transparece a cada momento, e d'entre as reverencias banaes do addido de legação e das notas campanudas do secretario d'embaixada veem-se levantar o vôo e adejar no azul, como errantes andorinhas avidas de sol e de espaço, as cantigas luminosas e aladas do poeta vagabundo e nostalgico.

O artista respira, e a calida America, o mundo tropical, contemplativo e amoroso, de que o coração d'elle transporta um fragmento vivo e palpitante, surge aos nossos olhos evocado pela omnipotencia da arte.

E' a alterosa e densa mata virgem, tramada de tronco para tronco, como uma teia vegetal, pelos fios dos cipós; a floresta enorme, penetrada de perfumes capitosos e lethaes, do fundo da qual a onça esperguiçada uiva em longo e planguete soluço, abrindo a rubra fauce ao disco electrico da lua.

E' o indio svelto e namorado, de setinosa pelle côr de bronze, adormecido nos braços languidos da paixão satisfeita, balouçado na rede de pennas, por cima dos nenuphares em flor, ao bafo aquoso e morno da lagôa.

E' o languido harpejo da guitarra de um tropeiro, passando ao crepusculo no laranjal, sob a varanda da *sinhá*.

E' o repousar da fazenda á hora do sol a pino, quando o trabalho dos cegadores se suspende na immobilidade triumphal e extatica das coisas, o fumo dos ranchos diaphano tremúla, polvilhado d'ouro, sobre o colmo dos abrigos, e ao longo do sertão abrasado se ouve apenas o longiquo rumor da cachoeira e o zumbir das abelhas sobre as quentes flores das tuberosas.

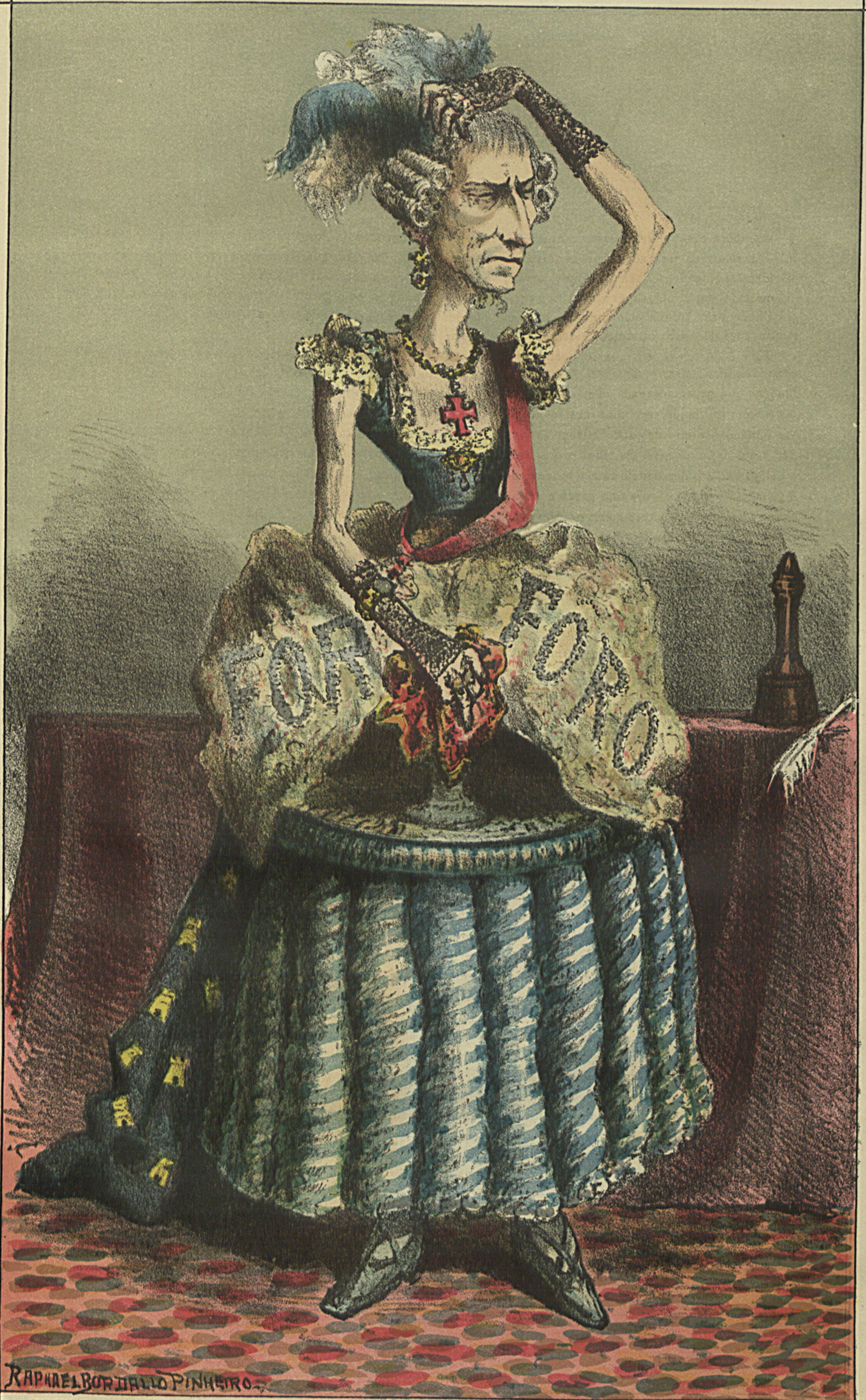
E' finalmente a belleza penetrante e extranha da ardente região da mancenilha, a Venus negra dos tropicos, a divindade tenebrosa e amante como a noite, a rainha do sertão, que passa, qual a imagen lasciva da paixão burilada em ebano, sobre o elephante branco ajaesado de brilhantes e de rubins, calcando victorioso e intemerato o solo calcinado, onde os cactos desabrocham em florescencias de sangue, onde o tigre espreita no juncal o somno das gasellas, emquanto o bando pardacento das cegonhas vae lentamente cortando o ceu n'um traço silencioso e immenso

Inclinemo-nos, pois que, se como diplomata elle é apenas em Lisboa o secretario da legação do Brazil, elle é como artista o embaixador e o ministro plenipotenciario da poderosa e invencivel poesia da grande America.

João Ribaixo

Lisboa—Typ. 21, Rua Augusta, 25

A Brazilia 1916



DEPOSITADO
Lithographia Guedes rua da Oliveira do Carmo 12

ALMA MATER
A MAMÃ DOS BACHAREIS

A Universidade de Coimbra

Esta nobre e antipathica dama é coeva dos jesuitas e do marquez de Pombal, da Zamperini e do arcebispo de Thessalonica, das cabelleiras de topes, dos toucados altos, das saias guarda-infante, dos castrados da Sé, dos discursos apologeticos, das eclogas piscatorias, dos acrosticos, das nenias, das modinhas, dos lunduns, e das merendas no chão, em circulo de donzellas freiraticas, aias pretas e saguis, com geropiga e marmelada de Odivellas, tudo polvilhado pelo latim e pelo simonte de bojudos frades tumidos de sabedoria e de carnalidade, solemnemente empanturrados de textos canonicos e de gazes intestinaes.

Ella é do tempo em que os poetas se chamavam *Coridon, Melibeu, Elmano e Belmiro*. As mulheres eram *Anardas, Francelias e Marilias*. As senhoras da moda tinham a denominação de *peraltas, franças e secias;* e os homens que as namoravam «d'estafermo», como então se dizia, d'olho em branco e bico de pé para fóra, eram docemente intitulados por ellas mesmas os *faceiras* e os *bandalhos*. A espada de côrte, convertida no espadim, havia tomado o nome de *quitó*. O lenço branco era o *alcoviteiro das distancias*. As mãos eram *jasmins de carne*. Os pés eram *onças de neve*. Os olhos negros eram *figos de cupido* e os azuis *ciumes da vista*. A litteratura espirituosa e galhofeira, em dissidencia com a amenidade geral dos costumes beatos e delambidos, desentranhava-se em producções satyricas, de cuja fina graça e de cuja delicada subtileza se póde fazer idéa ainda hoje por alguns titulos d'obras sobreviventes, taes como *os Burros* a *Tripa Virada* e as *Gaitadas do Anão dos Assobios*.

Cortejada em 36, depois das campanhas da liberdade, pelos soldados victoriosos do cerco do Porto, que com pouca ceremonia se lhe foram sentar nas cadeiras, semicupiando-se na frescura claustral do ensino dos ardores que lhes haviam posto nos rins as patronas dos batalhões da carta, ella não perdeu jamais, nem com esse nem com outros contactos de civilisações subsequentes, o seu primitivo feitio de renascença pombalina, feitio emproado e campanudo, desembargatorio e padresco, meio de juiz tabaquento da real meza censoria do senhor rei D. José, meio de retreta mesureira e beata da mui piedosa senhora D. Maria I.

D'ahi o cheiro sepulchral ao gorgulho, ao mofo, aos santos oleos, a agua benta, a insenso e a morrão de toxa, que exhalam todos os attributos e todos os accessorios da *toilette* universitaria: os passamanes dos capellos, os requifes e os cordões das borlas, as becas, as batinas, os gorros dos escolares, as varas dos cathedraticos, as pastas dos bachareis, as maças dos bedeis, as fardas dos archeiros e os latões da charanga.

Como restos de antiga pompa, fossilisada hoje em caturreira de entremez, a Universidade continua a manter o exercicio jovial de um sino que tange para tudo: para a missa, para a lição, para o exame privado, para os actos grandes, para levantar da cama pela manhã, para ir á noite cear tranquillo á Camella, ou recolher morigerado á batota, e bem assim para annunciar que morreu lente, fausto successo em virtude do qual mandam os regulamentos que por meio de tres badaladas se suspendam os exercicios escolares, para que a briosa mocidade se entregue aos justos folguedos que o mortuorio dos seus mestres reclama.

Alem do sino a Universidade archiva na collecção archeologica das suas joias o exame *de vita et moribus*, a missa do Espirito Santo, a petição do adjutorio divino, a protestação de fé da bula de Pio IV, a defensa da Conceição Immaculada e o fôro academico.

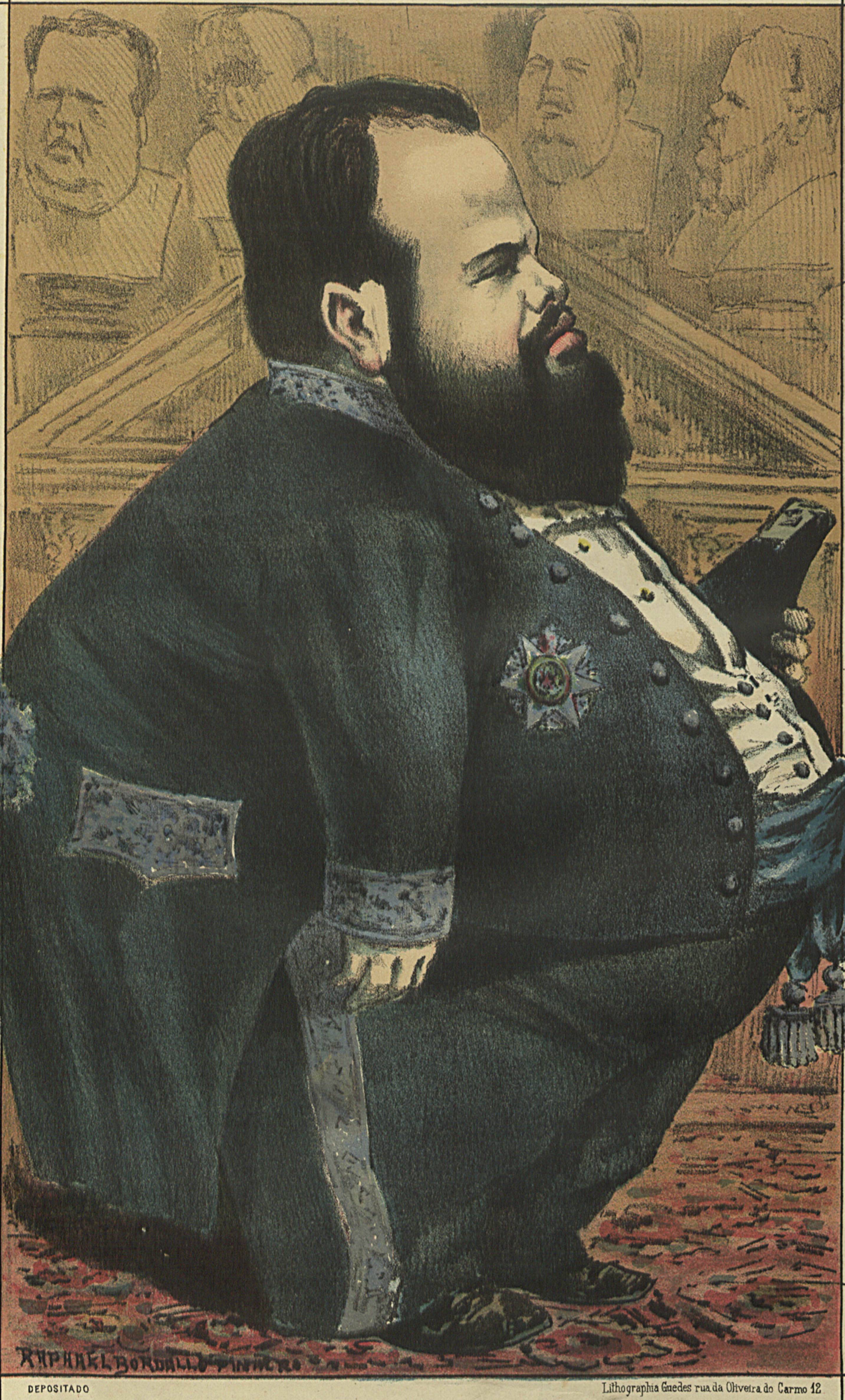
Apesar porem de todos esses symptomas de senilidade caduca, a Unniversidade conserva-se fecunda e prolifica, não sessando jámais de crear bachareis na mesma abundancia maravilhosa com que o Mondego cria lampreias, e Santo Antonio dos Olivaes cria pencas de manjar branco.

Depois de haverem bebido todo o leite da sabedoria que a Universidade lhes propina, os bachareis acabam por via de regra estoirando de fome ou indo á sua propria custa aprender outro officio menos esteril que o de bacharelar.

E' uso commovente entre os pachás, sempre que o Grão Turco lhes manda de presente uma corda, enforcarem-se com ella. Se a Universidade seguisse estas praxes de boa civilidade a cada uma das dadivas que os seus filhos lhe offertam, não teriamos hoje que fazer n'esta pagina o elogio d'essa instituição, porque ha muito tempo que ella teria cessado de existir, estrangulada. O modo porem como a Universidade ainda ultimamente procedeu com dois dos seus mais tenros filhos prova-nos que a propensão d'ella em presença dos baraços é toda para enforcar quem lh'os mostra.

Ah! bom Grão Turco!

João Ribaixo.



DEPOSITADO

Lithographia Guedes rua da Oliveira do Carmo 12

CONSERVISTA, CONSERVÁDOR, CONSERVATIVO E CONSERVEIRO

QUATOR IN CARNE UNA

Rosa Araujo

Chateaubriand teve a fortuna de dar o seu nome a uma especialidade de bife. D'ahi a immortalidade d'esse genio atravez das diversas gerações litterarias que se lhe teem seguido. Renato (assim se chamava o mais popular dos heroes celebrisados por esse bem conceituado escriptor) morreu ha muito na memoria das sociedades cultas. O mesmo nome, Renato que tão febrilmente fez pulsar, sedentos de paixão e de ideal, os corações de nossas avós, tornou-se archaico, caturra, tabaquento; ao passo que, sempre na moda, o bife chateaubriand ficou, e será eterno emquanto no universo houver homens com appetite, e bois com lombo.

Aquelle dos nossos gloriosos compatriotas cujo perfil burguez e honrado se fixa hoje nas paginas d'este album teve na historia uma fortuna egual á do primeiro poeta do romantismo em França: elle deu o nome a um pastel delicioso; ou antes, um delicioso pastel de sua invenção lhe deu o nome a elle.

Como quer que seja, desde que o seu nome, o seu appelido ou o seu cognome se acha vinculado, quer de causa para effeito, quer de effeito para causa, o facto positivo e consumado de um aperfeiçoamento de confeitaria, o qual, por mais insignificante que possa parecer, representa um progresso verdadeiro, real e indiscutivel, no bem estar da humanidade; desde que este indestructivel vinculo se estabeleceu entre a obra e o obreiro, o homem feliz objecto d'essa conjunção providencial, não só é legitimamente celebre mas é veneravel.

Os srs. podem-se rir, querendo. Nós ficamos serios e inclinados com respeito deante d'este benemerito trabalhador, porque precisamos de economisar todas as gargalhadas de que podemos dispor para as enviar, quando a occasião se offereça, ao nariz de tanto manecôco que por ahi anda a usurpar a estima e a consideração publica sem nunca ter inventado coisa alguma, nem mesmo a polvora! sem jamais ter feito coisa que de memoria d'homens conste para augmento da dignidade, da força, da alegria ou do prazer dos seus similhantes.

O povo de Lisboa, elevando pelo suffragio á dignidade de primeiro dos representantes do municipio Rosa Araujo, por sympathica e gloriosa alcunha Cócó, filho de um conserveiro e conserveiro elle mesmo na travessa de S. Nicolau, deu por esse facto á civilisação o exemplo de estima e de respeito pelo trabalho honesto e humilde que mais honra faz á capital d'estes reinos, cuja população tão bem parece querer fingir d'outras vezes, no seu fetichismo dos sangues dynasticos e dos sangues azues, que não passa, em democracia, de uma pobre banasola servil e basbaque.

O sagrado principio do direito do trabalho ante posto ao direito do nascimento achava-se representado na Europa moderna por Miguel Ney' que de tanoeiro chegou a marechal de França; por Murat, moço de cavallariça, que foi rei; por Thiers, que, filho de um despachante de Marselha, foi presidente da Republica Franceza; pelo doutor Velpeau, filho de um ferrador; por Cousin, filho de um official d'ourives; pelo ministro do segundo imperio Duruy, filho de um taberneiro; e por Gambetta, Ernesto Renan, Edmond About, filhos de tendeiros. Em Lisboa é Rosa Araujo quem personifica victoriosamente a theoria democratica do novo direito.

Como tal elle é uma das glorias mais limpas e mais puras da nação.

Exigir dos seus merecimentos que, como director e como administrador da municipalidade lisbonense, elle tenha mais virtudes e mais ideias que a justa media dos municipes, é exigir de mais. Elle seria um tyrano, um usurpador, um indigno *poder pessoal* e, por tanto, um falso e espurio representante da burguezia, se soubesse mais do que ella.

Para bem presidir a uma assembléa de mandatarios do povo é preciso não ter menos, mas tambem não ter mais, do que as condicções seguintes:—bom genio, boa fé e boa presença.

Ora é precisamente o que elle tem. A sua figura responde pelas suas qualidades: é o primeiro obeso de Lisboa.

O chocolate Mathias Lopes, de per si só, não basta para explicar este phenomeno. E' preciso a mais afiançada mansidão e a mais inteira bondade, reunida a muita fecula, para levar o homem até áquellas proporções, que são a grande base anathomica da estabilidade e da ordem nas instituições sociaes.

Só o mais negro scepticismo ou a mais perfida má fé poderão pôr em duvida que a este vulto falte a esphera precisa para bem prehencher os mais amplos encargos presidenciaes de uma circumscripção municipal.

Conta-se que um dia, tendo cedido um par de calças a um elephante que lh'as pedira emprestadas com medo que lhe rebentasse a pelle por ter comido muito, as calças d'elle serviram ao pachiderme.

Nos faustos dias do seu anniversario natalicio tem de juntar-se a vereação toda, de mãos dadas, para o abraçar pela cinta.

Em casas de pouco pé direito elle dorme em pé, porque bate no tecto deitando-se.

Emquanto aos seus proprios pés este varão não faz idéa alguma do tamanho que elles teem, porque nunca na sua vida os viu!

Terminando estas regras com a declaração formal e cathegorica de que nunca vimos melhor homem, obriganos o nosso estricto dever a declarar tambem, sob a nossa palavra de honra,—que nunca o vimos mais gordo!

João Ribaixo.

1883, Typ. 21, Rua Augusta, 25. Lisboa

DEPOSITADO

Lithographia Guedes rua da Oliveira do Carmo, 12

* N. 36 em vez de 37

TALENTO E ELEGANCIA

Lucinda Simões

A cada novo papel que ella representa, a imprensa acode e diz que D. Lucinda é uma verdadeira senhora de sala. A maior parte das outras são da rua. Os criticos conheceram-a em pequena e são contestes em affirmar que era menina prendada e circumspecta, de familia de estimação.

Não precisamos de saber mais nada. Isto nos basta para explicar a rasão porque ella não tem tanto talento como a Rachel ou como a Ristori.

Educarem-a!

Faz-se ideia do processo: dois dedos de francez, primeira communhão de vestido branco e cabello frisado em papelotes, *prece da virgem* ao piano, *flores d'alma* em recitação, e as competentes prendas de mãos em canotilho, missanga, cera, cabellos, miolo de sabugueiro, burriés e mais materias primas sobre que versa o curso elementar da aprendizagem artistica do bello sexo em Portugal.

Cumpre advertir, para restabelecer a justa proporção das coisas, que Rachel, meus caros senhores, não recebeu educação nenhuma. Nunca a besuntaram com os ingredientes do preparo imposto entre nós ás classes cultas pelo predominio pedagogico de João Felix, de Macario, de Justino Soares e de Cecilia Fernandes. Ninguem em pequena a penteou como um cão d'agua ou a vestio como um macaco sabio para ir dansar no Passeio; ninguem a ensinou a andar d'anjo nas procissões da Baixa nem a arrebitar a ponta do dedo minimo para ser delicada no manuseamento das obras poeticas de Florencio Ferreira. O pae de Rachel, que era um bufarinheiro, creou-a á solta, como uma nobre fera, sem collegio de educação, sem mestra de cuia, sem compendio de civilidade e sem exame do lyceu.

Ristori, filha de um saltimbanco, se mais tarde veio a dar lições de magestade a todas as rainhas do mundo, é que nunca conviveu com pessoas finas que, para o fim de lhe insuflarem madamismo, lhe houvessem pervertido na infancia o porte sobranceiro da cabeça, a decisão petulante do passo e a verticalidade insolente da espinha.

Para chegar a ser o que hoje é, uma espirituosa comediante e uma fina actriz, Lucinda Simões teve portanto de realisar duas enormes tarefas em vez de uma,—fazer a educação que adquiriu pela sua força e desfazer a que lhe deu o meio social e o meio litterario em que se creou.

Este consideravel esforço de intelligencia e de vontade obriga-nos a inclinarmo-nos com reverencia deante da gentil e interessante figura que hoje toma logar n'esta galeria.

De mais, a vida de uma actriz—e isso basta para a tornar sagrada—representa sempre a maior somma de trabalho de que é susceptivel uma organisação de mulher.

A arte é tão absorvente como a religião, e o theatro constitue uma clausura onde a penitencia é mais rigogosa que nos mais cerrados mosteiros.

A mulher que faz votos d'actriz morre para o mundo como a que faz votos de freira.

Cessa de ir á missa e de ir á sociedade. Acabaram para ella os bailes e os serões intimos e honestos ao crochet, entre amigas, em torno do candieiro; e não somente lhe são vedados os chás de familia, como tambem lhe é defesa a convivencia das familias que tomam chá.

Emquanto as outras mulheres gosam o praser de fazer visitas, de ir ás lojas ou de passear ao sol nos bellos dias de inverno, com os seus filhos pela mão e um ramo de violetas ao peito, a actriz, enrolada n'um chale, com os calafrios que se succedem á febre de uma noite de commoção no palco, vae para o ensaio, pallida, com olheiras, vestida e penteada deleixadamente e á pressa, atirada em trouxa para o canto de uma carruagem, ou a pé, com o veu descido e o papel em estudo enrolado dentro do *manchon*.

O palco, visto de dia, é tenebroso como um subterraneo. Paredes e tecto são formados por uma agglomeração informe de traves, de molhos de cordas, de ripes de pinho e de pedaços de tela pintada em tons lamacentos e baços, exalando o cheiro tabido e nauseabundo da colla; um chão denegrido e quadrilhado de alçapões; um banco a um lado entre dois arcabouços de uma armação de sala ou de bosque; e, ao fundo, na penumbra de um bico de gaz alumiando o caderno da peça em ensaios, a mesa a que está sentado o ponto, o ensaiador e o director de scena, de chapeus na cabeça, fazendo luzir em vermelho nas trevas da sala deserta o lume dos cigarros!

Lucinda!—E o ensaiador, chamando, bate na mesa com os nós dos dedos.

—Onde diabo está a Lucinda?

—Eh lá! Lucinda!... em scena!

—Lucinda, a dois, esquerda! Attenção á deixa!... Siga!

Quando se não ensaia no palco, estuda-se em casa; sempre que se não estuda em casa, ensaia-se ou representa-se no theatro.

Tendo por objecto interpretar todos os tramites das paixões modernas, tão subtilisadas e tão corrompidas pela nevrose do seculo, a arte contemporanea tem de ser essencialmente analytica e observadora. A obra, toda de exame e de minucia, arrebata inteiramente e sequestra o obreiro, a quem a preoccupação exclusiva do trabalho em mente acaba por seguir para toda a parte, denominando-o a si proprio em todos os actos da vida, no recolhimento do trabalho ou no ruido da multidão, nos seus negocios e nas suas affeições, no carinho da amisade, no proprio extase do amor, e até no supremo soluço da morte.

Pobres actrizes! Esposando voluntariamente a arte, na abnegação e no sacrificio de todo o seu ser, como as antigas monjas esposavam Deus, ellas são as escravas do ideal. *Ecce ancillae domini!*

E' n'ellas que o verbo da poesia se encarna para resgatar o homem, pela ficção theatral, pela comedia e pelo drama, das amarguras e das miserias da vida real, das ambições pelintras da politica, das voracidades sordidas do ganho, da magua das illusões perdidas, da inveja do bem dos outros e do nojo de si mesmo.

Que hoje desapparecessem da face da terra por um cataclismo repentino todas as doutoras que as universidades nos teem dado nos ultimos annos, todas as medicas, todas as boticarias, todas as modistas, todas as escriptoras com o logar mais distinto na civilisação contemporanea; e, cerrando os homens um pouco mais as fileiras, todo o movimento social proseguiria no seu curso sem perturbação sensivel.

Sessassem porem de representar desde esta noite as actrizes, e um lucto enorme, de pae, de filho, de esposo e d'amante espiritual, cahiria como uma tristeza incuravel e immensa sobre a grande alma d'aquelle que nos theatros toma o nome artistico de *publico*, e que é o *povo*.

Em nome pois do povo e em nome da arte, salvé, irmã Lucinda!

João Ribaixo

DEPOSITADO

Off. Photomechanica

CARTA... LIBERAL; CHAMPAGNE... NACIONAL.

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Tem cincoenta annos de parlamento—e pouco mais tem de cincoenta cabellos brancos. O seu penteado, cuidadoso, abre-se em duas pastas irregulares, fixas com lustroso cosmetico de Lubin. Ora a cabelleira d'um parlamentar é a expressão, capilar, da sua tendencia tribunicia—por isso um só cabello basta para recompor, mais pêllo menos pêllo, toda a historia d'um orador:

Cabelleira solta e revolta, denuncia o feitio, a decisão, a combatividade dos que, possuindo uma granha hirsuta, sabem arrastar atraz de si a multidão. D'esses encabellados, uns dominam com a belleza impecavel da forma, revestindo seductoramente uma imagem—como Antonio Candido; outros vencem, contorcendo com a agudeza ironica da phrase—como o visconde de Chancelleiros; outros, ainda, enthusiasmam com o calor communicativo do arremesso—como José d'Alpoim. O primeiro que tirou da cabelleira que Deus lhe deu os grandes effeitos tribunicios, foi Danton,—que os estudára nos movimentos, sacudidos, da juba d'um leão furioso! Orador calvo tem de ser orador calmo, porque se não tem os trez pêllos bismarchianos, como o sr. Emygdio Navarro, hade arrepelar a pêra—como o sr. Dias Ferreira. Orador cabelludo, obrigado ao córte á escovinha, acepilha com energia todos os assumptos—como o sr. Arroyo. Orador de pôpa fina, arrepiada, como o sr. Hintze, é orador prompto a encristar contra todos os contrarios. Orador de grande mecha descahida, em fios largos e abandonados, é orador que, sem cuidar na ganforina, mergulha com despreocupação até ás profundidades mysteriosas dos abysmos orçamentaes—como o sr. Marianno.

A exemplificação d'esta theoria, indiscutivel, resalta do exame á historia do biographado n'este numero do *Album das Glorias*. Toda a sua *carreira* de politico harmonisa-se, com singular propriedade, com a linha impeccavel e correcta...da *carreira* que abre o seu penteado irreprehensivel.

Aos 19 annos, em 1853, veiu á camara a primeira vez, eleito pela Villa da Feira. Todos sabem como, modernamente, quem não alcança a pasta de ministro na primeira legislatura se julga desmerecido em seus meritos e desacatado nas suas prosapias. O desalento e o despeito engendram logo a apostasia—tal como a explicáva o poeta:

O infiel passa a christão com rapidez,
Duas vezes ou trez...

José Luciano de Castro tinha outros principios—e outra marrafa. De 1853 a 1869, depois de 16 annos de luctas, de serviços partidarios, na imprensa e no parlamento, é que recebeu a pasta de justiça—para que desde muito se penteava—sempre no mesmo cabelleireiro, isto é, sempre dentro do mesmo partido. Em 1879 era ministro do reino,—que é o arcebispado de Mythelene na egreja politica portugueza: governa-se o patriarchado e fica-se indicado para a successão primacial. Foi o que aconteceu. Em 1886 a camara viu-o já sagrado chefe de partido e chefe do governo. A *carreirinha* sempre direita. A *cabelleira* inalteravel na côr...

Como homem de governo quem queira cingir-se á noção perfeita das regras que estabelecemos, terá occasião de observar a exactidão absolucta das normas já apontádas. O sr. José Luciano nem se arrepela quando as difficuldades apparecem, nem se arrepia quando as situações embaraçosas surgem. O pente d'alisar exerce inalteravelmente as suas funcções imperturbaveis,—ainda nas manhãs mais agitadas das sessões que se annunciam borrascosas. Por isso, mesmo quando a febre lhe abatia as forças e o seu apparecimento na camara era um milagre de resistencia á doença, os adversarios não lograram ver-lhe a serenidade alterada, nem o penteado descuidado. Disseram-lhe cousas que eram de pôr os cabellos em pé,—mas a bandolina evitou essa demonstração. Os pêllos do bigode eram os mais revoltosos—mas esses não os largou elle nunca da mão,—como quando, no periodo da chefia da resistencia liberal, tinha d'escutar as propostas subversivas e subnasaes ... do sr. Fuschini. Bigode que escapou aos repellões que então levou é bigode para durar cem annos, pelos menos...

Como orador parlamentar os seus discursos soffreram, com os annos, uma modificação radical. A violencia foi substituida pela ironia, a aggressão pelo conselho cordato, a impaciencia do mando pela isenção desambiciosa. Houve tempo em que a Carta era para elle uma arrelia, hoje a Carta passou a ser para elle uma mania. Primeiro . violou-a, depois... amou-a! O contrario é que é da ordem natural das paixões—mas o sr. José Luciano está na idade perigosa: quando vem a paixão não se cede a nenhuma consideração. Em todo o caso, n'este momento, e n'este terreno é que se accentua a differença capital nos partidos em turno: um proclama-se o *regenerado*, outro continua a affirmar que é o *regenerador*.

Como chefe de partido o sr. Luciano de Castro é. . o mais amoravel dos chefes de familia. Por isso no verão... na epocha da peregrinação á Anadia, não ha correligionario que ali não tenha direito a casa, cama, meza e roupa lavada. Se se tiver em conta que o sitio é lindo, a familia infatigavel no favor, a casa magnifica, a meza excellente...e o *champagne*, de fabricação nacional e caseira, abundante,—ter-se-ha a explicação de como o partidarismo ali soffre um desdobramento: ha *lucianacios* que se dispensam de ser progressistas. E' verdade que esses não fazem concorrencia aos bons empregos—limitam-se a sêr concorrentes...aos bons petiscos. Ha tal que depois de receber, e mandar para casa, um bom casal de perus—brancos, continua, assiduamente, até comer outro casal de perus—pretos ..

RI-BOMBA.

Typ. Gonçalves, R. do Alecrim, 82

COMPRA
207710

DEPOSITADO

Offª Photomechanica

PENNA DE PATO...D'OURO.

BULHÃO PATO

Se eu um dia fôsse *cicerone* d'algum extrangeiro illustre, e se esse extrangeiro, depois de ter visto a Batalha, as rendas de Peniche, a custodia de Belem e a Collegiada de Guimarães, me pedisse para conhecer a creatura mais intensamente portugueza, mais cheia de sol e de raça que tivesse deitado Portugal, eu levava-o á Torre da Caparica e mostrava-lhe essa reliquia solemne do velho espirito luzitano que se chama no seculo o grande poeta Bulhão Pato.

Com effeito, nenhuma figura de homem reveste em Portugal mais amplamente o caracter da sua nacionalidade e da sua raça.

Tem um pouco do mosarabe pela ardencia e pelo amor da côr, pela expontaneidade e pela impetuosidade, pelo exagero e pelo pittoresco, — e um pouco do godo puro, pela linha fidalga da sua figura ossea e nobre, pela polidez excessiva das suas falas e pelo palacianismo empoado dás suas mesuras.

Juba leonina de prata oleosa, ampla testa espiritual e grave, olho arguto de aguia, envergadura poderosa de valente, medulla educada pelas rudezas da caça, o typo do velho poeta marcou uma individualidade brilhante na sociedade romantica de 1860, e é hoje uma linda e sagrada saudade no meio d'esta pequena burguezia cosmopolita e balofa, que se perpetúa em pimpolhos loiros e imbecis, e reza ladainhas beatas pela sombra picada d'ouro das sacristias.

Bulhão Pato representa um caracter, fugido á grande onda amorpha dos incaracteristicos.

Vestissem-lhe um gibão hollandez, á Rembrandt, e teriam uma das extraordinarias figuras dos syndicos. Envolvessem-n'o n'uma ampla samarra de panno de Galles, e surgiria uma especie barbara de Nun' Alvares.

O seu gesto é largo, em curva, ampliado, castelhano, excessivo, como os typos das Comédias de Moreto; a palavra escandida, batida ás vezes n'uma seccura de matraca, outras vezes plastica, redonda, cheia, n'um geito de declamação constante e cantante, onde se apercebe um exagero sympathico e ligeiramente cervantino.

Em tamanho natural, é o symbolo perfeito do portuguez; ampliado, seria uma excellente caricatura.

Mas a chancella da raça, em Bulhão Pato, é extensiva ás suas predilecções, aos seus costumes e aos seus habitos.

O velho poeta refugiado tem hoje uma lenda de quasi devoção.

Vive recolhido como um frade bento, — e foi tumultuário como um poeta mundano.

O sonhador da *Paquita*, todo espiritual, d'olhos illuminados e grande cabelleira á *Capoul*, é tambem o caçador ousado, de casaco de velludo e grande sombreiro castorenho, batendo perdizes nos montes e correndo lébres nos espargaes.

Indistinctamente, sem se sentir, com a mesma simplicidade e a mesma facilidade, deita uma parelha de galgos ás lebres ou uma parelha de alexandrinos á Fama.

A idéa da victoria e da conquista estava para elle, indifferentemente, na mulher perseguida que cahia a um beijo, como na perdiz cinzenta que abate a um tiro.

Santo Umberto dava o braço a *D. Juan*.

Hoje, duas saudades o acompanham : a da sua mocidade agitando triumphos como uma bandeira rubra ao vento, e a das suas pernas rijas, que principiam agora a envergonhal-o e a vacillar.

Mas o estomago e a cabeça conservam-se fortes. O poeta e o cosinheiro, estão ainda no explendor da primeira mocidade.

Não ha bom portuguez que não tenha lido as *Satyras*, e as *Georgicas*, ou comido, ao menos uma vez na vida, «lébre á Bulhão Pato»

Porque, fiquem os senhores sabendo, se o não sabiam ainda, que o grande poeta é um cosinheiro illustre, como de resto o é tambem Ramalho Ortigão, esse complexo e precioso espirito que ensinou Portugal a escrever bôa prosa e a fazer batatas fritas.

A cosinha de Bulhão Pato é toda de emoções e de coloráu picante, — uma cosinha declamatoria e grandiosa, cortada de especiarias e drogas, como os *Colloquios* de Garcia da Orta, e puxando a lagrima, piedosamente, á força de pimentão, como um sermão do *Frade Lagosta*.

De vez em quando, a cosinha do grande poeta mette a sua pitadinha de sal attico: então o nosso Berchoux passa a mão ossea e fidalga pela barba argentea de velho de Espanholeto, e ou sae uma satyra valente á antiga portugueza, ou um prato picante de «perdizes á castelhana».

De resto, é em tudo um victorioso.

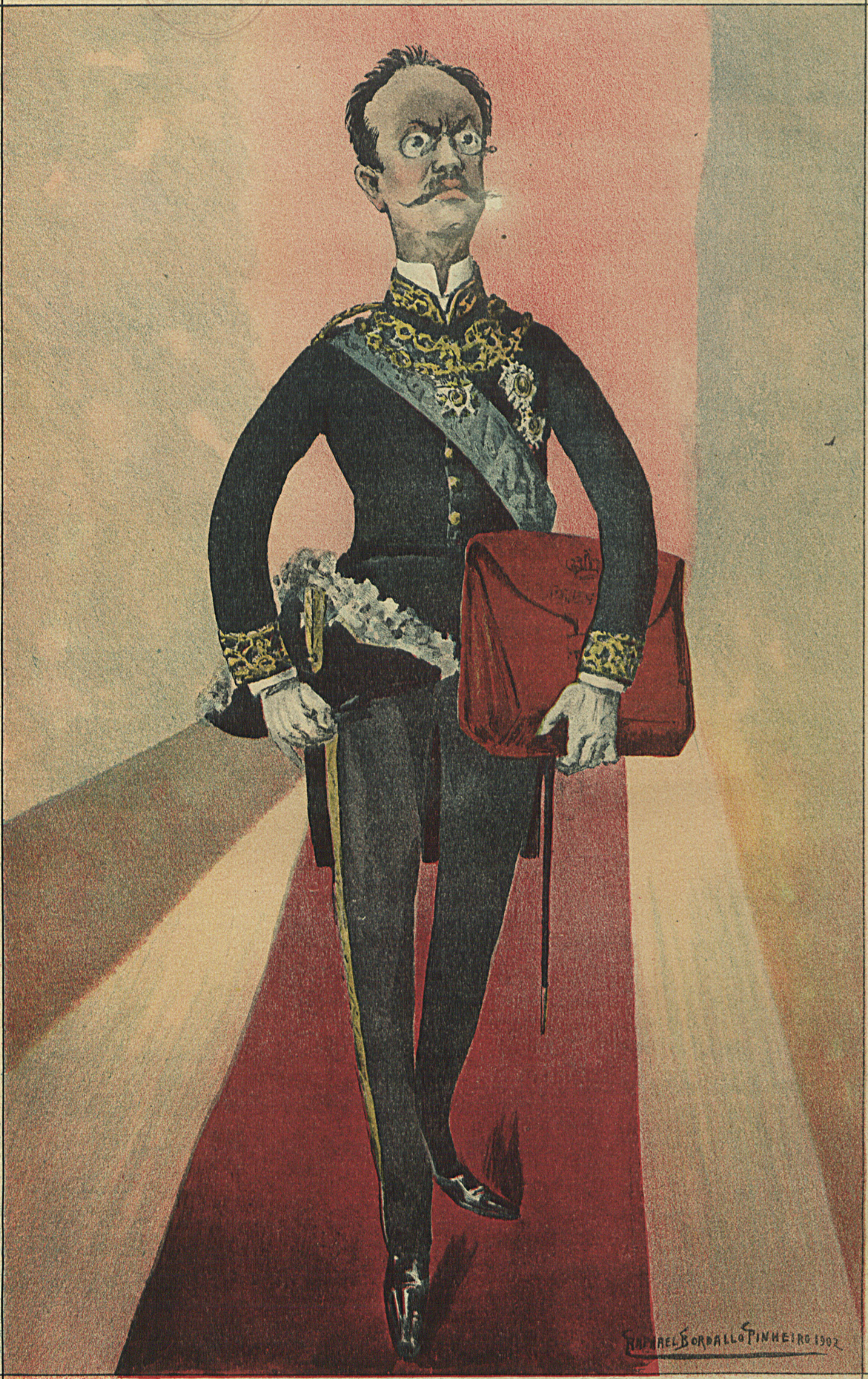
As suas liricas parecem um desfilar de pedras preciosas : as suas tradições de caçador honrariam a memoria do Farrobo ; a sua lenda de *D. Juan* faz ainda hoje córar muita dôce velhinha de cabellos brancos.

Mas uma das maiores paixões de Bulhão Pato é sem duvida a cosinha, essa tentadora cosinha portugueza, fradesca e solémne, que faz ao mesmo tempo arthriticos e heroes.

E tanto assim é, tanto a sua paixão é grande, que o illustre poeta não hesitaria de certo em arrancar uma folha á corôa de louros, — só para temperar melhor a sua célebre «assorda á Andaluza» !

Rufo.

Typ. Gonçalves, R. do Alecrim, 82



DEPOSITADO

OFF. Photomechanica

É DE FERRO, É DE FERRO, É DE FERRO E TENHO DITO.
É DE FERRO, É DE FERRO, É DE FERRO E BEM BONITO.

ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO

As fadas, quando elle nasceu, tiveram aviso pelo murmurio dos arvoredos, pelo cantar das fontes, pelo correio dos perfumes, e foram-se todas a correr para a Ilha de S. Miguel.

Voaram umas pelos ares em carros d'oiro tirados por pombinhas brancas, que fitas côr de rosa governavam; algumas tomaram o caminho do interior da terra e surgiram vaporosas entre os vapores das furnas; navegaram outras atravez do Oceano, acompanhadas pelos tritões, que já andavam esquecidos de tão maravilhosas cerimonias.

Cortando as ondas, foi a Rainha das Fadas, muito velhinha, já tão pequenina que mal se via, na casquinha de noz que seu ultimo dente ainda soubéra partir. Todas a esperavam e nenhuma offerecêra brinde sem que Sua Magestade revelasse primeiramente o seu.

Foi um pasmo quando o viram, e o «oh!» de espanto, que as lindas boccas soltaram, correu o mundo e, como brisa balsamica, acariciou, n'uma onda de harmonia, as copas verdejantes das florestas.

Dera a Rainha ao sr Hintze a famosa sobrecasaca E as outras partiram maravilhadas de tal dadiva tão rica, envergonhadas das perolas e brilhantes que traziam e lá voltaram nos escrinios burilados.

Dias depois, realisou-se o baptisado, e o menino foi de sobrecasaca ao cólo da comadre. O padre atarantado enganou-se no latim e perguntou ao neophito :— «V. Ex.ª vis baptisare ?»

A população andou muitos dias de bocca aberta e a comadre teve um accesso de orgulho que muito a prejudicou em seu futuro.

Ao dar na vida o primeiro passo a serio, o sr. Hintze foi para a escóla de collarinhos á mamã e de sobrecasaca. As velhas sorriam-se, desvanecidas, ao verem-o passar pelas ruas, consciente de seu valor, com seu olhar muito doce, sorriso sympathico. O mestre não deixava nunca de recommendar aos outros meninos :—«Cuidado com o pallio d'este sr.»

A' noite, despia a sobrecasaca, observava-a muito, dobrava-a com o maior cuidado e guardava-a na gaveta. Então, caso extranho, a camisa de dormir assumia um ar severo de toga, de substituta d'um symbolo.

Mas, n'esse tempo, só fadas sabiam que destino esperava o afilhado valido da Rainha generosa:

De quando em quando, o sr. Hintze escutava misteriosas vozes que lhe diziam : — «Aguenta-te de pé, que tens musculo; não me encostes ás paredes sujas.» E elle aprumava-se.

Aprumadissimo entrou na Universidade, e, quando, ao domingo, com o competente appendice do chapéo alto, passeava no Jardim Botanico, os lentes diziam-lhe: — «Passe V. Ex.ª muito bem.» E o sr. Hintze não sabia se aquelle *V. Ex.*ª era elle, se era a sobrecasaca.

Chegou finalmente o dia solemne em que o sr. Hintze começou a beber copos d'agua na sala do Parlamento. E todos pasmavam, falavam de esporas d'oiro, de corôas viridentes; velhotes latinistas citavam o *Tu Marcellus eris*. N'essa occasião, a sobrecasaca tufou um bocadinho e as bandas de seda tiveram reflexos mais vivos. Uma voz muito doce disse ao ouvido do sr. Hintze um simples monosyllabo : — «Vês?» E elle viu n'um raio de luz subir para a claraboia uma casca de noz onde ia uma velhinha.

Os outros deputados diziam entre si : — «Quem seria o alfayate ?» E o sr. Hintze, com os seus botões: — «Estão servidos.»

Logo deram entrada em scena varias vestimentas invejosas : jaquetões de algibebe, fardas agaloadas de latão, casacas viradas, que nem pareciam da lã humilde das ovelhas. Praguejavam, conspiravam, roçavam-se pela rival a ver se podiam coçal-a um bocadinho. E a sobrecasaca incolume !

Houve, porém, um momento em que o sr. Hintze tremeu pelo futuro da casta vestimenta : o botão de cima, do lado esquerdo, esteve por um fio, tanto pretendente o puxou, o repuxou, o torceu, o sacudiu, explicando requerimentos, memoriaes, grandes idéas, planos excentricos. Foi então que o sr. Hintze appelou para os continuos salvadores.

— S. Ex.ª ?

— Não fala a ninguem !

Vieram outros e, rebuçando em madrigaes as pretenções, começaram a dar-lhe piparotes na gola, a sacudir-lhe das bandas grãos de pó hypothetico. Mas elle deixava-os falar, e sorria com seu sorriso bondoso, ás vezes um nadinha ironico, que bem sabia em que estado de aceio trazia o panno fino. Atravessou com elle o carnaval da politica e não houve cartuxo de pós que lhe acertasse, rabo leve por que não desse.

O presente da santa velhinha começou a parecer um symbolo, a ter luz propria. Direita, grave, seria, abotoada até acima, a todos impunha respeito a sobrecasaca, habituada ás frontes curvas. Ao dar entrada no Parlamento, ouvia sempre vozes murmurando : — «Lá vem ella!» E todos se calavam em estudioso recolhimento, procurando no cahir das abas, na curva da gola, nas pregas das mangas, adivinhar-lhe a psychologia.

O sr. Hintze continua todas as noites a escoval-a, a endireital-a, a dobral-a com todo o geitinho, a fechal-a na gaveta, ao pé do penacho. Não tem uma nodoa, não lhe cahiu em cima um grão de pó E, quando elle morrer, ha de leval-a para o céo, porque nunca lhe metteu nada nas algibeiras.

Muito intelligente e trabalhador, prefere sobretudo ser limpo.

João Evangelista.

Typ. Gonçalves, R. do Alecrim, 82